

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Sharika Mahomadali Mahomed

Lisboa, julho de 2013

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Sharika Mahomadali Mahomed

**Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Educação Pré-escolar e 1ºciclo, sob a orientação do
Professor Doutor Luís Miguel de Castro Larcher**

Lisboa, julho de 2013



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a) Juís Miguel de Castro Jorcha Castell, S.C.,
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado(a) Saharika Mahommedali Mahomed

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) Educação Pré-Es-
colar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico considero que se trata
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo
Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 24 de Julh. de 20 13



Agradecimentos

Embora um relatório de estágio seja, pela sua finalidade académica, extensão e amplitude, um trabalho de extrema importância, seja pela reflexão e sustentação teórica que me proporcionou seja pela contribuição que me dará para/no meu futuro profissional, há contributos de natureza diversa que não podem nem devem deixar de ser realçados. Por essa razão, desejo expressar os meus sinceros agradecimentos, de forma a homenagear as pessoas que contribuíram para a pessoa que hoje sou.

À Escola Superior de Educação João de Deus vão os votos de agradecimentos, desde o Doutor António Ponces de Carvalho, pela sua enorme dedicação na continuação do trabalho fantástico iniciado pelos seus antepassados, como a todos os docentes e não docentes, em especial ao Professor Doutor Luís Larcher, que me orientou durante a realização deste Relatório de Estágio Profissional, o seu apoio, confiança e disponibilidade.

Ao Professor Doutor José de Almeida agradeço a sua disponibilidade para fornecer informações necessárias para a realização deste relatório e por esclarecer todas as dúvidas.

Igualmente, os meus agradecimentos a toda a equipa de Supervisão Pedagógica, bem como às educadoras e professoras cooperantes que contribuíram para a minha formação enquanto docente.

A todas as crianças que sempre me fizeram acreditar que ser educador ou professor valia a pena.

A todas as minhas colegas, um enorme obrigada, por me proporcionarem momentos enriquecedores, em especial à Ana Nascimento, Inês Matela, Joana Ferreira e Patrícia Lopes.

Um agradecimento muito especial a toda a minha família e amigos que, direta ou indiretamente fizeram de mim a pessoa que sou hoje.

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

O Príncipezinho, de **Antoine de Saint - Exupéry**

Índice Geral

Índice de Figuras	XV
Índice de Quadros	XVII
Introdução	1
1. Identificação do local de estágio	3
2. Descrição da estrutura do relatório do estágio profissional	4
3. Importância da elaboração do estágio profissional	4
4. Identificação do grupo de estágio	5
5. Metodologia utilizada	5
6. Pertinência do Estágio	6
7. Cronograma	6
Capítulo 1 – Relatos Diários	9
Descrição do capítulo	11
1.ª Secção: 1.º semestre de estágio profissional - 27 de setembro de 2011 a 10 de fevereiro de 2012	15
1.1. Subsecção - Período de estágio no bibe Azul A (5 anos): 27 de setembro de 2011 a 4 de novembro de 2011	15
1.1.1. Caracterização da Turma	15
1.1.2. Caracterização do Espaço	15
1.1.3. Rotinas Diárias	16
1.1.4. Horário	20
1.1.5. Relatos Diários	21
1.2. Subsecção – Período de estágio no bibe Amarelo A (3 anos): 7 de novembro de 2011 a 16 de dezembro de 2011	39
1.2.1. Caracterização da Turma	39
1.2.2. Caracterização do Espaço	39
1.2.3. Rotinas Diárias	40
1.2.4. Horário	41
1.2.5. Relatos Diários	42
1.3. Subsecção – Período de estágio no bibe Encarnado A (4 anos): 2 de janeiro de 2012 a 10 de fevereiro de 2012	55
1.3.1. Caracterização da Turma	55
1.3.2. Caracterização do Espaço	55
1.3.3. Rotinas Diárias	56
1.3.4. Horário	56
1.3.5. Rotinas Diárias	57

2. ^a Secção – Seminário de contacto com a Realidade Educativa:	
Escola pública de Lisboa	72
2.1. Caracterização da Turma	72
2.2. Caracterização do Espaço	72
2.3. Rotinas Diárias	72
2.4. Horário	73
2.5. Relatos Diários	74
3. ^a Secção - 2. ^o Semestre: Jardim-Escola João de Deus de Alvalade (5 de março de 2012 a 6 de julho de 2012)	76
3.1. Subsecção – Período de estágio no bibe Verde A (2. ^o ano):	
5 de março de 2012 a 27 de abril de 2012	76
3.1.1. Caraterização da Turma	76
3.1.2. Caracterização do Espaço	76
3.1.3. Rotinas Diárias	76
3.1.4. Horário	76
3.1.5. Relatos Diários	77
3.2. Subsecção – Período de estágio no bibe Castanho A (1. ^o ano):	
1 de maio de 2012 a 22 de junho de 2012	92
3.2.1. Caracterização da Turma	92
3.2.2. Caracterização do Espaço	92
3.2.3. Rotinas Diárias	92
3.2.4. Horário	92
3.2.5. Relatos Diários	93
4. ^a Secção: Período de Estágio – Ludoteca na E.B.1 Galinheiras (2. ^o Semestre)	111
4.1. Relato Diário	111
5. ^a Secção Período de Estágio – 3. ^o Semestre: Jardim-Escola João de Deus de Alvalade (25 de setembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013)	1113
5.1. Subsecção – Período de estágio no bibe Azul-escuro A (4. ^o ano):	
25 de setembro de 2012 a 16 de novembro de 2012	113
5.1.1. Caraterização da Turma	113
5.1.2. Caracterização do Espaço	113
5.1.3. Rotinas Diárias	114
5.1.4. Horário	114
5.1.5. Relatos Diários	115
5.2. Subsecção – Período de estágio no bibe Azul Claro A (3. ^o ano):	
19 de novembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013	132
5.2.1. Caraterização da Turma	132

5.2.2. Caracterização do Espaço	132
5.2.3. Rotinas Diárias	132
5.2.4. Horário	133
5.2.5. Relatos Diários	134
Capítulo 2 – Planificações	151
Descrição do capítulo	153
1. Fundamentação teórica	153
2. Planificações em quadro	157
2.1. Planificações na Educação Pré-escolar	157
2.1.1. Plano de aula: Área do Conhecimento do Mundo	157
2.1.2. Plano de aula: Área de Expressão e Comunicação, Domínio da Matemática	159
2.2. Planificações no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	161
2.2.1. Plano de aula: Área de Língua Portuguesa	161
2.2.2. Plano de aula: Área de Estudo do Meio	163
Capítulo 3 – Diapositivos de Avaliação	167
Descrição do capítulo	169
1. Fundamentação Teórica	169
2. Dispositivos de Avaliação	174
2.1. Avaliação da atividade no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita	174
2.1.1. Contextualização da atividade	174
2.1.2. Parâmetros e Critérios de Avaliação	174
2.1.3. Grelha de Avaliação da atividade no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	175
2.1.4. Descrição da Grelha	177
2.1.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular	177
2.2. Avaliação da atividade no domínio da Matemática	178
2.2.1. Contextualização da atividade	178
2.2.2. Parâmetros e Critérios de Avaliação	178
2.2.3. Grelha de Avaliação da atividade no domínio da Matemática	180
2.2.4. Descrição da Grelha	182
2.2.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular	182
2.3. Avaliação da atividade na área de Língua Portuguesa	183
2.3.1. Contextualização da atividade	183
2.3.2. Parâmetros e Critérios de Avaliação	183
2.3.3. Grelha de Avaliação da atividade na área de Língua Portuguesa	185

2.3.4. Descrição da Grelha	187
2.3.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular	187
2.4. Avaliação da atividade na área de Estudo do Meio	188
2.4.1. Contextualização da atividade	188
2.4.2. Parâmetros e Critérios de Avaliação	188
2.4.3. Grelha de Avaliação da atividade na área de Estudo do Meio	190
2.4.4. Descrição da Grelha	192
2.4.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular	192
Reflexão Final	195
Considerações Finais	197
Limitações	198
Novas Pesquisas	199
Referências Bibliográficas	201
Anexos	213
Anexo 1 – Dispositivo de Avaliação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Anexo 2 – Dispositivo de Avaliação da área do Conhecimento do Mundo	
Anexo 3 – Dispositivo de Avaliação da área da Matemática	
Anexo 4 – Dispositivo de Avaliação da área de Estudo do Meio	

Índice de Figuras

Figura 1 – Sala dos 5 anos	16
Figura 2 – Roda de Acolhimento	17
Figura 3 – Cartilha Maternal João de Deus	19
Figura 4 – Grupo de crianças na lição da Cartilha Maternal	22
Figura 5 – 4.º Dom de Froebel	22
Figura 6 – Calculadores Multibásicos	24
Figura 7 - Realização da proposta de trabalho com o Tangram	25
Figura 8 – Livro <i>A lagartinha aeiou</i>	30
Figura 9 – Desenho a partir da letra “v”	34
Figura 10 – Sala dos 3 anos	39
Figura 11 – Enfeite de Natal	48
Figura 12 – Sala dos 4 anos	55
Figura 13 – Movimento da Terra à volta da Lua – alunos	59
Figura 14 – Exploração do Carvão	61
Figura 15 – Aula surpresa no domínio da Matemática	63
Figura 16 – Escada do Cuisenaire por ordem crescente	64
Figura 17 – Execução do Pão	64
Figura 18 – Divisões da Casa	65
Figura 19 – História contada pela colega A. e com a participação das crianças	67
Figura 20 – Pintura com Balão	74
Figura 21 – Leitura de números com Calculadores Multibásicos	85
Figura 22 – Perímetro com o Cuisenaire	87
Figura 23 – Área com o Cuisenaire	88
Figura 24 – Formação <i>Ilha dos Açores</i>	88
Figura 25 – Construção da igreja com o 5.º Dom de Froebel	107
Figura 26 – Relógio humano	108
Figura 27 – Sala do 4.º ano	113
Figura 28 – Construção da Aldeia Romana	125
Figura 29 – Sala do 3.º ano	132
Figura 30 – Realização dos Biscoitos de Natal	139
Figura 31 – Prenda de casamento para o pai da aluna M.	143
Figura 32 – Descoberta do Pi	143
Figura 33 – Grupos para o concurso de cálculo mental	147
Figura 34 – Gráfico circular dos resultados do dispositivo de avaliação do domínio Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	177

Figura 35 – Gráfico circular dos resultados do dispositivo de avaliação na área do Conhecimento do Mundo	182
Figura 36 – Gráfico circular dos resultados do dispositivo de avaliação na área da Matemática	187
Figura 37 – Gráfico circular dos resultados do dispositivo de avaliação na área de Estudo do Meio	192

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma de Estágio Profissional I, II e III	7
Quadro 2 – Capítulo 1 dividido em cinco secções	11
Quadro 3 – Horário de Turma do Bibe Azul A (5 anos)	20
Quadro 4 – Horário da Turma do Bibe Amarelo A (3 anos)	41
Quadro 5 – Horário da Turma do Bibe Encarnado A (4 anos)	56
Quadro 6 – Horário de Turma do 1.º B	73
Quadro 7 – Horário Turma do Bibe Verde A (2.º ano)	77
Quadro 8 – Horário de Turma do Bibe Castanho A (1.º ano)	93
Quadro 9 – Situação Problemática 1: Formulação de um enunciado	95
Quadro 10 – Situação Problemática 2: Formulação de um enunciado	96
Quadro 11 – Horário de Turma do Bibe Azul A (4.º ano)	114
Quadro 12 – Horário de Turma do Bibe Azul A (3.º ano)	133
Quadro 13 – Exemplo de uma planificação baseada no modelo T	154
Quadro 14 – Plano de Aula: Área do Conhecimento do Mundo no Bibe Amarelo A	157
Quadro 15 – Plano de Aula: Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática no Bibe Encarnado A	159
Quadro 16 – Plano de Aula de Português	161
Quadro 17 – Plano de Aula de Estudo do Meio	163
Quadro 18 – Escala de <i>Likert</i> utilizada nos dispositivos de avaliação	173
Quadro 19 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	175
Quadro 20 – Grelha de Avaliação da atividade no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	176
Quadro 21 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da área do Conhecimento do Mundo	180
Quadro 22 – Grelha de Avaliação da atividade na área do Conhecimento do Mundo	181
Quadro 23 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da área da Matemática	184
Quadro 24 – Grelha de Avaliação da atividade na área da Matemática	186
Quadro 25 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da área do Estudo do Meio	190
Quadro 26 – Grelha de Avaliação da atividade na área do Estudo do Meio	191

Introdução

O presente Relatório de Estágio Profissional surge no âmbito das unidades curriculares Estágio Profissional I, II e III, referentes ao Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino do Básico, na Escola Superior de Educação João de Deus. No decorrer do estágio profissional, estive em diferentes escolas, que aplicam métodos distintos, tais como o Método João de Deus e Método Global.

1. Identificação do local de estágio

O estágio profissional repartiu-se por três grandes períodos, isto é, cada um deles referente a um semestre. No entanto, ocorreu um pequeno período de estágio intensivo entre o primeiro e o segundo semestre.

O primeiro semestre de estágio foi realizado num estabelecimento de ensino particular em Sintra, que tem como valências de Creche, Pré-Escolar e ATL. Este estabelecimento de ensino aplica o Método João de Deus. De 27 de setembro de 2011 a 10 de fevereiro de 2012, estagiei no Ensino Pré-Escolar: inicialmente, com um grupo de crianças na faixa etária dos 5 anos (Bibe Azul), passando para um grupo de crianças de 3 anos (Bibe Amarelo) e terminando num grupo de crianças de 4 anos (Bibe Encarnado). Como se pode constatar, cada bibe corresponde a uma faixa etária.

Entre o primeiro e o segundo semestre decorreu o Seminário de Contacto com a Realidade Educativa. Durante esta semana estive numa escola pública de Lisboa, que aplica o Método Global. No decorrer desta semana, a minha colega de estágio e eu, acompanhámos a turma do 1.ºB: assistimos a aulas realizadas pela professora titular, assim como a algumas atividades extra curriculares - Inglês e Expressão Musical.

Quanto ao segundo e terceiro semestres, o estágio foi realizado num estabelecimento de ensino particular em Lisboa, que também aplica o Método João de Deus. Este estabelecimento tem como valências: Creche, Pré-escolar e 1.º Ciclo Ensino Básico. De 5 de março de 2012 a 25 de janeiro de 2013, estagiei no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No decorrer do segundo semestre ocorreram dois momentos: inicialmente estive com um grupo de crianças do 2.º ano de escolaridade (Bibe Verde: crianças de 7 anos), posteriormente estive com um grupo de crianças do 1.º ano de escolaridade (Bibe Castanho: crianças de 6 anos). Ainda durante este semestre, fiz um dia de estágio numa das Ludotecas João de Deus.

Quanto ao terceiro semestre, também teve dois momentos: primeiramente estive com um grupo de crianças do 4.º ano de escolaridade (Bibe Azul Escuro: crianças de 9 anos); posteriormente estive com um grupo de crianças do 3.º ano de escolaridade (Bibe Azul Claro: crianças de 8 anos).

O estágio profissional realizou-se três vezes por semana: segundas, terças e sextas-feiras, das 9h às 13h.

2. Descrição da estrutura do relatório do estágio profissional

Este Relatório de Estágio Profissional é constituído por três capítulos: Relatos Diários, Planificações e Dispositivos de Avaliação e, ainda, pela Reflexão Final.

Ao longo deste relatório poder-se-á verificar que os relatos de todas as práticas observadas são escritos, comentados e fundamentados devidamente, no Capítulo 1 sobre os Relatos Diários. No Capítulo 2 que corresponde às Planificações, encontram-se alguns dos planos de aulas que apliquei ao longo do estágio, assim como as respetivas inferências e fundamentações teóricas. Durante o estágio, foram elaborados alguns dispositivos de avaliação que serão apresentados no Capítulo 3 sobre Dispositivos de Avaliação e que se referem a três áreas curriculares: Área da Expressão e da Comunicação – Domínio da Matemática/Matemática, Área da Expressão e da Comunicação – Domínio da Estimulação á leitura e abordagem à escrita/Língua Portuguesa e Área do Conhecimento do Mundo/Estudo do Meio. Este capítulo contém ainda a fundamentação teórica relacionada com a importância da avaliação.

Relativamente à Reflexão Final, é onde ficam determinados e claros os objetivos que foram alcançados com este trabalho.

3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional

A elaboração deste relatório de estágio profissional constitui um elemento de extrema importância para a minha formação, enquanto futura docente, visto que me permite refletir sobre todos os momentos observados ao longo do período de estágio. De acordo com Salema (1997) sobre a formação do docente:

considera-se que, se se quiser desenvolver intencionalmente alunos bons pensadores na aprendizagem, é necessário informar os professores sobre os fundamentos teóricos e os procedimentos de ensino específicos a desenvolver na sala de aula, (...). Estes permitem uma reflexão profissional sobre a relação estreita entre o que se ensina e que se aprende, em termos de um funcionamento cognitivo adequado e eficaz na aprendizagem. (p.19)

Em suma, a nível pessoal, este relatório é determinante, pois servirá para a concretização de um requisito, que visa a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e consequente certificação profissional.

Possui, também, uma grande relevância, uma vez que me possibilita investigar e estudar conceitos, ideias e métodos, que ajudam para a construção do conhecimento sobre o ensino e o aprender a ensinar.

Ao longo deste estágio tive a oportunidade de conhecer melhor as escolas que utilizam o Método João de Deus e os materiais manipuláveis utilizados face à Matemática, assim como o Método Global visto na escola pública.

Por outras palavras, este relatório é uma reflexão que visa responder a diversas questões como “O que se faz numa sala de aula?”, “Porque se deve fazer?” e “Qual é o papel dos docentes no ensino?”.

Na elaboração deste Relatório segui as normas da American Psychological Association (APA). Em termos de ortografia, respeitei o Novo Acordo Ortográfico.

4. Identificação do grupo de estágio

Para a realização da componente prática do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação João de Deus, foram criados grupos de estágio. Pelo empenho, dedicação e colaboração dados, o grupo, em si, teve um papel importante e incentivador no decorrer do estágio profissional. Tal como referem Flores e Simão (2009, p.31) “ (...) uma experiência partilhada com outra pessoa que se estima, proporciona melhores oportunidades para reestruturar as situações e questionar os nossos pressupostos sobre a prática”.

Segundo John Donne (s.d.) “nenhum homem é uma ilha isolada...”, isto é, como futura docente, jamais poderei trabalhar sozinha. Como tal, é essencial que um futuro profissional saiba trabalhar em equipa com os seus colegas, de forma a criar um bom ambiente escolar e, assim, garantir um funcionamento escolar profissional competente.

5. Metodologia utilizada

Ao longo da Prática Pedagógica, utilizei a investigação qualitativa que, segundo Neves (1996, p.1), consiste na “pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento (...). Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação.”.

O mesmo autor refere que esta investigação tem como base um conjunto de características:

conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa qualitativa (...): o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; o carácter descritivo; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; enfoque indutivo. (p.1)

Tal como utilizei a metodologia da observação. Alarcão e Tavares (1987, p.103) definem como observação “o conjunto de atividades destinadas a obter dados e informações sobre o que se passa no processo ensino/aprendizagem”.

Esta observação foi feita nas escolas e em contato direto com toda a realidade educativa (desde com a direção, a equipa docente e não docente, e com os alunos). Ludke e André (1986, p.26) afirmam que a observação “possibilita um contacto pessoal e estreito do pesquisador com o fenómeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em

primeiro lugar, a experiência directa é, sem dúvida, o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenómeno”.

6. Pertinência do estágio

A realização do estágio profissional tem um papel de extrema importância para a minha formação enquanto futura docente pois, através dela, fui adquirindo experiência e pondo em prática todos os conhecimentos adquiridos, aprofundando, desta forma, novas aprendizagens e ficando mais bem preparada para o futuro.

Segundo Alonso e Roldão (2005, p.29), durante a formação inicial “adquirimos os conhecimentos basilares para podermos desempenhar a docência, mas tomamos conhecimento de quais as características mais importantes para poder vir a ser um professor de qualidade.”.

A Prática Pedagógica é uma atividade que permite ao estagiário, e de acordo com Peterson (2003, p.67), a “aquisição de hábitos, habilidades e competências conducentes ao exercício docente [tonando-se] um meio eficaz que conduz o aluno ao saber, ao saber fazer, e ao saber ser futuro profissional.”. Indo ao encontro do mesmo autor, a prática pedagógica “possibilita ao aluno, futuro professor, ou mesmo trabalhador estudante, verificar, descobrir, interrogar e aplicar as teorias adquiridas ao longo da formação.”.

A Escola Superior de Educação João de Deus é reconhecida pelos estágios continuados e intensivos que oferece aos seus alunos, facto esse que nos permite conhecer melhor o ensino e que nos prepara para enfrentar o mundo do trabalho. Para Amaral, Moreira e Ribeiro (1996), a observação de aulas:

(...) constitui o ponto de partida para o desenvolvimento profissional do professor procurando-se que ele tenha mais controlo sobre os seus próprios processos instrucionais através da compreensão do que faz, do que vê fazer e do que se passa na sala de aula. (pp.109-110)

Considero, assim, de toda a pertinência, a realização do estágio ao longo do mestrado.

7. Cronograma

O período de Estágio Profissional I II e III decorreu de 27 de setembro de 2011 a 25 de janeiro de 2013 e abrangeu as três faixas etárias da Educação Pré-Escolar (dos 3 aos 5 anos), como também todos os níveis de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico (do 1.º ao 4.º ano).

O presente cronograma demonstra concisamente os diversos momentos que ocorreram ao longo do Estágio Profissional I II e III.

Quadro 1 – Cronograma de Estágio Profissional I, II e III

Educação Pré-Escolar				
1.ºSemestre: Escola de Sintra Método João de Deus	27 de setembro de 2011 a 10 de fevereiro de 2012	27 de setembro a 4 de novembro de 2011 Bibe Azul A (5 anos)	7 de novembro a 16 de dezembro de 2011 Bibe Amarelo A (3 anos)	2 de janeiro a 10 de fevereiro de 2012 Bibe Encarnado A (4 anos)
Seminário de contacto com a Realidade Educativa: Escola Publica Método Global				
27 de fevereiro a 2 de março de 2012		1.º B (6/7 anos)		
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico				
2.ºSemestre: Escola de Lisboa Método João de Deus	5 de março a 22 de junho de 2012	5 de março a 30 de abril de 2012 Bibe Verde A (2.º ano)	23 de abril de 2012 Ludoteca numa escola de Lisboa	4 de maio a 22 de junho de 2012 Bibe Castanho A (1.º ano)
3.ºSemestre: Escola de Lisboa Método João de Deus	25 setembro de 2012 a 25 janeiro de 2013	25 de setembro de 16 a novembro de 2011 Bibe Azul Escuro A (4.º ano)		19 de novembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013 Bibe Azul Claro A (3.º ano)

CAPÍTULO 1: Relatos Diários

Descrição do capítulo

Ao longo deste capítulo serão descritas todas as práticas observadas durante os diversos momentos de estágio profissional. Estas descrições são seguidas de um texto com inferências devidamente fundamentadas.

Este capítulo está dividido em cinco grandes secções e respetivas subsecções. Cada secção corresponde ao estabelecimento de ensino onde estive a estagiar e respetivas turmas (subsecções). O quadro 2 sintetiza os diversos momentos de estágio profissional descritos neste capítulo.

Quadro 2 – Capítulo 1 dividido em cinco secções

Educação Pré-Escolar	
1.ª Secção: 27 de setembro de 2011 a 10 de fevereiro de 2012	
Bibe Azul A (5 anos)	27 de setembro a 4 de novembro de 2011
Bibe Amarelo A (3 anos)	7 de novembro a de 16 dezembro de 2011
Bibe Encarnado A (4 anos)	2 de janeiro a 10 de fevereiro de 2012
1.º Ano de escolaridade: Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	
2.ª Secção: Seminário de contacto com a Realidade Educativa	
1.º B (6 anos)	27 de fevereiro a 2 de março de 2012
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	
3.ª Secção: 5 de março a 22 de junho de 2012	
Bibe Verde A (7 anos)	5 de março a 30 de abril de 2012
Bibe Castanho A (6 anos)	4 de maio a 22 de junho de 2012
Ludoteca: Escola de Lisboa	
4.ª Secção: Ludoteca João de Deus - 23 de abril de 2012	
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	
5.ª Secção: 25 setembro de 2012 a 25 janeiro de 2013	
Bibe Azul Escuro A (9 anos)	25 de setembro de 16 a novembro de 2012
Bibe Azul Claro A (8 anos)	19 de novembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013

Antes dos relatos das práticas observadas em cada momento de estágio, será feita a caracterização da turma, a caracterização do espaço, as rotinas diárias e o horário de cada turma. Ao longo dos relatos poderão aparecer fotografias ou esquemas que representam as atividades efetuadas.

Ainda antes da apresentação dos relatos diários, considero pertinente fazer uma breve abordagem sobre a **Educação Pré-Escolar** e o **Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**.

A Educação Pré-Escolar é a primeira etapa da Educação Básica no processo de educação ao longo da vida e destina-se às crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos. Esta, por sua vez deve ser um complemento da ação educativa da família.

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, Lei n.º5/97, de 10 de fevereiro, salienta que a Educação Pré-Escolar é “complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”.

Para Catita (2007, p.34) a Educação Pré-Escolar visa “procurar-se iniciar a criança em diferentes actividades, deveres, obrigações, tarefas e direitos, com implicações no seu desenvolvimento autónómico e também uma conduta social mais alargada do que aquela que vigorou até à “saída” do lar.”.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (Ministério da Educação, 2009) referem que “a educação pré-escolar cria condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, na medida em que promove a autoestima e autoconfiança e desenvolve competências que permitem que cada criança reconheça as suas possibilidades e progressos”. (p.18)

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar apresenta como objetivos gerais pedagógicos da Educação Pré-Escolar:

- a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências da vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania;
- b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;
- c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso de aprendizagem;
- d) Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;
- e) Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- g) Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e coletiva;
- h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações efetiva colaboração com a comunidade.

Com o passar do tempo as crianças vão se desenvolvendo de forma intelectual e, como tal existem desenvolvimentos próprios das crianças na idade pré-escolar. Papalia, Olds e Feldman (2001) referem que:

- i. O crescimento é estável; a aparência torna-se mais delgada e as proporções do corpo mais semelhantes às do adulto;
- ii. O apetite diminui e problemas de sono são frequentes;
- iii. Surge a lateralidade; as competências motoras finas e grossas e a força progridem;
- iv. O pensamento é algo egocêntrico, mas a compreensão pela perspectiva dos outros aumentam;
- v. A imaturidade cognitiva conduz algumas ideias ilógicas acerca do mundo;
- vi. E memória e a linguagem progridem;
- vii. A experiência em contextos de educação pré-escolar é frequente;
- viii. O auto-conceito e a compreensão das emoções tornam-se mais complexos; a auto-estima é global;
- ix. A identidade de género desenvolve-se;
- x. O jogo torna-se mais imaginativo, mais elaborado e mais social;
- xi. Aumento da independência, iniciativa, auto-conceito e higiene;
- xii. O altruísmo, a agressão e os medos são frequentes;
- xiii. A família continua a ser o centro da vida social, mas as outras crianças.

Papalia, Olds e Feldman (2001) consideram que é bastante importante a existência de uma boa escola:

um bom jardim de infância fornece experiências que levam as crianças a aprender, fazendo. Estimula os seus sentidos através da arte, música e materiais tácteis – plasticina, água e madeira. (...) ajuda as crianças a desenvolver competências de pré-literacia. (...) ajuda as crianças a aprender como dar-se com os outros e a desenvolver competências sociais e emocionais, tais como a cooperação, negociação, compromisso e autocontrolo. (p.341)

A seguir ao jardim-de-infância, as crianças iniciam uma nova etapa a nível da educação. Ou seja, transitam para o 1.º ano do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Para o Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, a Lei de Bases do Sistema Educativo, artigos 7.º e 8.º, determina um conjunto de objetivos:

- a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;
- b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente interrelacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios;
- d) Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;
- e) Proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;

- f) Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;
- g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas;
- h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócioafectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;
- s) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;
- j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;
- l) Fomentar o gosto por uma constante actualização de conhecimentos;
- m) Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;
- n) Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;
- o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos.

De acordo com Laranjeiro (2011, p.35) é no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico que as crianças “se desenvolvem, sistematizam, consolidam e formalizam as aprendizagens das literacias, visando o domínio e o uso dos vários códigos linguísticos (a língua materna, mas também as linguagens matemática, artísticas, etc.)”.

Sarmiento (2009, Laranjeiro, 2011, p.36) “o currículo é nacional e está definido em normativos legais de aplicação obrigatória, baseando-se na aprendizagem da leitura, escrita e cálculo, incluindo também áreas como música, desenho, trabalhos manuais e educação física.”.

No decorrer do estágio profissional, pude conhecer dois métodos de ensino diferentes: o Método João de Deus e o Método Global. Em cada semestre, as escolas onde estagiei, aplicam o Método João de Deus e durante o Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, a escola onde estagiei, aplica o Método Global.

Nas escolas com o Método João de Deus, todas as crianças usam **bibe**. Cada faixa etária tem uma cor diferente de bibe. Segundo Azcue (2012, p.89) o aparecimento do uniforme “está relacionada com a necessidade de se identificar” as pessoas. Este autor acrescenta que os bibes “são uma forma de esbater as desigualdades sociais”, bem como de “garantir que o primeiro contacto entre os alunos seja feito sem preconceitos.”. (p.90)

1.ª Secção: 1.º semestre de estágio profissional - 27 de setembro de 2011 a 10 de fevereiro de 2012

1.3. Subsecção - Período de estágio no bibe Azul A (5 anos): 27 de setembro de 2011 a 4 de novembro de 2011

1.3.1. Caracterização da Turma

A turma do bibe Azul A é composta por vinte e quatro crianças, sendo dez do género feminino e catorze do género masculino. Esta turma corresponde aos cinco anos de idade. Esta idade é considerada a idade do Pré-Escolar, pois é nesta fase que as crianças começam a preparar-se para entrar no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Segundo a educadora, nesta turma existem crianças descendentes de pais oriundos de outros países, como a China e a Roménia. Sendo uma turma enriquecida devido à presença de diversas culturas, deve-se também ter em conta que estas crianças falam mais do que uma língua, para além do português, sendo esta a segunda língua dominante. O Ministério da Educação (2009) salienta que os docentes não podem nem devem:

esquecer que o português não é a língua materna para todas as crianças que frequentam a educação pré-escolar. Se o respeito pelas línguas e culturas das crianças é uma forma de educação intercultural, a aprendizagem da língua portuguesa torna-se essencial para terem sucesso na aprendizagem. Qualquer que seja o domínio do português oral com que as crianças chegam à educação pré-escolar, as suas capacidades de compreensão e produção linguística deverão ser progressivamente alargadas, através das interações com o educador, com outras crianças e com outros adultos. (p.66)

A educadora afirma que o bibe Azul A está bem integrado na dinâmica da escola, o que demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.3.2. Caracterização do Espaço

A sala do bibe Azul A é adequada ao número de crianças que a utilizam. Dispõe de vinte e quatro carteiras e as respetivas cadeiras coloridas, de cor azul. Na mesa da educadora existe uma Cartilha Maternal João de Deus em tamanho grande, onde as crianças aprendem as letras e palavras novas.

Nas paredes existem três placards onde a educadora coloca os trabalhos realizados pelas crianças, sendo um alusivo à área da Matemática, um à Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e outro de Conhecimento do Mundo, tendo todos uma grande harmonia de cores.

Esta sala, também dispõe de duas prateleiras onde a educadora guarda os *dossiers* das crianças. Nos restantes armários guardam-se os materiais, devidamente identificados, que as crianças usam na sala de aula.

É de realçar a forma como a sala encontra-se dividida em diferentes áreas, de modo a orientar a criança e a tornar os espaços bem definidos de acordo com as funções que têm. Zavala (1998, p.134) refere que “ (...) uma distribuição da sala por zonas ou por núcleos de interesse é muito sugestiva para as crianças, permite um espectro de acções muito mais diferenciadas e reflecte um modelo mais centrado na riqueza dos estímulos e na autonomia da criança”.

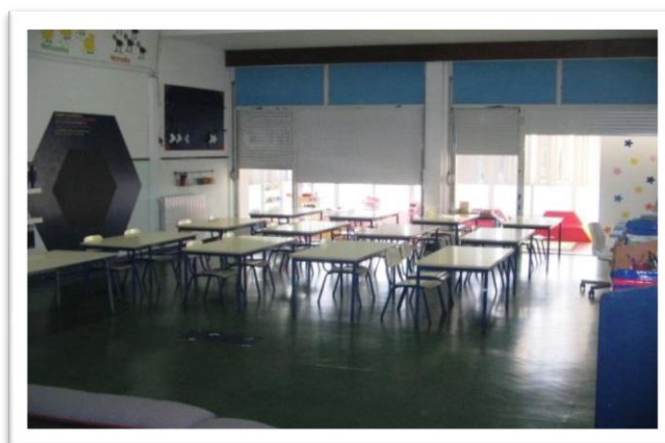


Figura 1 – Sala dos 5 anos

1.3.3. Rotinas Diárias

As rotinas têm um papel fundamental na vida das crianças pois, através das mesmas, estas vão tendo a perceção de que existem determinados acontecimentos que se tornam repetitivos diariamente. Desta forma, é necessário realizar um horário, de modo a enquadrar as mais diversas rotinas. Segundo Zabalza (1998, p.187) “a rotina diária pode ser adaptada a um horário de um dia completo (manhã e tarde) ou de meio-dia (manhã ou tarde).” O mesmo autor salienta, ainda, que a rotina “baseia-se na repetição de catividades e ritmos na organização espaço-temporal da sala e desempenha funções na configuração do contexto educativo.”. (p.169)

Não basta apenas perceber que existem determinados acontecimentos repetitivos no seu dia-a-dia. É, também, importante que a criança aproveite, da melhor forma os mesmos, pois desta forma ajuda-a a ser mais autónoma, compreensiva e organizada, obtendo experiencias únicas. Johann e Veiar (2001, p.8) afirmam que a rotina “permite às crianças antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia.”

É função dos docentes utilizar as rotinas criadas em função do desenvolvimento dos seus alunos, principalmente, a nível social. Para Formosinho (2005, p.67) “o adulto tem de

construir uma Ação educativa sistemática (o desenvolvimento da criança é lento e exige variadas e prolongadas experiências) que permite à criança construir a competência social.”.

Durante o período de estágio, realizado na sala do bibe Azul A, verificaram-se diversas rotinas tais como, o acolhimento (roda de canções e jogos), higiene (ida à casa de banho) e recreio.

Acolhimento

No que diz respeito ao acolhimento – roda de canções e jogos, este é efetuado pelo grupo de crianças do Ensino Pré-Escolar que são acolhidas pelas educadoras no ginásio, ou seja, à medida que as crianças vão chegando, as educadoras acolhem-nas na roda de canções e jogos. Os bibes que participam nesta atividade são os bibes: azul, encarnado, amarelo e verde-claro (Figura 2), tendo uma duração aproximada de quinze a vinte minutos.

O Ministério da Educação (2001, p.16) considera que “as actividades musicais proporcionam à criança momentos de alegria e de prazer, compartilhados com os outros.”.

A meu ver o acolhimento é de extrema importância para o quotidiano dos alunos que frequentam esta escola, pois entram na escola de uma forma divertida, onde são recebidos com muito carinho e alegria por parte das educadoras e das colegas que já lá se encontram e, desta forma, os alunos interagem entre si.

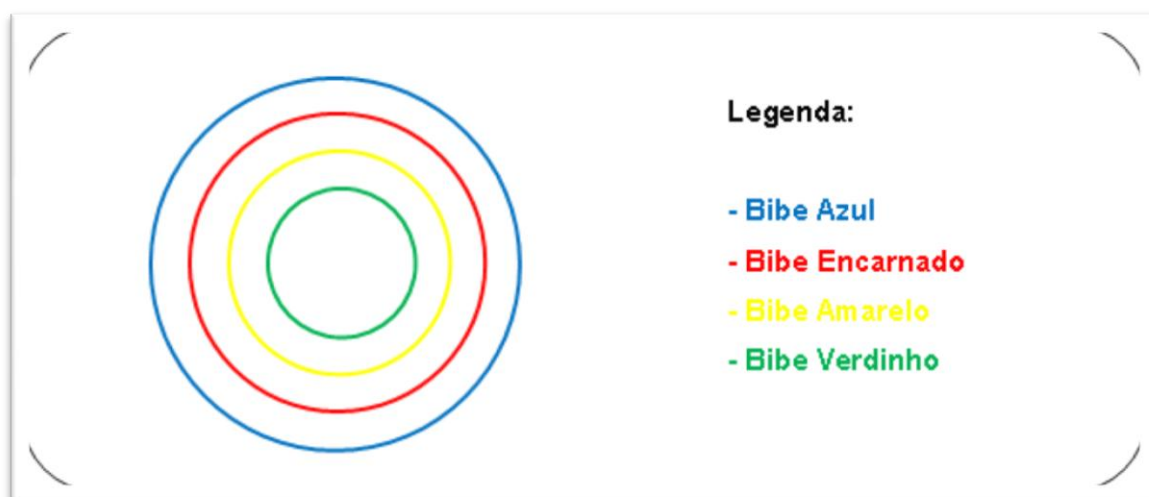


Figura 2 – Roda de Acolhimento

Higiene

Quanto à higiene, que consiste na ida à casa de banho, esta é feita todos os dias após o acolhimento e após o recreio da manhã. Esta ida à casa de banho é sempre supervisionada por um adulto.

O momento da ida à casa de banho é essencial pois, segundo Cordeiro (2012, p.105), “a lavagem das mãos é reconhecida (...) nos jardins-de-infância (...) como um dos mais eficientes métodos de prevenção de doenças”.

Nestes espaços existe um regulamento interno que conduz a atuação dos educadores e que prevê o ensino da rotina diária da criança, com a abordagem de vários temas da higiene básica, nomeadamente a higiene das mãos. A lavagem das mãos consiste num “comportamento aprendido”, pelo que deve ser ensinado com “tempo e calma”, para que se torne efetivo e perdure ao longo da sua vida como uma rotina diária.”. (p.106)

Estes momentos de higiene proporcionam também o “desenvolvimento da autonomia” no qual as crianças sentem “o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo”. (Cordeiro, 2012, p.373)

Recreio

Ao longo do recreio, que se realiza a meio da manhã, para além de brincarem e jogarem, as crianças lancham (bolacha ou meio pão). O recreio pode ocorrer em diversos locais da escola, seja este no interior ou exterior. Cordeiro (2008, p.372) considera que o recreio “seja no interior ou no exterior havendo um momento anterior “académico” impõem-se de seguida um de brincadeira pura.”.

São muitos os autores que defendem que o tempo de recreio ao ar livre permite às crianças mais brincadeiras, pois não só levam para o espaço exterior os seus brinquedos, como podem realizar brincadeiras ou jogos com elementos da natureza. De acordo com Zabalza (1998) o tempo de recreio ao ar livre:

geralmente, é realizado no recinto externo onde estão colocadas as estruturas que permitem que a criança realize experiências de atividade física, tais como balanços, tobogãs, etc. Mas, além disso, o tempo de recreio ao ar livre pode ser usado para muitas outras atividades, como o contato com plantas e animais, experiências com água, terra, areia e atividades planejadas pelos adultos, tais como andar sobre papel com os pés molhados de tinta, jogos diversos, etc. (p.192)

O recreio é de extrema importância para a criança, pois é uma forma desta se expressar livremente, mesmo quando as atividades realizadas nesse meio sejam ou não orientadas por um adulto. Este momento é vigiado pela educadora que as acompanha. Este momento ocorre de manhã e depois do almoço, durante trinta minutos. Em ambos os

recreios, os alunos brincam livremente na rua se as condições atmosféricas assim o permitirem.

Cartilha Maternal João de Deus

Diariamente, o bibe Azul A, iniciava as suas atividades, na leitura e na escrita. A educadora formava pequenos grupos de crianças e, com cada um, iam junto da Cartilha Maternal João de Deus (Figura 3), com o intuito de as auxiliar na leitura. As restantes crianças, que permaneciam sentados nos seus lugares, realizavam trabalhos de escrita.

Nesta escola dá-se uma grande importância, nesta faixa etária à aplicação do Método João de Deus. Segundo Ruivo (2009), “nos Jardins Escolas as educadoras desenvolvem as competências linguísticas das crianças porque estão sensibilizadas para a importância da linguagem no desenvolvimento humano”. (p.119)

O Método João de Deus caracteriza-se por seguir algumas linhas de força. De acordo com o Guia Prático da Cartilha Maternal, escrito por Maria da Luz de Deus (1997, pp. 92-93), as linhas de força caracterizantes deste método são: o uso correto do ponteiro, regulando desta forma a leitura durante o estudo feito na Cartilha Maternal; deve-se apresentar uma letra por dia; todos os dias as crianças devem ter uma lição de Cartilha, na qual a educadora tem de proporcionar uma lição curta com noções bem claras; as crianças devem ser auxiliadas, sempre que necessário, através de regras que satisfaçam o raciocínio e o pensamento lógico; o uso de mnemónicas na formação temporária no nome das consoantes incertas para assim facilitar a aprendizagem; sempre que a criança lê uma palavra, deve inserir a mesma numa frase; este método estimula as capacidades metacognitivas, respeita o ritmo individual de cada criança e fomenta a autocorreção.

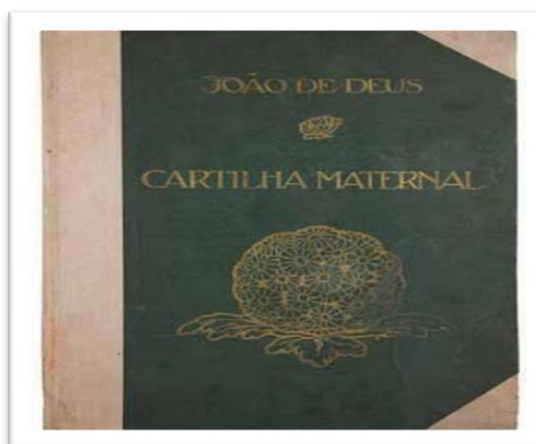


Figura 3 – Cartilha Maternal João de Deus

1.3.4. Horário

Ao preparar as mais diversas atividades correspondentes às mais diversas áreas que escola fornece e que promovam o desenvolvimento equilibrado e harmonioso das crianças, deve-se organizá-las recorrendo a um horário semanal para as mesmas, visto este faz parte do Plano Curricular de turma. O horário é ajustável, sendo por vezes alterado, adaptando-se às mais diversas situações que possam ocorrer no dia-a-dia. A educadora cedeu-nos o horário da turma como se pode observar no quadro 3. Segundo o Ministério da Educação (2001, p.10) “as actividades que se realizam no jardim-de-infância são múltiplas e variadas (...) a criança adquire e consolida conhecimentos que se vão construindo no dia-a-dia.”.

Quadro 3 – Horário de Turma do Bibe Azul A (5 anos)

		Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Segunda					
9.00	Rodas e canções	Rodas e canções	Rodas e canções	Rodas e canções	Rodas e canções
9.30	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à escrita matemática	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à escrita matemática	Iniciação à leitura e escrita
10.30	Atividades de ar livre				
11.00	Iniciação à matemática	Educação pelo movimento	Iniciação à matemática	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à matemática
11.30		Iniciação à leitura e escrita			
12.30	Jogos livres e orientados	Biblioteca de turma Cantinhos da sala de aula	Jogos livres e orientados	Informática/ Biblioteca de turma Cantinhos da sala de aula	Jogos livres e orientados
13.00	Almoço e Atividades de ar livre				
14.30	Conhecimento do mundo	Educação para a cidadania/ experiências/ área projeto *	Conhecimento do mundo	Conhecimento do mundo	Ditados gráficos/ Desenhos de série*
15.00	Expressão plástica	Expressão plástica	Música	Expressão plástica	Terminar e arrumar trabalhos
15.45	Estimulação à leitura e escrita/ escrita matemática	Estimulação à leitura e escrita/ escrita matemática	Estimulação à leitura e escrita/ escrita matemática	Estimulação à leitura e escrita/ escrita matemática	Inglês
16.20	Lanche				
16.45	Jogos livres e orientados	Jogos livres e orientados	Jogos livres e orientados	Jogos livres e orientados	Jogos livres e orientados

1.1.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 26 de setembro de 2011

Na presente data, realizou-se uma reunião de receção aos alunos dos mestrados. Esta reunião teve lugar no Museu João de Deus, onde nos disponibilizaram todos os dados e informações orientadoras essenciais para um bom funcionamento do mestrado, dando uma perspetiva geral das etapas e dos objetivos a atingir no final do mesmo.

A pedido de uma das professoras de supervisão pedagógica, formaram-se grupos de estágio, para posterior organização e distribuição dos mesmos pelas diversas salas onde iriam estagiar.

Ainda nesta reunião, forneceram-nos informações necessárias referentes à estrutura e execução do relatório de estágio profissional.

Inferências e Fundamentação teórica

É de salientar que estas **reuniões** são indispensáveis para qualquer esclarecimento de dúvidas referentes ao mestrado, assim como para uma melhor orientação ao longo do nosso estágio profissional.

Luís e Calheiros (2009 p.68) entendem que, no processo de supervisão pedagógica, os intervenientes (professores da Supervisão Pedagógica da Prática de Ensino e estagiários) devem estabelecer **relações de partilha** que levem ao desenvolvimento pessoal e profissional dos discentes.

De acordo com Alarcão (1996, p.18), “ (...) o papel do formador não consiste tanto em ensinar como em facilitar a aprendizagem, em ajudar a aprender.”. Neste contexto, a mesma autora refere que “ (...) não se pode ensinar ao aluno aquilo que ele vai ter necessidade de saber, embora se possa ajudá-lo a adquirir esse conhecimento”. (p.18)

Segundo Loureiro (2000), “ (...) a formação inicial deve permitir uma análise mais teórica das situações pedagógicas e experiências de aprendizagens, as quais devem ter logicamente um carácter mais simulado”. (p.33)

Desta forma, torna-se necessária a realização do relatório de estágio profissional.

Terça-feira, 27 de setembro de 2011

Este dia começou com uma breve visita guiada à escola, feita pela diretora da mesma. Após esta visita, cada grupo de estagiárias dirigiu-se à sala que lhes competia estagiar.

Durante esta manhã, verificámos que as crianças realizavam atividades relacionadas com a Cartilha Maternal João de Deus, tais como a escrita das letras aprendidas nas lições da mesma. Enquanto treinavam a escrita das letras, as crianças iam sendo chamadas em pequenos grupos à lição da Cartilha Maternal (Figura 4). Para além da escrita das letras, estiveram a terminar trabalhos em atraso.

Após o recreio, trabalharam com o 4.º Dom de Froebel (Figura 5), em que começaram por explorar o material em si (de que é feito este material, o que este contém, quantas peças tem e quais são as suas formas e quais as regras de utilização deste material). Através deste Dom de Froebel, realizaram situações problemáticas com a adição e, ainda, efetuaram diversas construções com o mesmo, tais como a cama, o sofá/banco do jardim, o cadeirão do avô, a ponte e o poço.



Figura 4 – Grupo de crianças na lição da Cartilha Maternal



Figura 5 – 4.º Dom de Froebel

Inferências e Fundamentação Teórica

Tal como já foi relatado, a aprendizagem da **Cartilha Maternal João de Deus** faz parte das rotinas diárias do bibe Azul A. Considero pertinente que o ensino da leitura e da escrita deve acontecer paralelamente, assim como a organização de pequenos grupos para a aprendizagem da lição da Cartilha Maternal. Ruivo (2009) explica que:

essa pequena “equipa” torna as lições mais vivas e equilibra em interação o comportamento individual de cada aluno: os mais activos e extrovertidos desbloqueiam os mais tímidos e hesitantes. Nunca devem responder em coro, cada um fala na sua vez, mas estão todos empenhados numa mesma tarefa”. (p.133)

Quando um grupo de crianças se dirige à lição da Cartilha Maternal, deve ter-se em consideração, segundo Mata (2008, p.37) que “a descoberta e o reconhecimento de letras é importante mas deve ser feito de modo contextualizado.”. Ou seja, após a leitura de uma palavra, a criança formava uma frase que incluísse a mesma.

Através desta aprendizagem realizada em grupo, não só se ajuda as crianças no seu comportamento, como também, as ajuda a expressar-se oralmente perante um conjunto de pessoas, sendo que têm de respeitá-las e adaptar-se ao meio. Cordeiro (2008, p.371) esclarece que “as crianças aprendem a esperar pela sua vez e a estar com atenção, concentração, e tranquilidade. Desenvolve-se o sentido do respeito pelos outros e valoriza-se a linguagem e a relação afectiva, bem como a observação”.

Nesta escola utilizam diversos materiais didáticos, que contribuem para uma melhor aprendizagem da Matemática, sendo um desses materiais, os Dom de Froebel. Existem seis dons de Froebel, cada um com as suas características. Tal como relatei na presente data, foram diversas as construções feitas com o **4.º Dom de Froebel**. Segundo Caldeira (2009) estas:

requerem da criança maior destreza manual, mais equilíbrio, assim como uma maior “ginástica” mental. As situações que desenvolvem o raciocínio lógico-matemático exploradas a partir das construções que terão a sequência que quisermos. Para uma aula podemos escolher duas ou três construções e com elas levar a criança a executar mentalmente situações problemáticas. (p.260)

Neste caso, foram feitas algumas construções que vão de acordo os conhecimentos das crianças. Ou seja, a educadora recorreu à memória das crianças relativamente às construções aprendidas até à data com este Dom. A educadora pedia que uma criança diferente, à vez, fosse à frente da turma dizer o nome de uma construção. Após ouvirem o nome dessa construção, realizavam a mesma. Este dom é constituído por uma caixa de madeira com forma de um cubo, na qual contém oito paralelepípedos. Explorar a didática da Matemática, com materiais como este é, sem dúvida, uma mais-valia na aprendizagem das crianças pois, através do lúdico, estas terão cada vez mais interesse em aprender.

Sexta-feira, 30 de setembro de 2011

Na data referida, o bibe Azul A começou por rever as letras já aprendidas na Cartilha Maternal e treinaram a escrita das mesmas. À medida que iam trabalhando a escrita das letras, eram chamados, em pequenos grupos, à lição da Cartilha Maternal.

Ainda esta manhã, elaboraram uma proposta de trabalho relacionada com a Matemática.

Inferências e Fundamentação Teórica

A **Matemática** é uma forma de pensar sobre as coisas e organizar experiências. Ela faz parte do quotidiano. Segundo o National Council of Teachers of Mathematics (2008, p.4) “saber matemática pode ser satisfatório e constituir uma forma de poder. Os conhecimentos

básicos necessários à vida quotidiana possuem, cada vez mais, um carácter matemático e tecnológico.”.

Segunda-feira, 3 de Outubro de 2011

Ao longo desta manhã, as crianças realizaram as atividades habituais relacionadas com a Cartilha Maternal e trabalharam diversos conteúdos matemáticos com os Calculadores Multibásicos. Antes de trabalharem com este material, fizeram contagem numérica crescente, feita oralmente, na qual participaram todas as crianças. Esta contagem começou com uma criança a contar até a um determinado número e a criança, que estava ao seu lado, tinha que continuar a contagem quando a educadora lhe passasse a palavra e assim sucessivamente.

De imediato, exploraram os Calculadores Multibásicos (Figura 6), em que cada criança tinha duas placas iguais na horizontal, onde colocaram as peças nos respetivos lugares, sendo que no primeiro orifício colocaram as peças amarelas e as últimas peças azuis no quarto orifício. Não colocaram as peças rosas e roxas, pois irão trabalhá-las mais à frente. Seguidamente fizeram ditados de peças, como por exemplo, “3 peças amarelas, 1 peça verde, 3 peças encarnadas e 1 peça azul”; a partir deste ditado realizou-se o “Jogo da Torre”, cuja regra é que nunca se pode ter, na placa, torres com a mesma quantidade de peças do nome do jogo. Ou seja, não se pode torres com três peças ou mais peças do que três peças.



Figura 6 – Calculadores Multibásicos

Inferências e Fundamentação Teórica

Os **Calculadores Multibásicos** foram feitos por João António Nabais, em 1915. São constituídos por um conjunto de três placas de plástico, com cinco orifícios cada uma, e um

conjunto de cinquenta peças de seis cores diferentes: dez peças amarelas, treze verdes, treze encarnadas, dez azuis, duas cor-de-rosa e duas lilases. Estas peças encaixam-se umas nas outras e nos orifícios da placa, formando torres. No jogo das torres, Caldeira (2009) afirma que:

neste jogo nunca podemos ter na placa torres com a mesma quantidade de peças do nome do jogo. (...) O número de elementos da torre mais alta, dá-nos o nome do jogo”. A mesma autora refere ainda que este jogo “tem como finalidade os alunos adquirirem determinadas noções, nomeadamente a de saber o furo a que corresponde cada cor e quantos elementos tem cada torre.”. (p.190)

A meu ver, os Calculadores Multibásicos são um material de grande interesse que motiva nas crianças o gosto pela Matemática. É de fácil manuseamento e com diversas características nas peças em si, tais como as cores das peças.

Terça-feira, 4 de outubro de 2011

Esta manhã, os alunos começaram pelas atividades relacionadas com a Cartilha Maternal, desde a ida à lição da mesma e a escrita das letras aprendidas.

De acordo com o horário do bibe azul, este tem aulas de Educação pelo Movimento à terça-feira. Esta aula fora dada pela educadora no recreio, visto que a professora que leciona esta área não compareceu.

No seguimento desta aula, realizaram uma proposta de trabalho relacionado com o Tangram (Figura 7). Esta proposta de trabalho consistia em colocarem as peças deste material sob uma folha, de forma a ficarem todas dentro da mesma e depois contorná-las.

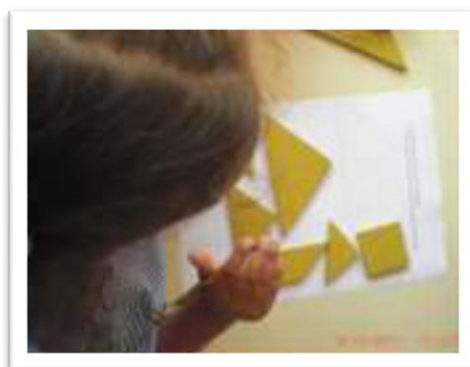


Figura 7 - Realização da proposta de trabalho com o Tangram

Inferências e Fundamentação Teórica

Como já fora referido, o **Tangram** fora utilizado para realizar uma proposta de trabalho. O Tangram é mais um material estruturado que apela para uma significativa aprendizagem da Matemática. Santos (2008, citado por Caldeira, 2009) afirma que o:

Tangram, como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio. Cada vez mais presente nas aulas de matemática as formas geométricas que o compõe, permitem que os professores vejam neste material a possibilidade de inúmeras explorações. (p.391)

O Tangram é um quebra-cabeças de origem chinesa, composto por sete peças com formas básicas, tais como, cinco triângulos: dois grandes, um médio e dois pequenos, um quadrado que corresponde a dois triângulos pequenos e um paralelogramo que corresponde a dois triângulos pequenos. Estas sete figuras permitem formar um quadrado. Este quebra-cabeças é um desafio que leva a criança a estruturar/desenvolver o seu pensamento e raciocínio de acordo com as suas vivências e experiências, ou seja, ajuda no desenvolvimento de inteligências lógico-matemática, espacial e intrapessoal. Tal é referido por Alsina (2004):

o jogo do tangram é um recurso lúdico-manipulativo muito útil na preparação das noções de superfície e área. A sua utilização no ensino da Matemática é de grande interesse para aprofundar a análise das diferentes formas geométricas, tanto no que se refere às suas propriedades (lados formados por linhas rectas ou curvas, número de lados de cada figura, etc.), como nas relações que podem estabelecer entre as diferentes figuras (composição e decomposição de figuras). (p.82)

Sexta-feira, 7 de outubro de 2011

Ao contrário dos outros dias, que começam por realizar atividades relacionadas com a Cartilha Maternal, nesta manhã começaram por trabalhar com o Geoplano. Antes de explorarem este material matemático, fizeram a contagem numérica por ordem crescente. Através do Geoplano trabalharam os seus vértices, os espaços e pregos existentes no mesmo e dividiram o mesmo em oito partes iguais, começando primeiramente por dividir na horizontal e vertical e, depois, nas diagonais. Posteriormente brincaram livremente com este material, enquanto a educadora chamava cada aluno individualmente para fazer a contagem numérica. Esta contagem era uma forma de avaliar as crianças.

A seguir ao recreio, realizaram uma proposta de trabalho relacionada com a Cartilha Maternal, que consistia em recortar de uma revista letras vogais e colá-las numa folha. Enquanto realizavam esta atividade, as crianças iam sendo chamadas à lição da Cartilha.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero que, ao apresentarmos um material novo para, posteriormente, aplicarmos diversos conteúdos, numa primeira fase, deve-se permitir às crianças a explorar o mesmo. Ou seja, quando se utiliza, pela primeira vez, um material como o **Geoplano**, segundo Caldeira (2009, p.409) "...deve-se valorizar a construção de desenho livre. Assim os alunos

livremente tomam conhecimento do material através da sua da sua manipulação e exploração e descobrem a utilidade dos pregos, manipulando os elásticos.”.

O Geoplano consiste num tabuleiro do qual saem uns pequenos pinos formando, uma quadrícula. É um material estruturado manipulativo e observável, que tem como finalidade analisar as figuras geométricas e explorar problemas geométricos, em que as crianças registam os seus desenhos de forma a desenvolver as suas destrezas. Tal é confirmado por Alsina (2004):

o Geoplano é um recurso manipulativo muito útil, sobretudo para a análise das figuras geométricas: as propriedades de cada figura (número de lados, diagonais, etc.); as relações espaciais usando sobretudo sistemas de coordenadas (posição, distância, etc.); a aplicação de algumas transformações; etc.

Segunda-feira, 10 de outubro de 2011

Como é habitual, os alunos começam por realizar atividades relacionadas com a Cartilha Maternal, tais como, as revisões das letras que aprenderam, a escrita das letras e as idas às lições da Cartilha.

Após o recreio, realizaram exercícios de cálculo mental, aplicando a operação da adição “+2”, como por exemplo, “se tens 2 e eu te dou dois, com quantos ficas?”. Ainda, em contexto matemático, exploraram o Cuisenaire, através de um jogo que consistia em encontrar uma ou mais peças, que juntas, representassem a peça verde escura que vale seis valores. Tal aconteceu com o número quatro, que corresponde à peça rosa. A este tipo de jogo designamos o jogo dos comboios, que consiste em decompor o número a que corresponde uma determinada peça.

Inferências e Fundamentação Teórica

Para além de, em pequenos grupos, irem à lição da Cartilha Maternal, as crianças têm a oportunidade de aprender a escrita das letras que vão conhecendo em cada lição da Cartilha. A **escrita das letras aprendidas** é uma forma de conscientizá-las das mesmas. No que diz respeito à escrita, Curto, Morrilo e Teixidó (2000, p.124) consideram que esta trabalha grandes pontos, como “comunicação mediata e distante no espaço e/ou no tempo: necessidade de explicitar toda a informação necessária; o escrito permanece fixo e perdura no tempo.”.

Este material, o **Cuisenaire** é, também, conhecido por “números coloridos”; o seu aparecimento deve-se ao belga Émile Georges Cuisenaire e é constituído por duzentas e quarenta e uma barras coloridas, com forma de prisma quadrangular, de dez cores e tamanhos diferentes, que representam a base 10. Ou seja, a peça branca vale uma unidade;

a peça encarnada vale duas unidades; a peça verde clara vale três unidades; a peça rosa vale quatro unidades; a peça amarela vale cinco unidades; a peça verde escura seis unidades; a peça preta vale sete unidades; a peça castanha vale oito unidades; a peça azul vale nove unidades e a peça laranja vale dez unidades.

O jogo, realizado com este material, designa-se por jogo de comboios e, como qualquer jogo, tem regras. Neste jogo não pode haver comboios maiores que a estação; não pode haver comboios menores que a estação; não pode haver comboios repetidos e quando não se conseguir fazer mais comboios para a estação pretendida, fecha-se a estação com uma peça igual. Na realização dos comboios, Caldeira (2009) salienta que:

as crianças devem ser estimuladas a fazerem comboios com várias carruagens. Consoante as capacidades e destrezas que se pretendam desenvolver; pode ser pedido à criança que faça comboios apenas com 2 ou 3 carruagens (utilizando peças de cores diferentes), ou deixar que descubram várias carruagens. (p.137)

Terça-feira, 11 de Outubro de 2011

Como é habitual, a turma do bibe azul A começou o seu dia, realizando atividades relacionadas com a Cartilha Maternal João de Deus.

Após a aula de Educação pelo Movimento, as crianças regressaram à sala de aula, onde trabalharam a partir de material não estruturado. Este material correspondia aos copos de lápis de cada aluno, ou seja, a partir dos lápis que cada um tinha, trabalhou-se as contagens por ordens crescente e decrescente.

Inferências e Fundamentação Teórica

A **Educação pelo Movimento** tem um papel fundamental na vida das crianças. Esta promove o desenvolvimento das crianças, através de atividades físicas, melhora os fatores de coordenação e execução de movimentos, ao mesmo tempo que incute nas crianças estilos de vida ativa. De acordo com o Ministério da Educação (2006):

o corpo que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui o instrumento de relação com o mundo e o fundamento de todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem. Ao entrar para a educação pré-escolar a criança já possui algumas aquisições motoras básicas, tais como andar, transpor obstáculos, manipular objectos de forma mais ou menos precisa.

Tendo em conta o desenvolvimento motor de cada criança, a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permiti que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo. (p.58)

A prática de Educação Física permite aos alunos, não só a compreensão do seu próprio corpo, como também o seu desenvolvimento pessoal e a melhoria da sua qualidade de vida através de hábitos saudáveis.

Sexta-feira, 14 de outubro de 2011

Nesta manhã, começaram por realizar as atividades relacionadas com a Cartilha Maternal João de Deus.

A seguir ao recreio, a educadora do bibe Azul A levou as duas turmas de bibe azul, para a sua sala, onde lhes contou a história *Camila vai ao médico*. Antes de contar a história, explicou-lhes que não ia mostrar as imagens da mesma, pois queria que os alunos imaginassem a história. Na sequência desta estimulação à leitura, os alunos da educadora do bibe Azul A, realizaram um desenho sobre a mesma, enquanto a outra turma regressou à sua sala.

Inferências e Fundamentação Teórica

Gostaria de salientar a importância de **ler histórias** de um modo agradável e como um meio para a partilha de ideias, conceções e vivências. Resumidamente, este tipo de atividade permite às crianças ouvir leitura fluente, fornece modelos de leitores envolvidos, alarga experiências, como ponto de partida para explorações e pesquisas, desenvolve a curiosidade pelos livros, ensina comportamentos de “leitor” e, por último, apoia no desenvolvimento de conceitos sobre a escrita. Mata (2008) considera que:

a leitura de histórias é uma catividade de extrema importância, não só por promover o desenvolvimento da linguagem, a aquisição do vocabulário, o desenvolvimento de mecanismos cognitivos envolvidos na seleção da informação e no acesso à compreensão, mas também porque potencia o desenvolvimento das conceptualizações sobre a linguagem escrita, a compreensão das estratégias de leitura e o desenvolvimento de atitudes positivas face à leitura e às catividades a ela ligadas.”. (p.72)

Todos nós, em criança, fomos maravilhados com as histórias mirabolantes de heróis e vilões, em que torcemos por uns, tememos por outros, rimos com as brincadeiras de muitos e chorámos com as tristezas de alguns. Na verdade, vivemos cada história como se fôssemos uma personagem do livro. Naquela altura, naquele momento, nada era demasiado fantasioso, nada era irreal ou impossível, e a imaginação era o limite. Sabíamos, no fundo, que nos aguardava um final feliz. Todas as histórias apresentam soluções às crianças para que elas mesmas possam resolver os seus conflitos interiores e compreendam o mundo que as rodeia. Elas identificam-se com a personagem cuja história mais se assemelha à situação

conflituosa que têm por resolver, e encontram uma resposta adequada, em função daquilo que esta lhes transmite.

Na verdade, as diferentes histórias vão apresentando situações que a criança irá viver no seu processo de crescimento, mas não de uma forma consciente e objetiva. Para além de ajudar a criança na sua formação enquanto cidadão, as histórias ajudam-na a enriquecer o seu vocabulário e cria hábitos de leitura, sendo que esta deve ouvir e ler desde a mais tenra idade e, como tal, os pais e educadores têm um papel de extrema importância no estímulo à leitura. Cury (2006, p.132) afirma que “educar é contar histórias. Contar histórias é transformar a vida na brincadeira mais séria da sociedade”.

Segunda-feira, 17 de outubro de 2011

Esta manhã de aulas, tal como estava programada, ficou a meu cargo. Nesta manhã, comecei por explorar os cinco sentidos através de dois alimentos: a maçã e a batata. Posteriormente trabalhou-se os conjuntos, através de imagens de maçãs. Por fim, contei-lhes a história *A Lagartinha aeiou* e propus-lhes uma proposta de trabalho relacionada com a história. Para finalizar esta manhã, realizou-se um jogo foi *A lagartinha vai á maçã*, cujas regras, são as mesmas do jogo “O pescador vai ao mar”.



Figura 8 – Livro *A lagartinha aeiou*

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao longo desta manhã foram utilizados diferentes **espaços** dentro e fora da sala de aula. Para trabalhar cada uma das áreas, dentro da sala de aula, tanto na área de Expressão e Comunicação – domínio da Matemática, como a área do Conhecimento do Mundo, foram realizadas nas mesas, em que exploraram os materiais à disposição. Já na área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, existiram dois momentos, o primeiro no cantinho da leitura, em que ouviram uma história, e

o segundo momento, em que realizaram uma proposta de trabalho nas respectivas mesas. Apesar de espaços diferentes: estas áreas foram trabalhadas em sala de aula, exceto o jogo *A lagartinha vai á maçã*, que se realizou no espaço exterior. Hohmann e Weikart (2001) afirmam que:

as crianças precisam de espaços para usar objectos e materiais, fazer explorações, criar e resolver problemas; espaço para se mover livremente; falar à vontade sobre o que estão a fazer; espaço para guardar as suas coisas e exhibir as suas invenções; e espaço para os adultos se lhes juntarem para as apoiar nos seus objectivos e interesses. (p.162)

A partir de diferentes materiais e espaços utilizados para abordagem de distintos conteúdos nas diversas áreas, as crianças obtêm aprendizagens ativas. Hohmann e Weikart (2001, p.161) referem que, para uma aprendizagem ativa, “as crianças necessitam de espaços que sejam planeados e equipados de forma a que essa aprendizagem seja efectuada.”.

Quanto ao jogo, este fora realizado no espaço exterior – recreio. Este jogo é considerado um jogo dirigido. O jogo dirigido é aquele que tem regras e, por norma, é proposto por alguém que comanda o mesmo. Nesta sequência, Elkonin (1978, citado por Gueifão, 2007, p.31) refere que o jogo “surge não espontaneamente, mas influenciado pela educação transmitida pelos adultos.”. Para Gueifão (2007):

o jogo assume um papel de extrema importância nas áreas de estimulação do ensino pré-escolar e é uma das formas mais naturais da criança entrar em contacto com a realidade. O jogo é uma característica do comportamento infantil e a criança dedica-lhe a maior parte do seu tempo. (pp.33-34)

No que diz respeito ao espaço exterior onde fora realizado o jogo, o Ministério da Educação (2009) afirma que:

o espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo. Pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merece a mesma atenção do educador que o espaço interior. O espaço exterior é um local que pode proporcionar momentos educativos intencionais, planeados pelo educador e pelas crianças. (pp.38-39)

Terça-feira, 18 de outubro de 2011

Esta manhã começou com uma atividade relacionada com a Cartilha Maternal, que consistia em realizar uma proposta de trabalho relacionada com a letra “v”. À medida que iam acabando a proposta, concluíram, também, a escrita das letras no caderno, que estavam em atraso.

Após a aula de Expressão pelo Movimento, realizaram uma proposta de trabalho relacionada com o Cuisenaire. Esta proposta de trabalho consistia em referir o número de quadrados representados e pintá-los de acordo com as peças do Cuisenaire.

Inferências e Fundamentação Teórica

Durante esta manhã, as crianças que tinham **trabalhos em atraso** aproveitaram para concluí-los. É importante que haja um período de tempo, para que as crianças possam terminar os seus trabalhos sem pressas e, deste modo, não acumulem demasiados trabalhos por terminar.

Sexta-feira, 21 de outubro de 2011

Após o acolhimento, ambas as turmas do bibe azul permaneceram na sala da turma A, com a educadora da turma B, precisamente, no cantinho da leitura, em que abordaram dois temas distintos, tais como “o ser diferente” e a “família”. Este último tema abordado está relacionado com a área do Conhecimento do Mundo, em que fizeram uma revisão sobre o mesmo.

Esta manhã, tal como agendado, ficou ao cargo da colega “A.”. A colega iniciou a mesma, abordando o Sistema Digestivo. Após esta abordagem, realizou o jogo do loto. Por fim, contou-lhes uma história *O Rato Renato não queria comer*, e realizaram uma ficha de trabalho relacionada com a história. Enquanto os alunos realizavam esta ficha, foi escolhido um grupo de alunos, que foram à Cartilha rever a lição do .

Inferências e Fundamentação Teórica

Os temas abordados pela educadora do bibe Azul B: “**o ser diferente**” e a “**família**”, são de extrema importância pois fazem parte da sociedade em que vivemos e nunca é demais salientá-los aos alunos, enquanto futuros cidadãos, ou seja, “o ser diferente” e a “família” fazem parte de uma sociedade mundial, visto que cada vez mais vivemos numa sociedade com várias culturas e subculturas que se inter-relacionam entre si pelo mundo fora, sendo este envolvimento uma necessidade do ser humano.

É de extrema importância levar as crianças a refletir sobre o mundo que as rodeia. Através desta reflexão, estamos a trabalhar para a educação multicultural. A meu ver, esta contribui para o desenvolvimento e crescimento dos alunos como futuros cidadãos, tal como demonstra o modo como educar e lidar com crianças de diversas culturas, com a finalidade de adaptar a cultura destas à cultura da sociedade onde estão inseridas, integrando-as assim na mesma; demonstrar a importância da educação intercultural num mundo multicultural para o desenvolvimento pessoal e coletivo de um indivíduo e demonstrar a formação dos professores perante uma escola multicultural. Para Arends (1995, p.141) a educação multicultural significa “reconhecimento, compreensão e sensibilidade em relação a

todos os grupos culturais e o desenvolvimento de competências para ensinar diferentes grupos de alunos.“

Em resumo, a Educação num Mundo Multicultural tem um grande impacto na sociedade, principalmente na instituição escolar, pois caracteriza-se por procura à integração adaptativa da diversidade e tem como objetivo o reconhecimento da sociedade multicultural numa perspetiva de cultura dominante. Para uma criança, não existem continentes, nem países, nem cidades, nem aldeia, só existe a sua realidade e os seus sonhos. No entanto, esta forma de ver o mundo pode ser mudada pela escola, ou seja, toda a criança, seja de que raça for, seja rapariga ou rapaz, fale que língua falar, acredite no que acreditar, pense o que pensar, seja de que país for, ela tem direitos. Banks (1993, citado por Spodek e Saracho, 1998, p.81) afirma que a sociedade “exige que ajudemos as crianças a aprenderem a desenvolver a flexibilidade necessária para que entendam e aceitem as diferenças culturais.”.

Segunda-feira, 24 de outubro de 2011

Tal como agendado, a minha colega de estágio ficou responsável pelo começo de aulas da manhã. A colega “I.” começou por explorar o feijão e a fava, trabalhando os sentidos da visão e do tato. Em seguida, realizaram uma proposta de trabalho relacionada como a Cartilha Maternal, que tinha como objetivo a identificação das vogais e consoantes aprendidas até à data.

Por fim, realizaram situações problemáticas com a adição, a partir de material não estruturado – imagens de favas.

Inferências e Fundamentação Teórica

Através da aula de **Conhecimento do Mundo**, a colega “I.” permitiu que todas as crianças tocassem nos alimentos e explorassem as suas características, através da exploração dos sentidos. Dialogaram um pouco sobre as mesmas e tiraram determinadas conclusões. Este tipo de atividades são essenciais para o desenvolvimento da criança, pois o cérebro assimila toda a informação sensorial, proporcionando uma aprendizagem significativa.

Como refere Jensen (2002, p.54) “o mundo exterior é um verdadeiro alimento para o cérebro em crescimento. Absorve os cheiros, os sons, as visões e o toque, e volta a reunir a informação em incontáveis conexões neuronais”. Ao longo da aula, as crianças estiveram bastante interessadas e curiosas.

Tal como relatado, através das situações problemáticas trabalharam a adição. Grosso e Ruas (2002, p.74) definem a adição como “a operação mais simples e simultaneamente mais frequente é a que resulta de juntar, reunir, adicionar, acrescentar ou efectuar qualquer outra acção do tipo copulativo.”. Este tipo de operação é muito usual no quotidiano da sociedade em que estamos inseridos. Por exemplo, se formos ao supermercado e comprarmos X produtos, para os pagarmos temos que adicionar o preço de todos eles.

Terça-feira, 25 de outubro de 2011

Por norma, quando iniciam as atividades dentro da sala de aula, começam por realizar atividades relacionadas com a Cartilha Maternal, no entanto, neste dia, começaram por trabalhar no domínio da Matemática, com a contagem dos números. Ainda neste domínio e, através dos Calculadores Multibásicos, fizeram ditados de peças e respetiva leitura, assim como, realizaram o jogo da torre de cinco, seis e sete.

No decorrer desta manhã, ainda se realizou uma aula surpresa dada por mim e que fora proposta pela educadora. Esta aula consistia em dar uma nova lição da Cartilha a um grupo de crianças. Primeiramente, revi com as crianças, a lição anteriormente aprendida (lição do) e, só depois, introduzi a lição nova (lição do <p>). Durante esta lição, a restante turma realizou um desenho a partir da letra <v>, como se pode verificar na figura 9.

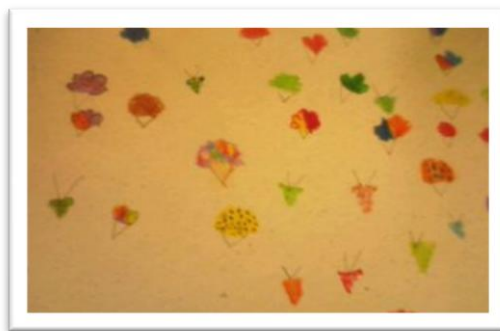


Figura 9 – Desenho a partir da letra “v”

Inferências e Fundamentação Teórica

Para as crianças, recitar a sequência da **contagem de números** é um autêntico desafio. No entanto, não se pode esquecer que o conhecimento do número por cada criança é variável. Castro e Rodrigues (2008, p.13) referem que “os termos utilizados na contagem oral são aprendidos pelas crianças em interacção com outras crianças e com os adultos.”.

Sexta-feira, 28 de outubro de 2011

Nesta manhã, as minhas colegas foram solicitadas para dar aula no âmbito da Cartilha Maternal. A colega “I.” ensinou uma lengalenga acompanhada por movimentos. Enquanto realizavam a representação da lengalenga, a colega deu a lição do <l>, que corresponde a 9.^a lição da Cartilha Maternal.

Quanto à outra colega, esta leu uma história, seguida de uma aula de Cartilha Maternal, em que deu a 14.^a lição – a lição do “quê”. No decorrer desta lição, a restante turma fez um desenho relacionado com a história contada.

Inferências e Fundamentação Teórica

A estratégia utilizada na abordagem da **lengalenga** estava adequada à faixa etária em questão, visto que sentou as crianças no tapete, em forma de “u”. Ao sentar as crianças desta forma, permite que todas elas possam colaborar na sua aula, tornando a aprendizagem única.

A lengalenga caracteriza-se por ser um texto, construído com frases curtas, que geralmente rimam. As lengalengas baseiam-se em repetição, tanto de sons, de rimas, de palavras ou expressões, de estruturas textuais. Segundo Aguerra (2008, p.29) “as lengalengas repetitivas, pelas suas características, pela sua simplicidade, pelo seu ritmo e musicalidade, são uma boa estratégia para as crianças.”. Ou seja, Aguerra (2008, p.30) considera que “deve ampliar-se a actividade, de modo a que a lengalenga dê azo a certos temas, de momo elementar, podem servir para dinamizar vocabulário (...).”.

Para o Ministério da Educação (2009) a aprendizagem da lengalenga:

baseia-se na exploração do caráter lúdico da linguagem, prazer em lidar com as palavras, inventar sons, e descobrir as relações. As rimas, as lenga-lengas, as trava-línguas e as adivinhas são aspectos da tradição cultural portuguesa que podem ser trabalhados na educação pré-escolar. Também a poesia como forma literária constitui um meio de descoberta da língua e de sensibilização estética. Todas estas formas expressão permitem trabalhar ritmos, pelo que se ligam a expressão musical, facilitam a clareza da articulação e podem ainda ser meios de competência metalinguística, ou seja, de compreensão do funcionamento da língua. (p.67)

Ao longo da aprendizagem desta lengalenga, a colega utilizou diversas estratégias, como por exemplo, dizer a lengalenga ao mesmo tempo que bate palmas. É de extrema importância que, primeiramente, o professor e/ou educado exemplifique. Pinto (1996, p.15) afirma que “o professor deverá executar primeiro um batimento, a seguir dois, depois três e finalmente quatro. Há inúmeras variações de batimentos de percussão corporal, utilizando essas quatro formas.”.

Para além de usar a percussão corporal através dos diversos batimentos, pode-se usar o corpo todo. Segundo Pinto (1996, p.21) o movimento rítmico-corporal tem como

finalidade levar o aluno a “expressar o mesmo ritmo com as diversas partes do corpo, trabalhadas separadamente (dedos, mãos, cotovelos, braços, ombros, cabeça, boca, ancas, pernas, joelhos e pés). Por fim este ritmo irá ser sentido e expressado com o corpo todo.”.

Em suma, a lengalenga tem por base a exploração da linguagem oral, através de uma forma lúdica, o que permite às crianças terem um envolvimento ativo no seu desenvolvimento. A lengalenga é uma forma de trabalhar o gosto pela leitura e é utilizada, normalmente, na oralidade.

Realizar um desenho da lengalenga, ou história ouvida, estimula a capacidade de memorização, facilitando o processo de aprendizagem. De acordo com Pieterse (2006, p.96) “a memória é a capacidade de recordar, de absorver informação nova, armazená-la no cérebro e mais tarde lembrá-la. A memória é essencial para a aprendizagem. ... Lembrar-se de experiências passadas para poder aprender a compreender o mundo que o rodeia”.

Ao longo das atividades proporcionadas, é necessário que as crianças se sintam bem no espaço de sala de aula. O educador deve arranjar bem a sala de aula. Segundo Alliprandei (1984, citado por Zabalza, 1998):

o educador deve preparar um lugar em que todos e cada um sintam que podem estar a seu gosto, em que os objetos ... não sejam mantidos à distância...; um lugar que realmente permita o movimento, a expressão, o viver com serenidade, inclusivamente a vida dos pequenos alunos da escola infantil. (p.132)

A sala de aula do bibe Azul A é um espaço organizado, onde as crianças gostam de estar e está decorado com alguns trabalhos que estas vão realizando.

Segunda-feira, 31 de outubro de 2011

Por ser roulement, as duas turmas do bibe azul ficaram sob orientação da educadora da turma Azul B.

Para além da ficha de trabalho proposta pela educadora, ouviram uma história, *O rato da cidade e o rato do campo*, contada pela colega “I.”. Esta história fora trazida por uma criança.

Inferências e Fundamentação Teórica

É de salientar que à medida que os alunos iam terminando a ficha de trabalho, dirigiam-se para o **cantinho da leitura**, onde permaneceram até à hora de ouvirem uma história contada pela colega. Lopes (2006, p.70) afirma que “o canto da leitura deverá ser um espaço integrado na organização da sala e um espaço de leitura informal a que as crianças possam aceder com facilidade, sentando-se a ler calmamente.”.

Este tipo de contacto individual é de extrema importância para a criança pois, segundo o Ministério da Educação (2001, p.14) “a criança aprende a folheá-lo e adquire o hábito de o manusear. Observando as imagens, interpreta-as e desenvolve o interesse pela leitura.”.

Marques (1988, p.33) afirma que todos os agentes educativos (pais, educadores e professores) devem “ (...) seleccionar vários tipos de livros histórias: livros só com gravuras; livros com gravuras e palavras; conjunto de cartões com gravuras que formam uma história sequenciada.”. Este tipo de livros é de extrema importância e é aconselhável a sua utilização, no sentido em que, a escolha feita, vá ao encontro do gosto da criança.

É de extrema importância que a criança crie o gosto pela leitura, sendo que uma das estratégias é levá-la a escolher um livro de que ela goste. Neste caso, foi uma das alunas que trouxe um livro, para ser contado.

Sexta-feira, 4 de novembro de 2011

Durante esta manhã, a minha colega “I.” e eu, fomos solicitadas por uma das professoras de supervisão pedagógica, para dar uma aula. A colega “I.” contou uma história *O rato torto*. Através desta história, recorreu ao uso à cartilha, tendo escolhido uma palavra da história com as letras já aprendidas até à dada. Quanto à aula lecionada por mim, abordei diversos conteúdos, tais como, as sequências, os números pares e ímpares, horizontal e vertical e as cores através das palhinhas.

Após as aulas-surpresa, realizou-se uma reunião sobre as mesmas.

Inferências e Fundamentação Teórica

As **palhinhas** são um material manipulativo não estruturado e alternativo, com o qual se pode fazer, tanto um trabalho criativo, como ao mesmo tempo educativo. Os materiais manipuláveis são importantes para a aprendizagem das crianças, pois através dos mesmos podemos oferecer às mesmas uma aprendizagem mais rica e estimulante.

Segundo Reys (1971, citado em Moreira e Oliveira, 2003, p.193), os materiais manipuláveis são “ (...) objectos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar. Podem ser objectos reais que têm aplicação no dia-a-dia ou podem ser objectos que são usados para representar uma ideia”.

Como podemos verificar e, de acordo com o relato, pode-se trabalhar diversos conteúdos de forma apelativa e tornar a aprendizagem mais interessante.

Como é habitual, sempre que decorrem aulas assistidas pelas professoras de supervisão pedagógica, sejam estas programadas ou surpresa, no final das mesmas realiza-

se uma reunião. Nesta reunião, faz-se uma reflexão conjunta sobre as aulas dadas, referindo sempre os aspetos positivos e menos positivos das mesmas, assim como aspetos a melhorar. Segundo Neto (2010, p.24) a supervisão da prática pedagógica “é uma acção de orientação, essencialmente colaborativa e de apoio, que visa incentivar a discussão de saberes (técnicos e prático), com o objectivo de melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem-formação, envolvendo supervisor, formando e outros membros da comunidade escolar”.

Em suma, as reuniões sobre as aulas servem para fazer um balanço da nossa evolução enquanto futuras docentes. Dewey (1933 citado por Neto, 2010, p.17) define a reflexividade como “uma forma especializada de pensar.”. A forma como hoje trabalhamos um determinado conteúdo, não será a mesma que aplicaremos amanhã, sendo que no futuro aplicaremos uma estratégia diferente e mais bem elaborada.

1.4.Subsecção – Período de estágio no bibe Amarelo A (3 anos): 7 de novembro de 2011 a 16 de dezembro de 2011

1.2.1. Caracterização da Turma

A turma do bibe Amarelo A é composta por vinte e sete alunos, sendo onze do género feminino e dezasseis do género masculino.

A cada ano que passa, a criança vai amadurecendo mais, vai adquirindo novos conhecimentos e complementando os que já traz consigo. Aos três anos, a criança deixa de estar menos centrada no seu mundo, pois segundo Quina (1991, p.7) “as suas relações pessoais são mais flexíveis. A dependência de si mesma e a sua sociabilidade equilibram-se uma a outra.”.

Os três anos de idade são de, extrema importância para a criança, visto que, em termos sociais, esta atinge uma maturidade psicomotora, começa a desenvolver mais o seu processo lógico, comparando objetos, já é capaz de partilhar com os outros e de esperar pela sua vez. Quina (1991, p.8) considera que “os 3 anos na criança assimilam um importante marco no processo de desenvolvimento infantil.”.

1.2.2. Caraterização do Espaço

A sala do bibe Amarelo A tem passagem para a sala do bibe Amarelo B e acesso ao exterior. É bastante ampla e iluminada. Nesta sala verificamos que existem diversas áreas bem definidas, tais como: a área do tapete, a área da leitura e das mesas. Segundo Mendonça (1997, p.63), os cantinhos devem possuir objetos tendo em conta “ (...) a experiência pessoal e social da criança e a realidade física e social que a rodeia”.



Figura 10 – Sala dos 3 anos

Esta sala tem quatro mesas redondas de cor amarela, mas cada uma tem cadeiras de cor diferentes. Existem armários que dividem os dois espaços, onde a educadora coloca os trabalhos das crianças, bem como os materiais necessários às atividades realizadas, assim como, existe um outro armário onde a educadora tem os materiais matemáticos bem como os dossiês de cada criança. Para Amado (2001, p.82) o mobiliário classifica-se como sendo um espaço semifixo, uma vez que é “ (...) outro elemento material do contexto; mas é mais do que isso, é um suporte imprescindível do processo de ensino-aprendizagem e da vida relacional na aula, uma vez que esta é bastante dependente de decisões acerca do seu uso e disposição”.

1.2.3. Rotinas Diárias

Durante o período de estágio realizado neste bibe, cumpriram-se as mesmas rotinas que o bibe azul, à exceção da hora do almoço e da sesta. Segundo Ferreira e Santos (1994, p.43) “as rotinas (...) constituem momentos estruturantes das atividades e dos alunos.”.

Hora de Almoço

A hora da **refeição** é fundamental, obviamente. Segundo Baptista (2006):

(...) as escolas, enquanto espaços educativos e promotores de saúde, devem criar cenários valorizadores de uma alimentação saudável, não só através dos conteúdos curriculares, mas também através da oferta alimentar em meio escolar, para que as nossas crianças e adolescentes, sejam progressivamente capacitados a fazer escolhas saudáveis. (p.9)

O mesmo autor diz ainda que “uma alimentação saudável e equilibrada é um factor determinante para ganhos em saúde”. (p.8)

O momento das refeições é igualmente um ótimo momento para desenvolver a autonomia e para estimular a socialização. Sendo o Ser-humano um ser social, é importante promover desde a mais tenra idade o processo de socialização, ou seja, desde cedo, as crianças devem estar presentes em situações que levem a uma integração no meio, tanto a nível de pares, como a nível de outras entidades pertencentes ao grupo escolar.

Sesta

A hora da sesta é realizada após o almoço. Neste período, não existe muita luz na sala, de forma a proporcionar um ambiente propício para este momento. De acordo com Cordeiro (2008, p.306) “proporcionar ambientes onde a sesta possa ser feita (luz velada, uma caminha, silêncio) pais e educadores devem observá-las e conhecer-se quem quer ou não dormir. Quando as crianças se deitam, as educadoras e auxiliares aconchegam as crianças. De acordo com o mesmo autor “o deitar e aconchegar, com mimo e um beijinho, deverão ser obrigatórios, e não o mandar para a cama se tratasse de uma instrução militar”.

1.2.4. Horário

Durante este momento de estágio assistimos às mais diversas atividades, como se pode observar no quadro 4.

Quadro 4 – Horário da Turma do Bibe Amarelo A (3 anos)

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00	Acolhimento – Canções de roda, jogos e higiene				
9:30	Conhecimento do Mundo/ Iniciação à Matemática- Material estruturado	Iniciação à Matemática- Material estruturado/ Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo/ Iniciação à Matemática- Material estruturado	Iniciação à Matemática- Material estruturado/ Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo/ Iniciação à Matemática- Material estruturado
10:30	Recreio				
11:00	Iniciação à Matemática- Material estruturado/ Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo/ Iniciação à Matemática- Material estruturado	Iniciação à Matemática- Material estruturado/ Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo/ Iniciação à Matemática- Material estruturado	Iniciação à Matemática- Material estruturado/ Conhecimento do Mundo
12:00	Almoço/sesta				
15:00	Expressão plástica	Música	Expressão plástica	Conhecimento do Mundo/ Iniciação à Matemática- Material alternativo	Estimulação à leitura
15:45	Lanche				
16:00	Jogos de tampo de mesa	Jogos de roda	Lengalengas/ Destrava língua/ poesia	Jogos de tampo de mesa	Conversa sobre rotinas
17:00	Saída				

1.2.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 7 de novembro de 2011

Esta manhã começou com a apresentação de cada criança do bibe Amarelo A. Nesta apresentação, para além de referirem o nome e a idade, falaram sobre o que fizeram de mais importante no fim-de-semana. Desta forma ficámos a conhecer cada uma das crianças.

Assistimos, nesta manhã, às aulas das colegas “F.” e “P.”, solicitadas pela diretora da escola. A colega “F.” abordou a teoria de conjuntos através das palhinhas e a colega “P.” contou uma história *Sara, Tomé e o Boneco de Neve*.

Inferências e Fundamentação Teórica

Nesta faixa etária, é extremamente importante perceber o mundo de cada criança. Desta forma, cria-se uma **proximidade entre a educadora e o seu grupo de crianças**. Como se pode verificar, nesta manhã, cada criança relatou as experiências mais importantes do seu fim-de-semana. Segundo o Ministério da Educação (2009) deve-se:

Criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como se fala e se exprime, constitua um modelo para a interação e aprendizagem das crianças. A capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentado o diálogo entre as crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (pp.6-7)

Seja em que circunstância for, é de extrema importância o desenvolvimento da linguagem, principalmente nos primeiros anos de vida, de forma a adquirir novo vocabulário.

O suporte utilizado para a **leitura da história** *Sara, Tomé e o Boneco de Neve* foi um livro de grandes dimensões, o livrão. Este é segundo Pode e Baracho (1998, p.248) “versões em tamanho grande de livros infantis que variam em tamanho e em formato.”. As crianças entraram na história com mais facilidade. De acordo com os mesmos autores (1998, p.249), “ouvir e ver um livrão sendo lido em voz alta é parecido com a experiência de sentar na primeira fila de um cinema ou teatro. O ouvinte/espectador pode tomar parte na ação.”.

Terça-feira, 8 de novembro de 2011

Esta manhã começou com uma aula da colega “J.”, solicitada pela educadora “R.”. A colega ensinou-lhes uma lengalenga. Primeiramente, o bibe Amarelo A escutou-a com muita atenção, de forma a poder depois produzir a lengalenga de várias maneiras.

Após o recreio, a educadora lembrou, com o grupo, a lengalenga trabalhada pela colega “J.”, de forma a perceber se eles aprenderam ou não a mesma, assim como, realizaram o jogo do sentido e, por fim, conjuntos a partir de Blocos Lógicos.

Inferências e Fundamentação Teórica

Os **Blocos Lógicos** são um material com o qual podem ser explorados diversos conteúdos em diferentes faixas etárias. Este é um material muito particular pois as peças que constituem este material possuem quatro atributos. De acordo com Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010):

os Blocos Lógicos são um material manipulativo estruturado composto por 48 peças lógicas distintas. Cada peça lógica tem quatro propriedades/valores referentes a quatro variáveis: forma, cor, espessura e tamanho. O uso destas peças lógicas permite a realização de atividades aliantes e diversificadas que ajudam a construir conceitos de lógica, indispensável à compreensão de noções básicas e fundamentais. (p.13)

Correia (1993, p.4) acrescenta que “cada peça dos blocos é caracterizada por 4 atributos. Assim, por exemplo, só existe um quadrado, vermelho, grande e fino.”.

Este material é considerado como um material estruturado, trabalhado a partir dos três anos de idade e é composto por quarenta e oito peças. Durante esta aula as competências desenvolvidas pelas crianças foram a identificação dos diferentes atributos como a cor, a forma, a espessura e o tamanho e o estabelecimento de comparações nas peças deste material. Com estas competências as crianças trabalham as suas capacidades e destrezas tais como as percepções tátil, visual, tamanho e espessura, reconhecimento das formas, coordenação motora e atenção.

Sexta-feira, 11 de novembro de 2011

Esta manhã esteve ao cargo da colega “D.”, que começou por explorar as partes do corpo através de uma boneca (a boneca Matilde). Posteriormente trabalharam a estruturação espacial e a lateralidade, através de bolas de plástico coloridas.

As bolas são um material não estruturado que permite à criança o desenvolvimento da orientação espacial, estando presentes no quotidiano. O treino das capacidades coordenativas é fundamental, não só a nível desportivo como no processo educativo da criança. De acordo com Carvalho, Assunção e Pinheiro (2009), o treino da orientação espacial é “uma forma de qualquer pessoa otimizar o seu desenvolvimento motor e o seu desempenho cognitivo e com isso o seu bem-estar, pois, a coordenação está presente em todas as atividades diárias.”.

Durante a hora da bolacha, a educadora mostrou às crianças uma castanha e um ouriço, interligando estes elementos ao dia de S. Martinho.

No fim desta manhã, realizaram um trabalho relacionado com o dia de S. Martinho. Cada criança tinha quatro castanhas e dois olhos, que se colaram na folha de manteiga A4, a fazer de lagarta e à volta da mesma desenhavam.

Inferências e Fundamentação Teórica

É extremamente pertinente criar atividades de **expressão plástica**, não só para desenvolvermos os outros tipos de linguagem, como também, dar a conhecer às crianças a conhecer diferentes técnicas que se podem realizar com materiais não utilizados no quotidiano, como foi o caso das castanhas coladas no papel. Segundo a Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário (s.d.):

no Jardim-de-Infância pretende-se igualmente com a Expressão Plástica dar à criança uma independência e um estilo próprio. É através das formas próprias de expressão e do manejo dos materiais, que a criança adquire um estilo próprio e o respeito pela criação e pela actividade (p.46).

Segunda-feira, 14 de Novembro de 2011

Esta manhã iniciou-se as crianças sentadas no tapete a cantarem a música do bom dia. De seguida, cada criança teve a oportunidade de contar o seu fim-de-semana. Após esta conversa, a educadora contou-lhes uma história *Gosto de ti*, de Bénédicte Carboneill e trabalharam os conjuntos através de material não estruturado – pauzinhos coloridos e compridos de madeira.

Enquanto decorriam estas atividades, nós, estagiárias, ajudávamos cada criança a realizar um trabalho no domínio da Expressão Plástica, relacionado com o Natal, que consistia em fazer uma árvore de Natal e/ou um boneco de neve, como prenda de natal para os encarregados de educação.

Inferências e Fundamentação Teórica

Gostaria de salientar a forma como a educadora iniciou a sua manhã de atividades. Ou seja, a educadora começou por cantar uma **música** com as crianças. Jensen (2002, p.83) afirma que se deve utilizar “rituais divertidos e energéticos para abertura da aula, para o desfecho e para a maior parte dos procedimentos que são por norma repetitivos”.

Uma vez obtida a atenção, deve-se tirar o maior partido possível da mesma. Visto conhecerem a música, as crianças puderam acompanhar, cantando com a educadora.

Tal como já foi relatado, as minhas colegas de estágio e eu realizámos, com algumas crianças, figuras natalícias, a partir de plasticina, como bonecos de neve, pais natais e árvores de Natal, para serem oferecidos aos encarregados de educação na época do Natal. Ao realizar uma atividade de **expressão plástica** sobre o Natal, Sousa (2003) diz que é:

uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades (...) não se pretende produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança. (p.160)

Através desta atividade, as crianças trabalharam a motricidade fina que, segundo Reis (2003, p.181), “insere-se no quotidiano do jardim-de-infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objectos”.

Terça-feira, 15 de Novembro de 2011

Esta manhã iniciou-se com uma história *Rato Renato não quer que a mãe vá trabalhar*, contada pela colega “A.”.

A seguir à leitura desta história, a educadora esteve a trabalhar na área de Conhecimento do Mundo, em que abordou o tema as emoções, recorrendo a uma história.

Após o recreio, a educadora solicitou que as crianças se sentassem nos tapetes, onde esteve a trabalhar a lengalenga que os alunos aprenderam com a estagiária.

No decorrer desta manhã, as minhas colegas e eu estivemos a participar na elaboração da prenda de Natal.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao longo da vida, o ser humano vai-se exprimindo conforme as situações que lhe vão ocorrendo e, como tal, é de extrema importância desenvolver as emoções desde a mais tenra idade, para que, enquanto adulto, saiba lidar com as mais situações inesperadas. Tal como relatado, através de uma história, a educadora dialogou com as crianças sobre as **emoções**. De acordo com Gottmn e DeClaire (1999):

os livros infantis... podem ser em excelente instrumento para as crianças aprenderem sobre as emoções. As histórias podem ajudar as crianças a construir um vocabulário para falares das emoções e ilustra os diferentes modos como as pessoas enfrentam a ira, o medo e a tristeza. (p.122)

Quando se fala em emoções, Steiner e Perry (2000, p.26) consideram que é fundamental “aprender a compreendê-las, a geri-las e a controlá-las.”.

É importante fazer com que as crianças saibam reconhecer e gerir aquilo que sentem e, ao escutarem os outros de um modo produtivo, aumentam o seu poder pessoal. Whitesell e Harter (1989, citado por Spodek e Saracho, 1998, p.80) referem que “o desenvolvimento emocional das crianças pequenas é influenciado pelo seu ambiente. Elas são aquilo que podem fazer, sentir, entender, imaginar, perceber e escolher.”.

Sexta-feira, 18 de Novembro de 2011

Esta manhã fora lecionada pela colega “A.”. Na área do Conhecimento do Mundo abordou as características gerais sobre uma das estações do ano – o outono e, na área da Matemática realizou, a partir de folhas de Outono, contagem das mesmas aplicando a adição.

Inferências e Fundamentação Teórica

Devemos encarar a **Educação no Pré-Escolar** como a educação mais importante no desenvolvimento da criança. Porquê? É com a educação Pré-Escolar que se inicia a formação a nível não só intelectual como também social, afetivo, físico e moral do indivíduo para que no futuro este seja capaz de se integrar e de ter sucesso naquilo que desempenha.

Sim-Sim, *et al.* (2008, p.7) defendem que a educação pré-escolar “é o primeiro degrau de um longo caminho educativo com um peso decisivo no sucesso escolar e social dos jovens, e o jardim-de-infância configura-se como um espaço de tempo privilegiado para aprendizagens estruturantes e decisivas no desenvolvimento da criança”.

Sendo a educação Pré-Escolar o início da formação da criança, cabe ao educador proporcionar o maior número de experiências, desenvolvendo assim, todas as áreas, de modo a que as crianças, no futuro, sejam bem-sucedidas.

Segunda-feira, 21 de novembro de 2011

No presente dia, tal como programado, a turma do bibe Amarelo A teve aulas lecionadas pela colega “I.”. Nesta manhã começou por contar, com a ajuda de um fantoche, a história *O sapo tinha medo*. Com base na história, abordou as emoções através de imagens.

Inferências e Fundamentação Teórica

Estas duas áreas foram trabalhadas no mesmo espaço – sala da televisão – em que as crianças estavam sentadas no tapete como se estivessem no cinema. É de salientar ainda que existem diversas formas de **contar histórias** recorrendo a diversos materiais, como os **fantoches**. De acordo com o Ministério da Educação (2009):

a importância de que se reveste o equipamento e o material de aprendizagem das crianças implica que: o educador defina propriedades na aquisição do equipamento e do material, de acordo com as necessidades das crianças e o seu projecto pedagógico, tendo em conta os critérios de qualidade. (p.38)

Segundo Costa e Baganha (1989, p.17) “o fantoche, desde que obedeça a certos requisitos que lhe permitam vir a tornar-se um objecto intermediário na relação de cada um consigo próprio, de cada um com os outros, pode tornar-se no fantoche que ajuda a crescer.”. Guimarães e Costa (1986, citados por Costa e Baganha, 1989, p.29) acrescentam que “o fantoche é um brinquedo privilegiado como mediador entre o Eu e o Outro.”.

É de extrema importância recorrer aos mais diversos materiais quando se aborda um determinado tema com as crianças, sendo que, neste caso, a colega utilizou um fantoche feito por si para contar a história e utilizou diversas imagens para explorar os vários tipos de emoções que o ser humano tem conforme o momento pelo qual está a passar.

Terça-feira, 22 de novembro de 2011

Enquanto a educadora explorou, com as crianças, 1.º Dom de Froebel e recordou os tipos de emoção que existem, as minhas colegas e eu, terminámos de enfeitar umas espátulas/marcadores para vender na feira de Sintra: a escola irá participar nesta feira. Ajudamos, também as crianças a terminar a prenda de Natal.

Inferências e Fundamentação Teórica

O **1.º Dom de Froebel** é constituído por uma caixa de madeira, em forma de paralelepípedo com seis bolas de diferentes cores, tais como, amarelo, laranja, azul, encarnado, verde e lilás. Este Dom destina-se a crianças entre os dois e os três anos de idade. A partir deste Dom deve-se trabalhar a “aprendizagem das cores; estruturação espacial; lateralização; desenvolvimento verbal; enriquecimento de vocabulário; jogos de memória; - seriação; conjunto e contagem.”. (Caldeira, 2009, p.243)

Sexta-feira, 25 de novembro de 2011

Durante esta manhã realizaram-se os preparativos para a festa de Natal em toda a escola. Para além do ensaio no ginásio, realizaram, em sala de aula, enfeites de Natal (Figura 11) para colocar numa das árvores de Natal espalhadas pela escola.



Figura 11 – Enfeite de Natal

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero bastante importante que as crianças realizem **trabalhos relacionados com a época do ano** em que se encontram. De acordo com Cordeiro (2008, p.37) “as atividades que surgem todos os anos, são muito importantes, pois ajudam a criança a encontrar uma organização temporal, dando-lhes segurança para prever o que vem depois.”.

Segunda-feira, 28 de novembro de 2011

Tal como programado, esta manhã de atividades esteve a meu cargo. O tema principal foi o Natal. A partir deste tema explorei duas áreas distintas mas que se interligavam: área do Conhecimento do Mundo, em que explorei o tema a partir de uma história contada aos alunos. Na área da Expressão e Comunicação – domínio da Matemática, realizou-se a construção do presépio em que se trabalhou a lateralidade, as contagens de personagens existentes no mesmo e as cores.

Inferências e Fundamentação Teórica

Esta manhã de aulas decorreu na sala do bibe amarelo, em que as crianças se sentaram em forma de “u”, no tapete. Ao longo do Conhecimento do Mundo, o suporte utilizado para contar a história foi um livro, que desencadeou a exploração do tema em questão. Na exploração do tema, mostraram-se vários símbolos de época, como a árvore de natal, presépio, através de imagens e, ainda, provaram um doce de Natal. Apesar destes

conteúdos trabalhados, é de relevar o conhecimento das crianças sobre o tema, que apesar de não ser muito, contribuiu para a abordagem do tema.

Quanto ao domínio da Matemática, construiu-se um presépio com os alunos em que trabalharam a lateralidade, contagem de elementos e as cores existentes no mesmo – as imagens dos elementos do presépio. É por volta dos três anos de idade que se nota, com mais evidência, a preferência do uso de uma mão sobre a outra. Papalia et al. (2001, p.288) definem **lateralidade** como “preferência pela utilização de uma das mãos.” Os mesmos autores afirmam ainda, que “a lateralidade nem sempre está definida de forma clara; nem toda a gente prefere a mesma mão para fazer todas as tarefas.” (2001, p.288)

No que diz respeito à cor, Whitfield e Stoddart (1994) afirmam que:

a cor das coisas que nos rodeia é a mais pura das abstrações pois não pertence na verdade aos objectos. A cor surge na mente pela reflexão da luz nos pigmentos dos objectos, proporcionando beleza e sentido a tudo o que vemos. (p.193)

Em suma, é de extrema importância trabalhar tanto a cor como a lateralidade desde a mais tenra idade, para que as crianças possam ter noção do espaço ao seu redor, assim como na contagem, em que a criança visualizará e compreenderá melhor as noções de número e quantidade.

Terça-feira, 29 de Novembro de 2011

Esta manhã foi dirigida pela colega “A.”, que se propôs dar mais uma manhã de atividades. Na área do Conhecimento do Mundo abordou os frutos do Outono, explorando os cinco sentidos e, no domínio da Matemática, construíram uma receita.

Antes desta manhã de atividades, realizou-se um ensaio de Natal, no Ginásio.

Inferências e Fundamentação Teórica

Trabalhar os **cinco sentidos** é de extrema importância para que a criança possa apreciar o mundo ao seu redor. Whitfield e Stoddart (1994, p.9) consideram que através dos sentidos “aprendemos a apreciar o mundo maravilhoso que nos rodeia graças aos órgãos dos nossos sentidos: vista, ouvido, olfacto, gosto e tacto, permitem-nos identificar as cores, os sons, cheiros, sabores e formas das coisas, e de nós próprios.”

Os materiais utilizados pela colega nesta aula foram sem dúvida apelativos pois eram reais e, através dos mesmos, puderam realizar diversas experiências através dos sentidos.

Sexta-feira, 2 de dezembro de 2011

Por ser *roulement*, ambas as turmas de bibe amarelo estiveram sob vigilância da educadora do bibe Amarelo A. Esta manhã começou com a leitura de uma história *A carta ao Pai Natal*. A partir da história dialogaram sobre o Natal. Enquanto decorria esta atividade, a educadora solicitou a todas as estagiárias presentes que montassem um Pai Natal, que iria ser decorado, com diferentes materiais, pelas crianças. Depois de concluído, este trabalho iria ser exposto no placard da sala como decoração natalícia.

Inferências e Fundamentação Teórica

É de extrema importância a forma como se dispõe a **sala de aula** às crianças, visto que esta vai influenciar atitudes das crianças. De acordo com Hohmann, Banet e Weikart (1979 p.51) “o arranjo deste espaço é importante, porque afeta tudo o que a criança faz.”. A forma como a educadora o arranja, está relacionado com os princípios educativos dos adultos responsáveis por essa sala.

Quando o espaço se encontra bem arranjado, pode ter diversas vantagens para as crianças. Ainda segundo os mesmos autores “o arranjo de uma sala de atividades... reflete a crença que as crianças aprendem melhor num ambiente estimulante mas organizado, no qual podem fazer escolhas e agir sobre elas.”.

Segunda-feira, 5 de dezembro de 2011

No decorrer desta manhã ocorreram aulas-surpresa por parte das professoras de supervisão pedagógica. No bibe Amarelo A, a colega “A.” contou-lhes uma história, em que sentou os alunos no tapete. Já no bibe Azul B, enquanto a colega “J.” contou uma história, a colega “P.” trabalhou situações problemáticas com adição e subtração, utilizando palhinhas.

Inferências e Fundamentação Teórica

No que diz respeito às **histórias** contadas pelas colegas, ambas deviam ter sido mais dinâmicas na forma como contaram as mesmas, de forma a cativar e a dar prazer aos alunos durante a audição das histórias, assim como, fazer com que eles participassem das mesmas. Segundo Mata (2008, p.74) durante a audição de uma história, deve-se levar à compreensão da função da leitura que “é uma via essencial para o envolvimento com a mesma.”. Através desta compreensão sobre a leitura, criam-se hábitos e gostos pela leitura de forma prazerosa. Mata (2008, p.75) afirma que “as crianças devem ser envolvidas em momentos de leitura agradáveis e positivos.”.

Quanto à aula da colega, no domínio da Matemática, esta poderia ter criado situações problemáticas mais adequadas à faixa etária, assim como, à medida que as ia explorando com os alunos, devia tê-las dificultado, desafiando, desta forma, os mesmos.

Terça-feira, 6 de dezembro de 2011

Nesta manhã realizaram o ensaio de Natal e um trabalho relacionado com o corpo humano. O resto da manhã, e até à hora de almoço, permaneceram no recreio até à hora do almoço, onde brincaram livremente com os outros bibes, sob a vigilância das estagiárias, enquanto as educadoras se reuniram com a diretora da escola, devido à festa de Natal.

Inferências e Fundamentação Teórica

Brincar é um momento mágico para a criança. Este proporciona a aquisição de novos conhecimentos, desenvolve habilidades de uma forma natural e agradável. Brincar é essencial para a criança, pois permite obter um bom desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo. Froebel (citado por Maluf, 2009, p.19) define o brincar como uma “atividade livre e espontânea, responsável pelo desenvolvimento físico, moral e cognitivo (...)”.

Considero que, através da brincadeira, seja possível formar indivíduos com autonomia, motivados para muitos interesses e capazes de aprender rapidamente.

Sexta-feira, 9 de dezembro de 2011

Nesta manhã realizaram o ensaio geral para a festa de Natal, que realizaram usando os acessórios que serão usados na festa de Natal.

Terminado o ensaio, as crianças formaram um comboio a pares para se deslocarem à casa de banho, para realizarem a higiene pessoal, a fim de almoçarem.

Inferências e Fundamentação Teórica

Para Bastos (1999, p.205) os **ensaios para a Festa de Natal** “constituem geralmente os primeiros contactos [das crianças] com uma forma diferente de expressão” (Bastos, 1999, p.205). Através da Expressão Dramática as crianças expressam os seus sentimentos, socializam umas com as outras, bem como adquirem sentido sobre o mundo que as rodeia. Spodek e Saracho (1998) defendem que:

(...) a brincadeira dramática é um meio importante de expressão para as crianças pequenas, pois, através dela, elas testam suas ideias, dão expressão a seus sentimentos e aprendem a trabalhar com outras (...). Através do jogo dramático, as crianças desenvolvem um entendimento do mundo em volta delas, e aprendem a lidar com seu ambiente. (p.221)

Domingo, 11 de Dezembro de 2011

Embora este dia não faça parte do nosso calendário, as minhas colegas e eu decidimos ir ajudar na realização da festa de Natal. A festa de Natal, realizada em ambiente escolar é um evento de extrema importância que reúne toda a comunidade envolvente que contribuindo para a formação da criança.

Inferências e Fundamentação Teórica

A **festa de Natal** é um dos grandes acontecimentos que ocorrem ao longo do ano letivo, no qual se juntam todos os membros da comunidade educativa, que contribuem para um bom desenvolvimento da criança. De acordo com Aguerre (2008):

as festas e as celebrações constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças. (...) As festas, celebrações e outros eventos são acompanhados de acções nas quais as crianças podem e devem participar. (p.73)

É de extrema importância a participação dos pais nas atividades organizadas pela escola, pois desta forma ajudam no bom desenvolvimento e crescimento da criança.

Segunda-feira, 12 de dezembro de 2011

Nesta manhã, realizaram um trabalho relacionado com o Natal: carta ao Pai Natal. Este trabalho tinha como objetivo recortar, de uma revista, prendas que gostassem de receber no Natal e colar as mesmas numa folha A4.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero importante **o ensino de diferentes expressões**, pois este:

implica diversificar as situações e experiências, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objectos. (Ministério da Educação, 2009, p.57)

Terça-feira, 13 de Dezembro de 2011

No decorrer desta manhã realizaram-se aulas surpresas das minhas colegas de grupo, propostas pela educadora. A colega “I.” trabalhou a história *O Casamento da Gata*, de Luísa Ducla Soares, e a colega “A.” realizou dois jogos de roda, sendo que o primeiro jogo consistia em tapar uma criança com uma fita e a outra a bater palmas; a que está de olhos vendados tem de ir ao encontro do som. Quanto ao segundo jogo consiste no jogo do cãozinho, em que está uma criança deitada de barriga para baixo com a cara tapada a fazer de cãozinho e escolhe-se outra para esconder o objeto com ela; assim que se esconde o objeto, chama-se “o cãozinho” para ir à procura do mesmo; quando encontra o objeto, a criança que o tinha escondido, passa a cãozinho.

Inferências e Fundamentação Teórica

Penso que o **jogo** é de extrema importância para o desenvolvimento da criança. Brougère (1998, citado por Gueifão, 2007, p.27) considera que o “jogo é a cultura da criança”.

Segundo o Ministério da Educação (2001) o jogo para a criança:

é a sua actividade natural através da qual, para além do simples prazer de brincar, desenvolve capacidades. Através do jogo a criança imita o outro, afirma a sua identidade, exprime sentimentos, desenvolve a imaginação, cria e recria o mundo à sua volta. (p.10)

O jogo ajuda a criança no seu desenvolvimento pessoal e beneficia a sua saúde, assim como, para experimentar os seus limites, para construir a sua identidade pessoal, para adquirir competências e para saber viver com os outros.

Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011

Esta manhã, a colega “I.” deu uma aula sobre sequências, através de bolas coloridas. Após o recreio, foi-me solicitado explorar com as crianças imagens, que retratavam comportamentos que não se devem ter dentro e fora da sala de aula.

Inferências e Fundamentação Teórica

Tal como relatei na presente data, explorei com as crianças **diversas imagens de comportamentos** que não se devem ter dentro e fora da sala de aula. Com a exploração destas imagens, levei as crianças a participarem, através dos conhecimentos e experiências que elas foram obtendo. Esta exploração de imagens permite “ensinar aos alunos

competências de comunicação interpessoal específicas pode aumentar a qualidade do discurso na sala de aula e o respeito interpessoal entre os alunos.”. (Arends, 1995, p.141)

Como consolidação desta exploração de imagens, pedi às crianças que descrevessem todas as imagens expostas no placard de forma a verificar se elas compreenderam o porquê de não se poder ter aqueles comportamentos.

A forma como agimos e compreendemos o mundo, mostra aquilo que nós somos. Nesta sequência Brazelton (1995, p.388) considera que “as boas maneiras representam os nossos valores, os nossos estilos sociais”.

1.3. Subsecção – Período de estágio no bibe Encarnado A (4 anos): 2 de janeiro de 2012 a 10 de fevereiro de 2012

1.3.1. Caracterização da Turma

A turma do bibe Encarnado A é composta por vinte e oito alunos, sendo quinze do género feminino e treze do género masculino. A maioria dos alunos termina o ano letivo com quatro anos de idade.

É de valorizar a relação que existe entre a educadora e o seu grupo de crianças. Segundo o Ministério da Educação (2001, p.9) “o educador estabelece uma relação pessoal com a criança, conjugando afecto, respeito e autoconfiança, com actividades que a estimulam.”. Nas actividades que planeia, deve ter em conta o grupo de crianças, adequando os recursos existentes para a realização das mesmas, criando desta forma um ambiente agradável e favorável à aprendizagem. De acordo com o Ministério da Educação (2001) o educador contribui de uma forma significativa para o desenvolvimento da criança:

- Criando situações que lhe despertam a curiosidade e desenvolvam a capacidade de pensar e agir;
- Encorajando-a a procurar soluções e a ultrapassar dificuldades;
- Propondo jogos que alimentam a sua imaginação e criatividade;
- Organizando actividades, dentro e fora do jardim de infância, que possam alargar e complementar os seus conhecimentos. (p.9)

Segundo a educadora, esta turma está bem integrada na dinâmica da escola, demonstrando também motivação e interesse pelas diversas aprendizagens ao longo do ano.

1.3.2. Caracterização do Espaço

A sala do bibe Encarnado A é bastante ampla e luminosa, tem várias janelas de acesso à parte exterior. Existem quatro mesas redondas, cada uma delas com seis cadeiras.

Na parede, estão dois quadros, um de giz e outro branco, onde se utilizam canetas próprias para o efeito e dois placares para afixação de trabalhos das crianças. Arendes (1995, p.96) menciona que “os alunos podem (...) ajudar a produzir uma sala com aspecto interessante e acolhedor. Muitos alunos sentem-se bem quando veem os seus trabalhos na parede, e tal exposição pode ser usada como sistema de incentivos”.

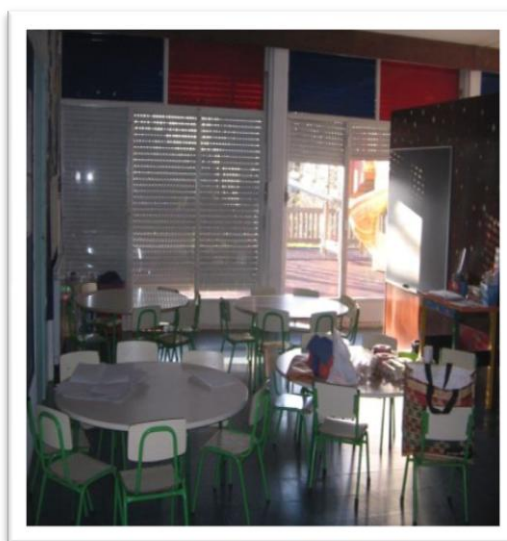


Figura 12 – Sala dos 4 anos

Existe, também um cantinho de brinquedos e o cantinho da leitura delimitado por um tapete, onde as crianças se costumam sentar quando ouvem histórias.

1.3.3. Rotinas Diárias

Durante o período de estágio realizado na sala do bibe Encarnado A, verificou-se as mesmas rotinas, acolhimento (roda de canções e jogos), higiene (ida à cada-de-banho) e recreio, com a exceção do almoço.

1.3.4. Horário

Tal como referimos nas rotinas diárias, assistimos a diversos momentos que se podem verificar no quadro 5.

Quadro 5 – Horário da Turma do Bibe Encarnado A (4 anos)

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00	Acolhimento – Canções de roda, jogos e higiene				
9:30	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo
10:30	Recreio				
11:00	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Educação pelo Movimento
12:00	Inglês		Educação pelo Movimento		Revisões
12:30	Jogos de roda/ Estimulação à Leitura	Jogos de mesa/ Estimulação á leitura	Cantinhos	Cidadania	Jogos de roda
13:00	Almoço e recreio orientado e livre				
14:45	Música	Expressão plástica no âmbito da Matemática	Expressão plástica no âmbito do Conhecimento do Mundo	Experiências/ registo das mesmas	Expressão Plástica
15:30	Expressão Plástica				
16:00	Relembrar o nosso dia				
16:30	Lanche				

1.3.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 2 de janeiro de 2012

Por ser *roulement* ambas as turmas do bibe encarnado estiveram ao cargo da educadora do Encarnado B. Após os jogos realizados no ginásio, dirigiram-se para o recreio, onde brincaram livremente, antes e depois da hora de almoço.

Inferências e Fundamentação Teórica

Os **jogos**, na **Educação Pré-Escolar**, têm um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem pois, através do lúdico, permitem o desenvolvimento físico e mental da criança, facilitando no processo de construção do conhecimento e para a socialização. De acordo com Antunes (2003, p.36), “o jogo ajuda a criança a construir as suas novas descobertas, desenvolvendo e enriquecendo a sua personalidade (...)”.

Terça-feira, 3 de janeiro de 2012

Esta manhã iniciou-se com a apresentação dos alunos e estagiárias, seguido da conversa sobre as férias de Natal, que cada um deles teve. Nesta manhã realizaram a contagem de números e exploraram o Cuisenaire, em que realizaram três escadas: a escada de 1 a 10, escadas de números pares e ímpares. A cada escada realizada, a educadora pedia aos alunos para fazerem a leitura das mesmas, tanto por cores, como por valores.

Após o recreio tiveram Inglês. No entanto, dois dos alunos não frequentam esta atividade, pois segundo a educadora, não foram inscritos. A seguir a esta atividade, fizeram uma revisão sobre os vários conteúdos matemáticos.

Inferências e Fundamentação Teórica

O **Inglês** é uma língua de extrema importância pois, nos dias de hoje, sem esta língua não conseguimos comunicar onde quer que vamos, pois o Inglês está em toda a parte; logo, é considerado como a língua mais falada em todo o mundo. Mesmo que não seja como primeira língua na maioria dos países, é muitas vezes estudada e trabalhada, como por exemplo, no nosso país. O Ministério da Educação (2001, p.5) salienta que:

uma língua é um espaço potencial de expressão do eu que serve as relações interpessoais e as realizações de interação social. Enquanto fator determinante da socialização e valorização pessoal, ela permite ao indivíduo desenvolver a

consciência de si próprio e dos outros, traduzir atitudes e valores, aceder ao conhecimento e demonstrar capacidades. (p.5)

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

Na presente data, o bibe Encarnado A esteve a cargo da educadora “P.”, substituindo a educadora titular de turma. No dia em questão comemorou-se o Dia dos Reis. Como tal, a educadora, contou-lhes uma história de Natal, sendo a mesma alusiva ao Dia dos Reis.

No seguimento desta história, a educadora falou sobre o nome dos três Reis Magos, bem como, falando dos presentes que estes levaram ao Menino Jesus. Para além disto, explicou o significado do bolo-rei.

Indo de acordo com esta comemoração, as crianças decoraram, com pedacinhos de seda encarnada, a coroa do Dia dos Reis.

Ainda esta manhã, tiveram Educação pelo Movimento.

Inferências e Fundamentação Teórica

Para a realização desta atividade de **Expressão Plástica** relacionada com este dia, utilizaram **tesoura** e cola. A tesoura é um instrumento que contribui para o desenvolvimento da motricidade fina. Portugal e Laevers (2010, p.52) afirmam que a “ (...) manipulação de pequenos instrumentos e objetos, requerendo uma coordenação meticulosa ao nível da mão e dos dedos, podendo envolver a coordenação olho-mão”.

Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012

Durante a primeira metade desta manhã, estiveram com a professora do A.T.L., que trabalhou, com os alunos, a contagem de números, assim como situações problemáticas de acordo com o número de crianças sentadas em cada mesa – as mesas onde as crianças se sentam, são redondas e existem sete crianças por mesa. Posteriormente trabalharam com as palhinhas, em que realizaram figuras geométricas e construções através de figuras geométricas. A partir destas construções, a professora explorou-as com as crianças, comparando as mesmas, perguntando quais as figuras que cada um representou na sua construção ou quantas palhinhas utilizadas nestas, etc.

Após o recreio ouviram duas histórias, sendo que a primeira foi contada pela educadora do bibe Encarnado A, cujo nome é *D. Leão* e *D. Catatua*, de Manuela Micaelo; a segunda história fora contada pela educadora do bibe Verde Alface, que se designa por *As*

orelhas de borboleta, de Luísa Aguilar. Entre estas duas histórias contadas, realizou-se o jogo do cãozinho.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero essencial, para o desenvolvimento da criança, **a leitura de diversas histórias**. Marques (2000, p.43) afirma que contar histórias é uma “atividade estimuladora da aquisição de competências literárias pelas crianças pequenas.”

Durante o estágio pude verificar que as educadoras, quando terminaram de ler as histórias, exploraram-nas com as crianças, tentando que estas tirassem o melhor proveito das mesmas. Segundo Bettelheim (1984):

quando o narrador da história dá às crianças tempo suficiente para refletirem sobre ela, para se submergirem na atmosfera que a narrativa cria, e quando elas são encorajadas a falar no assunto, então conversas posteriores revelam que, emocional e intelectualmente, a história ofereceu muito a algumas crianças. (p.79)

Terça-feira, 10 de janeiro de 2012

Esta manhã iniciou-se com a escolha de um chefe, que tinha como tarefa cuidar dos colegas de turma, enquanto esperavam pela educadora. Este chefe tinha que apontar, no quadro, as iniciais dos nomes dos colegas que, eventualmente, a seu ver estavam a portar-se mal.

As crianças começaram o dia a trabalhar com os Blocos Lógicos. Com o material exploraram, nomeadamente os seus atributos. (cor, tamanho, forma e espessura). Também se solicitou que realizassem um objeto apenas com duas peças, seguidamente estiveram a analisar e a comparar.

Após o recreio, estiveram a trabalhar na área do Conhecimento do Mundo, sobre o Sol, a Terra e a Lua, em que a educadora começou por contar uma história *O segredo do Sol e da Lua*. A seguir à história, a educadora escolheu três alunos, sendo que um representou a Terra, outro representou a lua e, por fim, um outro aluno representou o Sol, para explicar os movimentos da Terra e da Lua (Figura 13).



Figura 13 – Movimento da Terra à volta da Lua – alunos

Inferências e Fundamentação Teórica

No que diz respeito à **tarefa** desempenhada pela criança, é de extrema importância para a mesma, pois trabalhou o sentido da responsabilidade, assim como inicia a aprendizagem do código escrito, escrevendo no quadro as iniciais dos nomes dos colegas. De acordo com o Ministério da Educação (2009):

a oportunidade de “imitar” a escrita e a leitura da vida corrente pode fazer parte do material faz de conta, onde as crianças poderão dispor de folhas, cadernos, agendas ou blocos, de uma lista telefônica, de revistas ou jornais (...). (p.69)

Cada vez mais a escrita tem uma grande importância na vida do ser humano e, como tal, as crianças contactam com a linguagem escrita desde a mais tenra idade. Inicialmente começam por distinguir a escrita do desenho e, posteriormente verificam que uma série de letras iguais não forma uma palavra e, desta forma, começam a imitar a escrita e a reproduzir o formato do texto escrito.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012

Ao longo desta manhã realizaram atividades relacionadas com as áreas da Matemática, Educação pelo Movimento e do Conhecimento do Mundo, sendo que iniciaram a manhã com o domínio da Matemática, em que fizeram a contagem de números, realizaram situações problemáticas de cálculo mental e conheceram o 4.º Dom Froebel, comparando-o com o 3.º Dom de Froebel. Com este Dom, realizaram uma construção livre, de forma a explorar o mesmo.

Na aula de Educação pelo Movimento, como os alunos se portaram mal, esta terminou mais cedo. No entanto, a educadora conversou com a turma sobre o comportamento que tiveram, durante esta aula. Na sequência desta conversa, foram ter com a professora de E.M., pedindo-lhes desculpa.

Na área do Conhecimento do Mundo, fizeram revisões sobre o tema o “Sal”, compararam água doce com água salgada, através do paladar e, ainda, exploraram fotografias, em formato grande, que abordavam de onde vem o sal e como se extrai o mesmo, o que acontece à água salgada, quando fica muitos dias exposta ao sol, etc..

Inferências e Fundamentação Teórica

Uma vez que fora apresentado um novo **Dom de Froebel** é de extrema importância que, inicialmente, se permita a exploração novo material, de forma aos alunos conhecerem o mesmo. Segundo Caldeira (2009):

numa primeira aula a exploração é feita a partir da proposta feita à criança, sobre o conteúdo da caixa. A forma exterior da caixa, o material de que é feita, são aspectos que podemos explorar sem ser exaustivo. Depois de cada criança ter aberto a caixa, deve-se proceder de igual forma como no 3.º Dom: devemos explorar com elas as pecinhas que estão no interior da caixa. Se acharmos pertinente (isso dependerá do grupo de crianças), podemos introduzir o termo – paralelepípedo. (p.627)

Neste caso, na sequência da descoberta das características deste material, realizaram uma construção livre como primeiro contacto.

Segunda-feira, 16 de janeiro de 2012

Nesta manhã, começaram por explorar o carvão mineral (Figura 14).

Posteriormente, para além da contagem de números e de situações problemáticas de cálculo mental, trabalharam a teoria de conjuntos através de material não estruturado – flores de várias cores, feitas em goma Eva. Ou seja, com este material trabalharam diversos conteúdos, como os conjuntos singulares e vazio, número de flores relacionado com as peças e as cores do Cuisenaire, comparação entre o número de elementos que têm no seu conjunto, o número de elementos desenhado no quadro pela educadora e noção de número par.

Para além destas atividades, realizaram um trabalho de Expressão Plástica, através da técnica do balão, que consistia em fazer carimbos de várias cores numa folha branca A4.

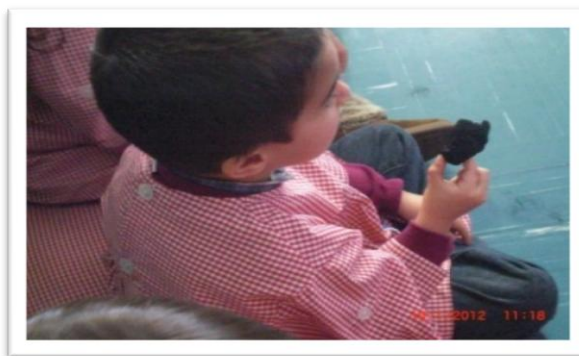


Figura 14 – Exploração do Carvão

Inferências e Fundamentação Teórica

Acho bastante importante que as crianças estejam em contato com **as ciências desde os primeiros anos**. Através do conhecimento e compreensão do mundo que as rodeia, será mais fácil integrarem-se no mesmo. Nesta linha de pensamento, Martins (2009) refere que:

as crianças gostam naturalmente de observar e tentar interpretar a natureza e os fenómenos que observam no seu dia-a-dia; 2- A educação em ciências contribui para uma imagem positiva e refletiva acerca da ciência; 3- Uma exposição precoce a fenómenos científicos favorece uma melhor compreensão dos conceitos apresentados mais tarde...; 4- A utilização de uma linguagem cientificamente adequada com crianças pequenas pode influenciar o desenvolvimento de conceitos científicos; 5- As crianças são capazes de compreender alguns conceitos científicos elementares e pensar cientificamente; 6- A educação em ciências favorece o desenvolvimento da capacidade de pensar cientificamente (pp.12-13).

Terça-feira, 17 de janeiro de 2012

Durante esta manhã, as minhas colegas de grupo foram solicitadas para dar aula. A colega “I.” abordou a teoria de conjuntos com palhinhas e a colega “A.” contou uma história *O Casamento da Gata*, de Luísa Ducla Soares.

Inferências e Fundamentação Teórica

É de extrema importância que permitam às estagiárias dar **aulas de Matemática**. De acordo com Serrazina (2002, p.14) “os futuros professores devem ter durante a formação experiências matemáticas que lhes desenvolvam perspetivas sobre a matemática, (...) que fomentem a sua predisposição para fazer matemática e a sua autoconfiança para aprender matemática de modo independente.”.

Esta possibilidade, que nos é facultada, de refletir com as Supervisoras de Prática Pedagógica sobre as nossas aulas é bastante enriquecedora e permite uma aprendizagem vivenciada.

A **teoria de conjuntos** é uma atividade que visa agrupar objetos, fazendo com que as crianças os classifiquem. Tal como referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Ministério da Educação, 2009):

a classificação constitui a base para: agrupar os objectos, ou seja, formar conjuntos de acordo com um critério previamente estabelecido, a cor, a forma, etc., reconhecendo as semelhanças e diferenças que permitem distinguir o que pertence a um e a outro conjunto (p.74)

As atividades sobre teoria de conjuntos são experiências que desenvolvem nas crianças noções físicas elementares. Tal é confirmado por Moreira e Oliveira (2003) que dizem que as “experiências de classificar e ordenar colecções bem como estabelecer relações entre elas ou entre os seus elementos (...) são indispensáveis à compreensão de noções físicas elementares, como por exemplo, o espaço e a forma, o tempo e a velocidade” (p.67). Por isso, é importante realizar esta atividade diversas vezes, de forma a desenvolver, nas crianças, as noções físicas elementares.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

Esta manhã fui solicitada pela educadora para dar uma aula de Matemática, cujos conteúdos trabalhados foram situações problemáticas com a adição e sequências, em que se utilizou material não estruturado – flores em goma Eva, de vários tamanhos e cores, assim como algarismos móveis.

Após a aula de Educação pelo Movimento, a educadora sentou-os no tapete, onde selecionou determinados alunos, para representarem a história *Os três porquinhos* com dedoches e casas feitas de pano. Esta história foi representada à medida que a educadora ia narrando a mesma.



Figura 15 – Aula surpresa no domínio da Matemática

Inferências e Fundamentação Teórica

Magalhães (2008, pp.59-60) considera que a “ (...) estratégia de animação de leitura participada ou posteriores propostas de dramatização após a leitura inicial de uma história ou de um poema, são bem retidas por este público”.

Contar histórias, com a participação crianças, é de extrema importância na formação do gosto pela leitura. Contar histórias é sustentar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a muitas perguntas, é encontrar ideias para solucionar questões, é uma possibilidade de descobrir o mundo intenso de conflitos e soluções que todos vivemos e atravessamos através dos problemas que vão sendo resolvidos, ou não, pelas personagens de cada história. Desta forma, desenvolvem a sua imaginação, a sua criatividade e o seu vocabulário.

É através das histórias que a criança passa a compreender o mundo dos contos e a mensagem base, que lhe é transmitida, é que na vida é inevitável a luta contra as dificuldades, sendo algo que faz parte da existência humana. No entanto, se a pessoa não se intimida e enfrenta com firmeza os obstáculos, conseguirá dominá-los e sairá vitoriosa.

Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012

Tal como programada, esta manhã de aulas esteve a meu cargo. Iniciei a manhã explorando o domínio da Matemática: comecei por colocar perguntas de cálculo mental aplicando várias operações como a adição e, posteriormente explorei com os alunos, o Cuisenaire. A partir deste material, realizou-se a escada por ordem crescente e respetiva leitura – cor e valor – e, ainda, realizámos o jogo dos comboios (decomposição de números), em que primeiramente se fez comboios equivalentes a peça rosa e, posteriormente, comboios equivalentes à peça verde escura. Tanto a peça rosa, como a peça verde escura representavam duas estações de comboios diferentes.

Em seguida, realizaram-se mais duas atividades que vêm no seguimento uma da outra, ou seja, contei a história *A Galinha Vermelha* que fala sobre o pão e, em seguida abordei o ciclo do pão. Para finalizar esta aula, fizemos pão.

Durante a parte da tarde, realizou-se a reunião com os alunos do Mestrado no Museu João de Deus, que tinha como objetivo dar a conhecer as avaliações até então feitas nos momentos de estágio realizados.

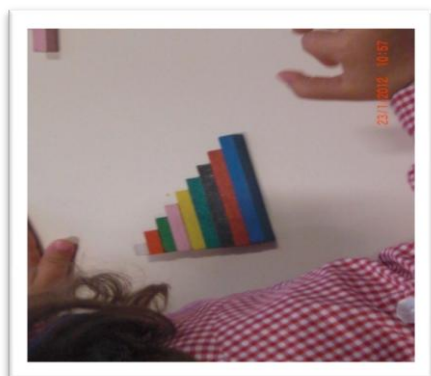


Figura 16 – Escada do Cuisenaire por ordem crescente



Figura 17 – Execução do Pão

Inferências e Fundamentações Teóricas

Um dos materiais utilizados na área do Conhecimento do Mundo foi o **suporte informático**, sendo que o Ministério da Educação (2009, p.72) afirma que “a utilização de meios informáticos, a partir da educação pré-escolar pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário.”

As **reuniões** de estágio profissional são pertinentes, no sentido em que o aluno/estagiário torna-se mais responsável e atento na sua formação enquanto futuro docente. Segundo Alves (2002, p.138) “à escola caberá, então, interrogar-se sobre os

saberes indispensáveis exercício dessa actividade profissional, e sobre a melhor forma de transmitir e avaliar com eficácia esses saberes.”.

Através da autoavaliação pode-se refletir sobre a nossa aprendizagem. É de extrema importância identificarmos e avaliarmos as nossas competências, de forma a definirmos onde devemos incidir os nossos esforços de melhoria.

Terça-feira, 24 de janeiro de 2012

Esta manhã iniciou-se com a exploração dos Blocos Lógicos. Posteriormente dialogaram sobre os seres vivos e não vivos. Antes do almoço realizaram o jogo do cãozinho e ainda ouviram uma história *O homem alto e a mulher baixinha, in Tudo ao contrário*, de Luísa Ducla Soares.

Inferências e Fundamentação Teórica

A criança é um ser humano muito curioso, com um enorme desejo de saber e de compreender o porquê das coisas; como tal, os docentes devem proporcionar situações que levem a criança à **descoberta do mundo**. As OCEPE, ME (2009) referem que:

a área de Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de explorar o mundo. (p.79)

Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012

Esta manhã ficou ao cargo da colega “I.” que lhes contou a história *Teddi, o cãozinho*, de Hervé Chiquet. Seguidamente explorou as divisões da casa (Figura 18).

Após o recreio, realizaram a construção da cama, a partir do 4.º Dom de Froebel.



Figura 18 – Divisões da Casa

Inferências e Fundamentação Teórica

Durante a exploração da área do Conhecimento do Mundo, a colega aplicou diversas adivinhas, de forma a identificarem cada uma das divisões da casa. A **adivinha** “é a descrição de um ser ou objecto por particularidades que lhe são por particularidades que lhe são próprias, propositadamente apresentadas de modo metafórico ou ambíguo de modo a tornar difícil a sua decifração.”. (Diniz, 1993,p.64)

Este tipo de atividade, em que são dadas pistas às crianças, levam-nas a desenvolver o seu pensamento, de forma lúdica, ao mesmo tempo que adquirem conhecimento. Tal é referido por Aguerre (2008, p.110) “as adivinhas, a todos os níveis, são uma boa fórmula para que as crianças tenham de pensar, ao mesmo tempo que as diverte.”.

Segunda-feira, 30 de janeiro de 2012

Durante esta manhã realizaram-se três atividades propostas pela colega “A.”, em que começou por abordar, na área do Conhecimento do Mundo, a bandeira de Portugal, seguido de uma história relacionada com Portugal, no domínio da linguagem oral, por fim, no domínio da Matemática trabalhou situações problemáticas de cálculo mental e explorou os Blocos Lógicos.

Para além, desta manhã de atividades ter sido dirigida pela minha colega, algo de novo aconteceu e que vai fazer parte do dia-a-dia do bibe encarnado A, a entrada de uma nova aluna na turma, assim como na escola.

Inferências e Fundamentação Teórica

É de extrema importância localizar as crianças no mundo em que vivem, precisamente, no país em que estas nasceram e vivem, de forma a perceberem o que as rodeia e se identificarem enquanto cidadãos daquele país. Segundo o Ministério da Educação (2009, p.82) a **geografia** “pode alargar-se para além do meio imediato, ou aprofundar-se e diversificar-se a partir dele (os rios, os mares, os acidentes orográficos, etc.)”.

A importância das Ciências nos primeiros anos de escolaridade é a de possibilitar a vivência de situações diversificadas que permitam, por um lado, responder e alimentar a curiosidade e o seu interesse pela exploração do mundo que as rodeia e, por outro, proporcionar aprendizagens conceptuais, fomentando um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela Ciência e pela atividade dos cientistas; contribuir para uma imagem positiva e refletida acerca da Ciência; expor fenómenos científicos, favorecendo uma melhor compreensão dos conceitos apresentados no Ensino Básico; promover

capacidades e pensamento úteis noutras áreas ou disciplinas do currículo e em diferentes contextos e situações; por fim, promover a construção de conhecimento científico útil e com significado social, permitindo melhorar a qualidade da interação com a realidade natural.

Nesta manhã, a turma do bibe Encarnado A recebeu uma nova criança, para participar com o grupo nas mais diversas atividades que serão propostas ao longo do ano letivo. Considera-se que as crianças, quanto mais cedo frequentarem o jardim-de-infância, melhor. Com os três ou quatro anos, a criança, ao entrar para o jardim-de-infância, começa a ser alvo do processo de socialização. Moreira (1999, p.65) admite que “nestas idades a criança já começa a utilizar a palavra “eu” como definição do seu próprio volume físico e da sua individualidade; ela já sabe que existe como independente dos pais, (...). Amadureceu, desenvolveu-se com a ajuda dos pais.”.

Para facilitar a entrada de uma criança no jardim-de-infância é fundamental que haja uma preparação da criança e dos pais para este novo acontecimento, que se tornará uma rotina, mostrando principalmente à criança que o local, onde irá passar o seu dia com outras crianças, é extremamente agradável pelas mais diversas atividades como pintar, brincar, etc. Moreira (1999, p.66) sugere que os pais ao levarem a criança ao jardim-de-infância “ (...) lhe mostrassem as instalações, e conversassem com a educadora, fornecendo-lhe os detalhes que julguem de maior interesse sobre a personalidade do seu filho.”.

Em suma, é de facto muito importante que a entrada de uma criança na escola seja feita na mais tenra idade pois desta forma obterá experiências e vivências que contribuirão para o seu desenvolvimento, a todos os níveis: cognitivo, psicológico, social, emocional, cultural etc.

Terça-feira, 31 de janeiro de 2012

Ao longo desta manhã, a colega “A.” teve a oportunidade de contar uma história aos alunos, visto que a sua aula surpresa, proposta pela educadora, não correu bem e, como tal, contou uma história *Todos no sofá*, de Luísa Ducla Soares. A minha outra colega teve a oportunidade de dar uma nova aula no domínio da Matemática, com o 4.º Dom de Froebel.

Ainda esta manhã, o bibe Encarnado A teve Inglês.



Figura 19 – História contada pela colega A. e com a participação das crianças

Inferências e Fundamentação Teórica

A atividade realizada pela colega “A.”, que contou a história, ligava dois domínios distintos, tais como o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o domínio da Expressão Dramática. De acordo com o Ministério da Educação (2009), a **Expressão Dramática**:

é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com os outro (s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais. Na interação com a outra ou outras crianças, em atividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reacções, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não verbal. (p.59)

À medida que a colega ia contando a história, os alunos dramatizavam-na. Segundo Reis (2003, p.130), “se a criança conhecer histórias, contadas na escola ou na família, o educador pode encorajar a sua dramatização (...) isso desenvolverá a sua imaginação e a sua linguagem verbal”. Foi no ginásio que decorreu esta atividade.

Através desta história, para além de promover o gosto pela leitura, as crianças tiveram a oportunidade de dramatizar a mesma, encarnando várias personagens. No entanto, *Todos no Sofá* é um bom exemplo de como uma história pode ser aproveitada para uma exploração matemática. Com esta história pode-se trabalhar tanto a contagem oral crescente como decrescente. Castro e Rodrigues (2008, p.13) exemplificam da seguinte forma:

O educador lê, explora e dramatiza a história “Todos no Sofá”:

“Estavam 2 no sofá (tapete), chegou o Pedro, quantos ficaram no sofá?”

A dramatização deve continuar até se atingir o número considerado adequado pela educadora.

No mesmo contexto, nesse dia ou nos seguintes, aproveitando um momento de transição (ida para o refeitório,...), o educador pode sentar-se no tapete e coloca 9 crianças, em linha. As restantes crianças à sua volta e começar:

“Estavam 10 no tapete saiu a Ana, ficaram...”

A cantilena repete-se continuando a exploração da contagem decrescente que pode iniciar-se no número que a educadora considere mais adequado para as crianças. (p.14)

Como já referi, *Todos no sofá* é livro da autoria de Luísa Ducla Soares. Luísa Ducla Soares é uma das escritoras portuguesas de literatura infantil mais apreciada pelas crianças. Quanto à qualidade da autora, Luísa Ducla Soares faz já parte “dos clássicos da literatura infantil portuguesa” (Magalhães, 2008, p.71)

Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012

Ao longo desta manhã, realizei uma atividade no domínio de linguagem oral e abordagem à escrita, em que recontei com a ajuda dos alunos a história *A galinha vermelha*. De acordo com a história contada, e no âmbito da área do Conhecimento do Mundo, propus

aos alunos uma atividade que tinha como objetivo colocar por ordem correta as imagens do ciclo do pão.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero esta atividade estimulante, pois desta forma as crianças, ao recontarem esta história através de imagens, estão a desenvolver a memória, o pensamento, a criatividade e a linguagem. Posteriormente estiveram a sequenciar as cenas da história. De acordo com Spodek e Saracho (1998, p.254) "...cenas de uma história devem ser colocadas na ordem correta, ajudam as crianças a aprenderem a sequência dos eventos em uma história."

Segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012

Esta manhã começou com o jogo das combinações, que consiste em formar jarras de flores, sendo que não se pode repetir as combinações. Para realizar este jogo, utilizaram material não estruturado – flores de diversos tamanhos e cores.

A seguir ao recreio, a colega "I." aplicou uma proposta de trabalho sobre as divisões da casa.

Inferências e Fundamentação Teórica

O **jogo das combinações** permite às crianças "agrupar os objetos, ou seja, formar conjuntos de acordo um critério previamente estabelecido, a cor, a forma etc., reconhecendo as semelhanças e diferenças que permitem distinguir o que pertence a um e a outro conjunto.". (Ministério da Educação, 2009, p.74)

Terça-feira, 7 de fevereiro de 2012

Nesta manhã, realizaram o jogo dos comboios através do Cuisenaire.

Após o recreio, as duas turmas do bibe encarnado estiveram em conjunto com as respetivas educadoras, a abordar o tema os legumes, tema relacionado com a área do Conhecimento do Mundo. Para além de terem trabalhado nesta área do Conhecimento do Mundo, o bibe encarnado A teve aula de Inglês.

Durante esta manhã, a mãe de uma das alunas do bibe Encarnado A, assistiu às atividades, que a filha costuma fazer, no seu dia-a-dia escolar.

Inferências e Fundamentação Teórica

Para um bom desenvolvimento da criança deve existir uma boa **relação escola e família**. Logo, é fundamental que os pais participem do dia-a-dia escolar dos seus filhos. Segundo o Ministério da Educação (1998, p.26) “o desenvolvimento de relações positivas, respeitadas e cooperantes entre educadores e pais que têm ambientes culturais diferentes requer, por parte dos educadores, um grande profissionalismo baseado num misto de experiência, formação, evolução e valores pessoais.”.

É de extrema importância que todos os agentes educativos, principalmente, os pais e os docentes (educadores/professores), trabalhem em parceria e em equipa, contribuindo para um bom desenvolvimento e uma boa formação, transformando as crianças em futuros cidadãos.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012

Ao longo desta manhã, ambos os bibe encarnados fizeram sopa com as educadoras na cantina e, de seguida assistiram, em conjunto com os outros bibe, a uma dramatização da história *O Cuquedo* de Clara Cunha, feita por todas as estagiárias. Esta dramatização decorreu no ginásio. Devido a esta dramatização, os alunos do bibe encarnado não tiveram aula de Expressão Motora. Como tal, as duas turmas, realizaram alguns jogos, no ginásio.

De seguida, realizaram uma atividade de Expressão Plástica, orientada pela colega “I.”, que consistia em fazer uma dobragem da casa.

Inferências e Fundamentação Teórica

Através das atividades de **Expressão Plástica**, as crianças têm a oportunidade de se expressar, desde os seus sonhos, aos pensamentos, estado de espírito, etc. Sousa (2003, p.160) afirma que “o principal objetivo da Expressão Plástica é a expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos.”.

O Ministério da Educação (2009, p.61) afirma que “a expressão plástica implica um controlo de motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão.”.

Relativamente ao jogo de dança proporcionado pelas educadoras do bibe encarnado foi de extrema importância para os seus alunos, visto que não tiveram aula de Expressão Motora. O Ministério da Educação (2009) defende que:

a música pode constituir uma oportunidade para as crianças dançarem. A dança como forma de ritmo produzido pelo corpo liga-se à expressão motora e permite que as crianças expressem a forma como sentem a música, criem formas de movimento ou aprendam a movimentar-se, seguindo a música. A dança pode também apelar para o trabalho de grupo que se organiza como uma finalidade comum. (p.64)

Desta forma é de extrema importância que as crianças, por vezes, quando quebram as suas rotinas, tenham a possibilidade de realizar atividades diferentes, mas que vão ao encontro do seu dia-a-dia.

2.ª Secção – Seminário de contacto com a Realidade Educativa: Escola pública de Lisboa

2.1. Caracterização da Turma

A turma do 1.º ano B é constituída por vinte e seis alunos, sendo catorze do género masculino e doze do género feminino. Segundo a professora, a população escolar é constituída por crianças provenientes de um meio predominantemente baixo/médio, havendo alguns casos de nível mais baixo.

Nesta turma existe um caso de Necessidades Educativas Especiais com um Programa Educativo Individual (PEI). Para além deste caso, existem outros alunos, que, embora não tenham PEI, manifestam ter dificuldades de aprendizagem, alguns beneficiam de Apoio Educativo. Segundo o artigo 18.º do Decreto Legislativo Regional n.º 15/2006, o projeto educativo individual é:

o documento que fixa e fundamenta as respostas educativas e respectivas formas de avaliação a aplicar à criança ou ao jovem. O projecto educativo individual documenta a avaliação realizada, baseada em toda a informação constante do processo individual do aluno, assente em observações directas, bem como em informações complementares, disponibilizadas pelos participantes no processo de avaliação, nomeadamente pelo psicólogo, pelo professor titular, pelo pai ou encarregado de educação. Uma vez elaborado, o projecto educativo individual integra o processo individual do aluno.

2.2. Caraterização do Espaço

A sala do 1.º B é uma sala ampla e luminosa. As mesas e cadeiras estão adequadas à faixa etária em questão.

Na parede encontram-se dois grandes quadros de giz, bem como placards com trabalhos dos alunos nas mais diversas áreas curriculares. Também, existem armários cm materiais a explorar nas diversas áreas.

2.3. Rotinas Diárias

Ao longo desta semana verificámos diversas rotinas que ocorrem ao longo do dia, tais como a higiene, os recreios (manhã, após almoço e á tarde), almoço, lanche (manhã e tarde) e histórias lidas ao final do dia sobre a letra aprendida.

Nunca é demais salientar que, ao contarmos histórias, contribuímos para um melhor desenvolvimento da criança. Indo ao encontro das histórias contadas a estes alunos, estas têm um carater lúdico-aprendizagem pois, ao ouvirem as mesmas, consolidam a matéria aprendida, sendo, neste caso, as letras do alfabeto.

2.4. Horário

Este período de estágio decorreu durante uma semana das 9h às 15h30, em que verificávamos diversas atividades relacionadas com as áreas curriculares de Língua Portuguesa e de Matemática. No entanto, existiram dois dias, terça e quinta-feira, em que assistimos as AEC's, sendo que, na terça-feira, assistimos à aula de Inglês e na quinta-feira, à aula de Música. O quadro 6 representa o horário da turma do 1.º ano, fornecido pela professora. Segundo o Ministério da Educação (1996, p.33) o horário "é gerido pelo professor, tendo em atenção as características do grupo e o horário da escola acordado em conselho escolar."

Quadro 6 – Horário de Turma do 1.º B

Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9h / 10h30	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio
10h30/ 11h	Intervalo				
11h/ 12h	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática	Matemática	Língua Portuguesa
12h/ 13h30	Almoço				
13h30/ 14h30	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Língua Portuguesa/ Expressões
14h30/ 15h30	Estudo do Meio/ Expressões	Estudo do Meio	Estudo do Meio/ Expressões	Expressão Dramática / Plástica / Física	Expressões
15h30/ 16h00	Intervalo/Lanche				
16h00/ 16h45	Apoio ao Estudo		Atendimento Enc. Educação		
16h45/ 17h30			Apoio ao Estudo		

2.5. Relatos Diários

Semana de 27 de fevereiro a 2 de março de 2012

Durante esta semana de estágio intensivo tivemos a oportunidade de assistir às mais diversas áreas dadas pela professora cooperante, assim como participámos das mesmas. Relativamente à área da Língua Portuguesa, aprenderam novas letras do alfabeto, assim como recordaram as letras aprendidas até à data, realizaram ditado de frases e de palavras, tanto no quadro, como no caderno.

Ao contrário das escolas que utilizam o Método João de Deus, esta escola utiliza o Método Global.

Quanto à área da Matemática, realizaram fichas relacionadas com os números que iam aprendendo. Estas fichas consistiam em realizar operações que fossem dar os números que estavam a aprender.

No último dia de estágio, realizámos uma atividade de Expressão Plástica, que consistia em realizar uma pintura com balões.



Figura 20 – Pintura com Balão

Inferências e Fundamentação Teórica

O método utilizado nesta escola de Lisboa é o **Método Global**, que foi aplicado pela primeira vez, na Bélgica por Ovide Decroly. No método Global, segundo Russo (2010, p.39) “a leitura é um acto global e ideovisual (...) é o reconhecimento global de palavras ou orações”. A mesma autora afirma que neste método a:

aprendizagem da leitura e da escrita, o aluno aprende primeiro um texto escrito. À medida que contacta com o texto que já decorou, vai-se apercebendo a par e passo e à medida das suas capacidades, das suas partes componentes, tirando as suas conclusões. É natural que a pouco e pouco e por ele comece a identificar palavras que lhe aparecem em todos e depois em alguns textos que já decorou. E assim começa a ler sozinho algumas palavras e mesmo algumas pequenas frases, que tendo algumas palavras que já conhece e outras que não conhece, conclua pelo sentido a frase completa que dirá. Na escrita, o aluno vai escrevendo a frase ou frases cuja leitura já conhece como um todo, não distinguindo as letras nem as

palavras, de início. O papel usado será o liso, (sem linhas) para poder dar largas às suas dificuldades e falta de jeito, não interessando primeiramente o carreto traçado, proporção ou tamanho de cada letra, nem mesmo de cada palavra, porque o que interessa é o significado da mancha, isto é, ele perceber que passando para o papel uma determinada mancha, ela significa uma ideia que primeiro funciona em monólogo (só ele interpreta) para depois começar a ser percebida pelo professor quando tornarem comuns os sinais (as letras) contidos em cada mancha, e começa o diálogo e a comunicação. O todo e o conhecido era o texto decorado, porque os alunos percebiam e interessavam-se por cada história contada e as partes, e o desconhecido eram as letras, por que um Pê ou um Bê, que eram as partes, não eram deles conhecidas, e por isso não lhes despertavam qualquer interesse. Tudo partia do global e por isso se chamou método Global. (p.40)

Esta turma contém casos de alunos com dificuldades de aprendizagem, que sempre acompanharam a restante turma em algumas atividades relacionadas com às áreas anteriormente referidas, mas também realizavam atividades adaptadas as suas dificuldades.

Como já fora referido num dos relatos, através da Expressão Plástica a criança exprime os seus sentimentos e emoções que estão ligados às suas vivências. A técnica de “Pintura com Balão” consiste em encher o balão com pouco ar, de forma a obtermos um pequeno balão para que, através deste, a criança possa realizar a sua pintura, colocando o balão na cor/cores com que desejar pintar na folha que lhe é dada.

Esta técnica fora vista num dos momentos de estágio referentes ao 1.º semestre deste Mestrado, a qual, gostamos e decidimos pôr em prática com esta turma.

Ao longo de cada ciclo do Ensino Básico existem objetivos específicos a serem trabalhados no decorrer do mesmo. Segundo o Ministério da Educação (1996, p.30) os objetivos do 1.º Ciclo propõem, de acordo com o desenvolvimento etário correspondente, são “o desenvolvimento da linguagem oral e a iniciação e progressivo domínio da leitura e da escrita, das noções essenciais da aritmética e do cálculo, do meio físico e social, das expressões plástica, dramática, musical e motora.”.

No entanto, ao longo desta semana, só verificámos duas áreas trabalhadas pela professora, Língua Portuguesa e Matemática, e uma trabalhada por nós, estagiárias, na área da Expressão Plástica.

3.^a Secção - 2.^o Semestre: Jardim-Escola João de Deus de Alvalade (5 de março de 2012 a 6 de julho de 2012)

3.1. Subsecção – Período de estágio no bibe Verde A (2.^o ano): 5 de março de 2012 a 27 de abril de 2012

3.1.1. Caracterização da Turma

A turma do Bibe Verde A corresponde ao 2.^o ano do Ensino do 1.^o Ciclo do Ensino Básico. A faixa etária, neste ano de escolaridade, corresponde aos sete anos de idade. Esta turma é constituída por vinte e três alunos, existindo dez do género feminino e treze do género masculino.

3.1.2. Caracterização do Espaço

A sala do bibe Verde A é bastante ampla e beneficia de luz solar, uma vez que tem imensas janelas. Estas têm vista para o recreio destinado às crianças que frequentam o Ensino do 1.^o Ciclo do Ensino Básico. A sala possui também duas portas: uma com acesso à outra sala do segundo ano e a outra com acesso às outras salas de aulas.

A sala possui um quadro preto grande de giz. Para além disso, o espaço encontra-se decorado com esquemas e cartazes referentes a matérias lecionadas aos alunos neste ano de escolaridade, pelos aniversários das crianças e pelo quadro do comportamento.

3.1.3. Rotinas Diárias

Ao longo deste período de estágio com a turma do bibe Verde A, verifiquei as seguintes rotinas diárias: o acolhimento, a higiene, no início da manhã e após o recreio da manhã, e o recreio.

O acolhimento dos alunos do 1.^oCiclo realiza-se no ginásio da escola ou no recreio. Este espaço varia consoante a época do ano. Este acolhimento é sempre acompanhado por professores da instituição. Durante o acolhimento, as crianças brincam e conversam livremente com os colegas.

3.1.4. Horário

Apesar do local de estágio ser diferente do semestre passado, este continua a realizar se durante as três manhãs, por semana, das 9h às 13h, assistindo às mais diversas áreas curriculares dadas pela professora, que nos forneceu o horário onde estão distribuídas as mesmas – quadro 7.

Quadro 7 – Horário Turma do Bibe Verde A (2.º ano)

Horas	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00	Assembleia de turma				
9.30	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (11h20 ao 12h, Clube de Ciências – quinzenalmente)	Língua Portuguesa	Matemática
11.00	Recreio/Higiene				
11.30	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13.00	Higiene/Almoço				
13.30	Recreio/Higiene				
14.30	Música	Inglês	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Informática
15.30	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Educação Física	Expressão Plástica
17.30	Estudo do Meio	Estudo do Meio	16h/17h Biblioteca	Área de Projeto	Expressão Plástica

3.1.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 5 de março de 2012

Durante esta manhã os alunos começaram por organizar os *dossiers* da escola e da casa, colocando os trabalhos nos mesmos. Assim que iam terminando de arrumar os *dossiers*, corrigiam o exercício ortográfico. Durante estas tarefas, a professora ia falando com eles, nomeadamente, sobre a agenda diária que iam passar a ter no quadro com as respetivas tarefas a cumprir ao longo do dia e que deviam ser respeitadas tanto pela professora como pela turma.

Posteriormente, efetuaram a leitura e interpretação de um texto, assim como realizaram um exercício caligráfico e deram início ao uso do dicionário, procurando uma palavra relacionada com o texto trabalhado.

Inferências e Fundamentação Teórica

O **exercício ortográfico** é de extrema importância pois, através do mesmo a criança aprende a escrever adequadamente. Gallison e Coste (1983, citados por Baptista, 2005, p.38) afirmam que a ortografia é a “maneira de escrever palavras segundo um conjunto de usos e de regras definidas como norma para uma dada língua.”.

Ao longo do exercício ortográfico, os alunos cometeram alguns erros de escrita e, como tal, foram-lhes solicitado que corrigissem os erros dados. Baptista (2005, p.55) afirma que “os erros devem constituir um instrumento de trabalho e uma fonte de informação para o professor, o qual irá adequar a sua acção junto de cada aluno, de modo a ajudá-lo a oinar a escrita.”.

É de facto importante o contacto com o dicionário dentro de sala de aula. Antão (1997, p.70) considera que “o uso do dicionário revela-se indispensável em todos os graus de ensino, já que o vocabulário ativo (isto é, o número de palavras que conseguimos utilizar ao falar e ao escrever) vai aumentando que o conhecimento cresce.”.

A meu ver, há que “saber fazer com que o aluno sinta necessidade de consultar o dicionário corresponde ao desenvolvimento de uma competência autoformativa, o que implica o conhecimento de recursos disponíveis, assim como as potencialidades que oferecem.”. (Barbosa 2001, p.20)

O dicionário tem um papel fundamental, pois através do mesmo a criança aprende novas palavras, aprende a utilizar as palavras consoante o contexto em que se insere a sua conversa, aumentando desta forma o seu vocabulário.

Terça-feira, 6 de março de 2012

No dia anterior foram pedidos aos alunos que comesçassem a levar para casa o dicionário. Em casa, tinham de procurar no dicionário, uma palavra nova que desconhecêssem, para apresentar no dia seguinte em aula. Foi através desta atividade que se iniciou mais uma manhã de estágio.

Após esta atividade realizaram duas fichas sobre a multiplicação por dois algarismos no multiplicador - uma como introdução do tema e outra como consolidação da matéria dada.

A seguir ao recreio, realizaram uma ficha de Língua Portuguesa como revisão para a ficha sumativa de avaliação. Nesta ficha existiam exercícios relacionados com os grupos nominal, verbal e adjetival, adjetivo, tipo e forma de frase, substituir o grupo nominal pelo grupo verbal; significado de uma palavra com ajuda do dicionário e área vocabular da mesma; família de palavras.

Inferências e Fundamentação Teórica

A meu ver, é extremamente importante a realização das **revisões**, seja em que área for. Através das revisões, os alunos podem esclarecer determinadas dúvidas que surgiram durante a aprendizagem dos diversos conteúdos. Quanto às revisões de Português, os conteúdos trabalhados, segundo as Metas Curriculares do Português (Ministério da Educação, 2012, p.19) no domínio da Gramática (G2) que tem como objetivo explicitar regularidades no funcionamento da língua, define quatro descritores “1. Identificar nomes. 2. Identificar o determinante artigo (definido e indefinido). 3. Identificar verbos. 4. Identificar adjetivos.”.

Sexta-feira, 9 de março de 2012

Esta manhã iniciou-se com o apontamento do comportamento no quadro de comportamentos e no *dossier* de cada aluno.

Posteriormente realizaram uma ficha sumativa de Português (teste) em que ajudámos os alunos com mais dificuldades, que realizaram um teste diferente da restante turma, pois têm planos adaptados.

A seguir ao recreio, terminaram uma ficha de preparação para a ficha sumativa de Matemática.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao longo do ano letivo, são feitas várias **avaliações** dos alunos conforme as aprendizagens que vão adquirindo, sendo uma delas a avaliação sumativa. Para Ribeiro (1990, p.359) “a avaliação sumativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.”.

Os **testes** são um dos vários instrumentos de avaliação que os professores podem recorrer para avaliar as aprendizagens dos alunos. Segundo Gronlund e Linn (citado por Pais e Monteiro, 1996):

os testes e os outros procedimentos para medir a aprendizagem dos alunos não se destinam a substituir as observações e juízos informais dos professores. Antes pelo contrário, visam complementar e suplementar os métodos informais de obtenção de informação acerca dos alunos. (pp.63-64)

É de extrema importância realizar este tipo de avaliação que vem complementar a avaliação formativa feita ao longo de cada período. Pode assim dizer-se que a avaliação

sumativa é a consolidação das aprendizagens adquiridas ao longo de um determinado período de tempo.

Segunda-feira, 12 de março de 2012

Nesta manhã, realizaram revisões de Matemática como preparação para a ficha sumativa de avaliação (teste) e, no âmbito do Português, abordaram o Pretérito Imperfeito, em que realizaram exercícios relacionados com o tema em questão, como consolidação da matéria.

Inferências e Fundamentação Teórica

Durante as revisões de Matemática, ocorreram duas **situações inesperadas**. Quanto à primeira situação, a professora chamou à atenção de um aluno devido ao comportamento que tem. Não quer aprender nem realizar as tarefas que lhe são pedidas e, desta forma, tenta prejudicar a restante turma e as aulas da professora. Graubard (1973, citado por Rutherford e Lopes, 1993), quando se referem às perturbações comportamentais dos alunos, define-as:

como sendo um tipo de comportamentos excessivos, crónicos e desviantes, que vão desde os actos impulsivos e agressivos até aos actos depressivos e de afastamento, (a) que frustram expectativas de receptor no que diz respeito àquilo que considera ser adequado, e (b) que o receptor quer ver eliminados. (p.15)

Nesta situação, o aluno em questão teve um comportamento verbal. Segundo Aires (2010) o comportamento verbal é:

o aluno é indisciplinado quando (i) se recusa a seguir instruções, (ii) fala – para o professor e para os colegas – ao mesmo tempo que o professor, (iii) força um «diálogo» com o docente para se subtrair ao trabalho proposto, (iv) imita outros, (v) faz sons impróprios ou profere palavras grosseiras e ofensivas, (vi) ameaça professores e/ou colegas. (p.14)

Como consequência do seu comportamento, o aluno perturbou toda a turma durante o seu desempenho numa das atividades proporcionadas pela professora. Arends (1995, p.117) considera que “os alunos influenciam-se uns aos outros e podem mesmo influenciar o comportamento do professor.”.

Quanto à outra situação, também ocorreu durante um exercício relacionado com um cão. A professora perguntou qual a cor que deviam pintar o mesmo referindo que não poderiam pintá-lo de verde, rosa ou outra cor fora do comum. Uma das alunas salientou que já vira um cão rosa e a professora chamou-a atenção que isso não poderia ser possível. Para mim e para a minha colega não fora correta a atitude. É certo que se deve levar o

aluno a ter noção da realidade, mas ao mesmo tempo, deve-se estimular o mesmo, na forma como este vê o mundo ao seu redor.

A meu ver, a arte tem a sua razão de ser, a sua beleza, enfim, a sua utilidade, de forma a atingir a nossa reação sobre o que vemos. Sem a arte não podemos viver, pois ela está em todo o lado, nas mais variadas formas de expressão e acompanha-nos desde de sempre. Esta deve ser estimulada desde cedo e levar o ser humano à realidade mas, também, ao mundo da imaginação e criatividade. Ou seja, “arte é necessária para que o Homem se torne capaz de conhecer e mudar o Mundo. Mas a Arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente.”. (Fischer)

Terça-feira, 13 de março de 2012

Nesta manhã realizaram a ficha sumativa de Matemática e, tal como aconteceu na ficha sumativa de Português, ajudámos os alunos com dificuldades de aprendizagem. Posteriormente a esta ficha realizaram a leitura e interpretação de um texto.

Inferências e Fundamentação Teórica

Toda a aprendizagem **Matemática** se torna mais rica e estimulante para as crianças quando é feita com materiais manipuláveis. Para além de que, com os materiais, conseguimos respeitar o ritmo de aprendizagem de cada criança, transmitindo os conteúdos de diferentes maneiras. Moreira e Oliveira (2003, p.20) salientam que “a educação Matemática tem um papel significativo e insubstituível, ao ajudar os alunos a tornarem-se indivíduos competentes, críticos e confiantes nas participações sociais que se relacionam com a Matemática.”.

No ensino da Matemática, o professor deve “organizar os meios e criar o ambiente propício à concretização do programa, de modo a que a aprendizagem seja, na sala de aula, o reflexo do dinamismo das crianças e do desafio que a própria Matemática constitui para elas.”. (Ministério da Educação, 2006, p.161)

Sexta-feira, 16 de março de 2012

Durante esta manhã, realizaram ficha sumativa de Estudo do Meio e elaboração do postal do Dia do Pai. Enquanto realizavam a ficha sumativa, preparávamos os postais relacionados com o Dia do Pai, na sala de apoio.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao longo da vida, as crianças acumulam um conjunto de **experiências e saberes**, através do mundo que as rodeia. De acordo com o Ministério da Educação (2006, p.101) a escola deve “valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes, de modo a permitir, aos alunos, a realização de aprendizagens posteriores mais complexas.”.

Segunda-feira, 19 de março de 2012

Esta manhã fora direcionada por mim, em que abordei três áreas curriculares: comecei por abordar a Classificação Morfossintática dos Verbos (revisões) na área da Português, seguida de situações problemáticas da divisão com um algarismo no divisor na área da Matemática e, por fim, na área do Estudo do Meio, animais vivíparos.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao longo deste estágio deparei-me com o **trabalho em equipa** por parte das **docentes**, nesta faixa etária, visto que abordavam cuidadosamente o programa estipulado. Esta observação fora feita, especialmente, na altura em que as estagiárias cooperantes iam lecionar uma manhã de aulas. Apesar de serem duas turmas nesta faixa etária, o grupo de estagiárias é diferente. Quando uma estagiária na turma A leciona uma manhã de aulas, uma das estagiárias da turma b, também dá aulas nessa mesma manhã. De acordo com Arends (1995):

estabelecer boas relações de trabalho com os colegas é um importante desafio para os professores principiantes. Para ter sucesso neste empreendimento é necessário uma compreensão das normas que orientam as relações entre colegas e as acções específicas que podem ser tomadas. (p.465)

No que diz respeito à atividade realizada no âmbito do Português, **preencher as lacunas na letra da música**, com verbos no modo infinitivo, é de extrema importância para o desenvolvimento da escrita. De acordo com Curto et al. (2000, p.159) “esta atividade combina a leitura, atenta e compreensiva, com a escrita. Exige o uso de um procedimento imprescindível para escrever bem: reler com atenção para continuar corretamente o texto.”. Os mesmos autores acrescentam ainda que:

(...) esta atividade se justifica, na escola, por seu valor para a aprendizagem de estratégias de antecipação e para gerar hábitos de leitura interativa nos alunos. As lacunas devem atingir partes significativas e que possam ser deduzidas pelo contexto do que foi previamente lido. (p.178)

A seguir à audição da música e ao preenchimento da sua letra, os alunos devem, segundo Curto et al. (2000):

a seguir comprovará se acertou e, em caso contrario, deverá ver se o escrito tem o mesmo significado antecipado pela criança. Em caso de erro, dever-se-á esclarecer o que foi que a induziu a erro e refazer a análise do que foi lido anteriormente para compreender a palavra inesperada. (p.178)

Uma das estratégias utilizadas ao longo desta manhã, precisamente na área da Matemática, foi colocar os alunos a trabalhar em grupo e de acordo com o Ministério da Educação (2009, p.35) “ (...) qualquer que seja a composição do grupo, que o educador apoie o trabalho entre pares e em pequenos grupos que permite esse conforto.”. O Ministério da Educação (2009, p.53) acrescenta ainda que “a construção da autonomia supõe a capacidade individual e coletiva de ir, progressivamente, assumindo responsabilidades. Este processo de desenvolvimento pessoal e social decorre de uma partilha do poder entre o educador, as crianças e o grupo.”.

É de extrema importância que se realizem trabalhos em grupo de forma a desenvolver a socialização entre todos, assim como, levá-los a perceber que existem pessoas diferentes deles próprios e, que apesar dessa diferença podem trabalhar em conjunto, partilhando ideais, gostos, etc.

Terça-feira, 20 de março de 2012

Esta manhã de aulas esteve a cargo da colega “I.”. A colega começou por abordar os animais ovíparos e recordou os animais vivíparos. Posteriormente introduziu um novo tempo do modo indicativo – Pretérito Mais Que Perfeito. Por fim, explorou divisão com dois algarismos no divisor, através de situações problemáticas.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao longo das situações problemáticas, os alunos desenvolveram o seu **raciocínio lógico-matemático**. Segundo Canals (1992, citado por Alsina, 2004, p.13) o raciocínio lógico-matemático inclui “as capacidades de identificar, relacionar e operar e fornece as bases necessárias para se poder adquirir os conhecimentos matemáticos.”.

Sexta-feira, 23 de março de 2012

Esta manhã de aulas fora dirigida pela colega “A.” que iniciou a mesma, cantando com os alunos a música “parabéns a você”. Esta música destinava-se a mim, visto que é neste dia que comemoro o meu aniversário.

No âmbito do Português, a colega introduziu os verbos irregulares e comparou-os com os verbos regulares, seguido da área do Estudo do Meio em que abordaram a cadeia alimentar e, por fim, na área da Matemática introduziu as unidades de massa – kg (quilograma).

Inferências e Fundamentação Teórica

Durante esta manhã de aulas a colega explorou o **Ensino por Pesquisa**. O ensino por pesquisa tem como finalidade contribuir para a construção de conceitos, atitudes e valores. Cachapuz et al. (2002, p.143) referem através deste ensino, o professor “promove debates sobre situações problemáticas, fomentando a criatividade e o envolvimento dos alunos”, desta forma o aluno tem um papel ativo assumindo um “papel de pesquisa”.

Terça-feira, 10 de abril de 2012

Este foi o primeiro dia do terceiro e último período referente ao ano letivo 2011/2012, no qual começaram por realizar as trocas de lugares e a falaram sobre as férias da Páscoa. Ainda, nesta manhã, realizaram a leitura e interpretação do texto *O que eu quero ser*, assim como o exercício ortográfico e análise gramatical, relacionados com o texto.

Inferências e Fundamentação Teórica

De acordo com as Metas Curriculares do Português (Ministério da Educação, 2012, pp.16-17) o **exercício ortográfico** no 2.º ano corresponde ao domínio da Leitura e Escrita (LE2) que tem, como décimo quarto objetivo, desenvolver o conhecimento da ortografia. É de salientar dois dos cinco descritores: “1. Escrever corretamente todas as sílabas CV, CVC e CCV, em situação de ditado. (...) 5. Detetar eventuais erros ao comparar a sua própria produção com a frase escrita corretamente, e mostrar que compreende a razão da grafia correta.”.

Sexta-feira, 13 de abril de 2012

Esta manhã, comecei com a atribuição de pontos aos alunos por vários motivos, tais como, exercício caligráfico bem feito (sem nenhum erro ou quem deu menos erros), assim como os testes das áreas curriculares complementemente feitos e o comportamento na cantina durante o almoço.

A seguir à atribuição de pontos, realizaram um desenho sobre um dos contos já ouvidos e que estava relacionado com a Área de Projeto Escolar.

Ainda esta manhã, realizaram a chamada oral da tabuada e trabalharam a leitura de números com os Calculadores Multibásicos (Figura 19). Em relação a este último conteúdo, este fora iniciado pela professora e, em seguida, uma das colegas realizou alguns exercícios com os alunos.



Figura 21 – Leitura de números com Calculadores Multibásicos

Inferências e Fundamentação Teórica

A **Área de Projeto Escolar** abrange toda a escola, cujo tema está relacionado com os *Contos* e cada bibe tem um subtema, sendo que às turmas do 2.ºano calhou como subtema os *Contos Tradicionais do Tempo dos Avós*. Segundo a professora cooperante, no primeiro período realizaram a recolha de contos com a família e efetuaram a leitura de alguns e, no segundo e terceiros períodos, continuaram a ler os contos e a realizar as ilustrações dos mesmos.

Del Carmen e Zabalza (1991 citados por Fátima, 2000, p.6) definem o projeto curricular como um “conjunto de decisões articuladas, partilhadas pela equipa docente de uma escola, tendentes a dotar de maior coerência a sua actuação, concretizando as orientações curriculares de âmbito nacional em propostas globais de intervenção pedagógico-didáctica adequadas a um contexto específico.”

Este projeto insere-se no âmbito da Área de Projeto que é uma área curricular não disciplinar e de acordo o Ministério da Educação (2006):

a área de projeto, visando a concepção, realização e avaliação de projectos, através de articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos. (p.18)

É de extrema importância que os alunos estejam inseridos, não só nas áreas curriculares, como também em áreas ditas não curriculares, explorando as primeiras de forma mais lúdica.

Segunda-feira, 16 de abril de 2012

Esta manhã iniciou-se com a atribuição dos pontos e arrumação de alguns trabalhos referentes ao segundo período, no *dossier*.

No seguimento destas tarefas, a professora explicou aos alunos como ia ser feito o projeto de “Missão Sorriso”, no âmbito da área do Estudo do Meio e da *Missão Sorriso*, onde participam diversas escolas do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com objetivo de ganhar uma ps3 para a escola.

Nesta manhã realizou-se uma atividade de Português lecionada por uma das colegas. Esta atividade consistia na leitura e interpretação de um texto do manual *A surpresa com que Tomás não contava*, e exercício caligráfico relacionado com o texto.

Após o recreio, realizaram em conjunto com a professora, leitura de números através dos calculadores multibásicos.

Inferências e Fundamentação Teórica

No decorrer deste momento de estágio pude verificar que existem alunos com dificuldades de aprendizagem. Para superar essas dificuldades, foi necessário criar um **Plano de Recuperação** e, para este ser aplicado é necessário uma autorização dos encarregados de educação. De acordo com o artigo n.º 2 do Despacho Normativo n.º 50/2005, referente ao Plano de Recuperação é:

o conjunto das actividades concebidas no âmbito curricular e de enriquecimento curricular, desenvolvidas na escola ou sob a sua orientação, que contribuam para que os alunos adquiram as aprendizagens e as competências consagradas nos currículos em vigor do Ensino Básico. (...) é aplicável aos alunos que revelem dificuldades de aprendizagem em qualquer disciplina, área curricular disciplinar ou não disciplinar. (...) é planeado, realizado e avaliado, quando necessário, em articulação com outros técnicos de educação, envolvendo os pais ou encarregados de educação e os alunos.

É de extrema importância que se realize este tipo de planos e que a escola, em conjunto com a família, contribuam para o desenvolvimento e crescimento do aluno, fazendo-o superar as suas dificuldades

Terça-feira, 17 de abril de 2012

No decorrer desta manhã fizeram a preparação para o teste intermédio de Português e trabalharam o perímetro com o Cuisenaire. Ao longo deste último conteúdo matemático referido, trabalharam a noção de perímetro, as medidas de comprimento e realizaram exercícios de aplicação, em que lhes eram dadas as medidas do lado e tinham que calcular o perímetro, assim como lhes era dado o perímetro e tinham que achar figuras com o perímetro pedido.



Figura 22 – Perímetro com o Cuisenaire

Inferências e Fundamentação Teórica

Como fora relatado, nesta manhã trabalharam a **noção de perímetro** através do **Cuisenaire**. O perímetro, segundo Grosso (2004 p.130) define-se como “a soma de todos os lados (a medida à volta de)”. Já para Caldeira (2009, p.160) o perímetro é a “medida de comprimento da linha de fronteira de um polígono”.

Na construção das várias figuras com os mais diversos perímetros, a medida base para as mesmas era a peça branca, que vale um centímetro (um valor).

Sexta-feira, 20 de abril de 2012

No decorrer deste estágio, os alunos estiveram a trabalhar na prova intermédia da Matemática como preparação para a mesma, seguida da leitura e interpretação de um texto do manual.

Enquanto realizavam estas atividades, a minha colega e eu estivemos na sala de apoio a preparar o globo para a *Missão Sorriso*, que é um projeto de Estudo do Meio.

Inferências e Fundamentação Teórica

Nesta manhã pude observar que os alunos, quando regressaram à sala, se dirigiram ao cantinho do **Diário de turma** que consiste em relatar acontecimentos que possam ter ocorrido fora da sala de aula. Segundo Trindade (2002) o Diário de Turma:

é um instrumento de trabalho que visa promover e instituir um espaço de regulação e auto-regulação da vida das turmas, servindo para que os alunos e os professores possam registar os incidentes quotidianos, emitir opiniões, produzir propostas e sugestões ou avaliar situações. É, pois, um instrumento de partilha que poderá ser construído em papel cenário a afixar na sala de aula (...). (p.58)

Este diário de turma tem como objetivo ajudar o professor a perceber melhor os seus alunos e ajudá-los na resolução de determinados problemas relatados no mesmo.

Terça-feira, 24 de abril de 2012

Nesta manhã, ocorreram diversos momentos nas mais diversas áreas curriculares, sendo que começaram por trabalhar na área da Matemática, cujo conteúdo trabalhado foi as áreas através do Cuisenaire. Esta área foi iniciada pela professora e, posteriormente tive a oportunidade de realizar alguns exercícios com os alunos de forma a saber como trabalhar este material no 1.º Ciclo.

Posteriormente tiveram uma formação cujo tema era *Ilha dos Açores*. Após esta formação, os alunos realizaram a leitura e interpretação de um texto relacionado com os Açores.



Figura 23 – Área com o Cuisenaire



Figura 24 – Formação *Ilha dos Açores*

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao longo do conteúdo matemático, recordaram a **noção de área**, assim como realizaram exercícios de aplicação, em que lhes eram dadas as medidas e tinham que calcular a área, assim como, lhes eram dada a área e tinham que achar figuras com a área pedida. Segundo Palhares (2004) citado por Caldeira (2009, p.163) “ao medirmos a porção de plano que uma dada figura plana ocupa, estamos a calcular a área dessa figura.”.

Caldeira (2009, p.163) acrescenta ainda que “a medida de área de uma superfície depende da unida escolhida.”. Logo com este material, a unidade de medida era a aresta da peça branca, que representava um centímetro (um valor).

Sexta-feira, 27 de abril de 2012

Durante esta manhã na área da Matemática, trabalharam a noção de área através de pentaminós.

Quanto à parte da tarde, realizou-se, no Museu João de Deus, a reunião de Estágio Profissional I, na qual as últimas avaliações referentes a este estágio, assim como a nota que cada uma de nós obteve no final do semestre em relação a esta unidade curricular.

Inferências e Fundamentação Teórica

Caldeira (2009, p.423) refere que os **Poliminós** “são figuras formadas pela união de quadrados congruentes através da justaposição dos lados. Permitem desenvolver o raciocínio lógico-educativo através de diversas actividades.”. A mesma autora refere que, neste material, utilizam frequentemente quadrados de um a seis, que têm nomes definidos e várias combinações ou formas, sendo que na minha aula utilizei os monominós, como já referi.

Segunda-feira, 30 de abril de 2012

Ao longo desta manhã decorreram duas aulas assistidas nas duas turmas de 2.º ano. Estas duas aulas ocorreram, uma a seguir à outra, sendo que eu dei a aula a seguir à colega ter dado a sua. Ambas as aulas foram assistidas pela mesma professora orientadora de estágio profissional.

No seguimento destas aulas, decorreu uma reunião sobre as mesmas.

Inferências e Fundamentação Teórica

Esta manhã decorreram duas aulas de uma hora com três diferentes áreas, cujos temas eram idênticos. No entanto, estas duas aulas, de uma hora, ocorreram uma a seguir à outra e com diferentes materiais.

Relativamente à área do Português, a colega deu um texto informativo que ia ao encontro do tema de Estudo do Meio – rosa-dos-ventos, em que fez a leitura, interpretação e análise gramatical do mesmo, seguido da exploração do tema já referido no Estudo do Meio e, por fim, deu áreas equivalentes com o Cuisenaire.

Esta aula iniciou-se com a leitura, interpretação e análise gramatical do texto adaptado *O soldado João*, de Luísa Ducla Soares. Seguidamente abordou-se a rosa-dos-ventos, em que apliquei uma proposta de trabalho relacionada com este tema. Por fim, na área da Matemática exploram-se as áreas equivalentes com os monominós.

Relativamente à aula de Português, comecei por realizar a leitura modelo do texto, que é extremamente importante e educativa. Curto et *al.* (2000, p.177) salientam que a **leitura** que o **professor** faz é de extrema importância pois “a leitura por parte do professor oferece um modelo para o aluno como se lê, especialmente se o professor explicita o que vai pensando e ocorrendo em seu interior antes, durante e depois da leitura.”. Quando se referem à **leitura em voz alta**, os mesmos autores afirmam que:

na leitura em voz alta (...) a ênfase como estar nos aspectos secundários da leitura: a dicção, a rapidez, o volume da voz, os erros de decifração, etc. (...)
A leitura em voz alta tem sentido quando a é leitura para alguém: o professor que lê para os seus alunos, o que recita um poema, um aluno que lê para os outros o texto que produziu. (p.178)

Jean (2000, p.93) considera que “a leitura em voz alta é entendida sobretudo pelos professores como uma prática de leitura “corrente” por oposição às leituras ditas “explicadas.” Ao realizar a leitura deve-se ter em conta a pontuação. Ler é de extrema importância para **compreensão da escrita**, sendo que Solé (1987, citado por Curto et *al.* (2000, p.171) afirma que “ler é compreender um texto.”

Na sequência da leitura do texto realizou-se a interpretação do mesmo. Ao efetuar-se esta **interpretação do texto** está-se a lembrar e a compreender aquilo que foi lido. Curto et *al.* (2000) consideram que, nesta recapitulação da leitura, existem grandes pontos:

a recapitulação deve ser elaborada pelos próprios alunos, não pelo professor. Os elementos que vão aprendendo devem ser discutidos e revisados pelos próprios alunos, num processo de debate compartilhado.
O professor guia a recapitulação mediante perguntas: as mesmas que foram incluídas no guia de leitura ou outras novas que foram sendo levantadas. (p.176)

Após estas duas aulas, ocorreu uma reunião sobre as mesmas, de forma a nos avaliarmos a nós próprias, seguidas da avaliação das professoras que assim assistiram às aulas. Para mim, foi muito importante esta reflexão feita em conjunto com todas as pessoas que assistiram à aula que dei, de forma a poder fazer ainda mais e melhor do que fiz e, conseqüentemente, não voltar a cometer os mesmos erros. Segundo Bartolomeis (1999, p.42) **avaliar** é “estabelecer aquilo que é útil, necessário, digno de ser aprendido e feito, aquilo que é coerente com os interesses, as capacidades, os problemas dos alunos oportunamente incentivados (...).”. A avaliação acaba por ser mais um encontro entre o professor e os alunos para fazer um balanço sobre as suas prestações ao longo do ano letivo. Bartolomeis (1999) afirma que para o professor, avaliar os alunos é:

avaliar o rendimento dos alunos, o ambiente em que trabalha, as dificuldades que nele encontra, as exigências que lhes são feitas, as pressões a que é submetido, os objectivos e os conteúdos que propõe (em resumo, o conjunto dos elementos que compõem a oferta educativa). (p.44)

Relativamente aos alunos, o mesmo autor considera que “o aluno exerce continuamente uma actividade de avaliação para se conhecer a si próprio, o mundo das suas experiencias (família, escola, etc.), o significado do que experimenta e faz: daí a ficha de avaliação/autoavaliação do aluno.”. (p.39)

Quando se prepara uma aula de uma hora, na qual se aborda três diferentes áreas, deve-se ter em conta a forma como se prepara os mais diversos conteúdos a lecionar de forma a interligá-los, assim como se deve tornar a aula o mais apelativa e dinâmica, de forma a levar os alunos a participarem e adquirirem novas aprendizagens e conhecimentos. Apesar dos conteúdos e materiais bem preparados para a realização desta aula, esta devia ter sido mais desafiante e dinâmica, assim como devia estar mais segura e menos nervosa, o que me impediu de brilhar e demonstrar aquilo que sei.

Segundo Bartolomeis (1999, p.169) a **autoavaliação** é “mediar a diferença entre a avaliação que o aluno faz de uma sua prova de exame e a que da mesma faz o professor ou examinador.”.

Resumindo, um professor para avaliar um aluno tem de delinear bem os critérios que vai utilizar, de forma a tornar a avaliação clara e objetiva, assim como a autoavaliação que o aluno faz de si, vem favorecer uma progressiva tomada de consciência de si próprio.

3.2. Subsecção – Período de estágio no bibe Castanho A (1.º ano): 1 de maio de 2012 a 22 de junho de 2012

3.2.1. Caracterização da Turma

A turma do Bibe Castanho A, que corresponde ao 1.º ano do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, é constituída por vinte e quatro alunos, doze do género masculino e doze do género feminino. A faixa etária neste ano de escolaridade corresponde aos 6 anos de idade.

3.2.2. Caracterização do Espaço

A sala do bibe Castanho A apresenta dimensões reduzidas para o número de alunos que possui, dado que, o número de carteiras existentes, e os armários da sala dificultam a circulação na mesma.

Nesta sala existem três placards onde a professora coloca a matéria lecionada nas três áreas curriculares: Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

Segundo Vieira (2005, p.39) “as salas de aula são, por excelência, o espaço onde professores e alunos passam grande parte do seu tempo e é neste contexto que interagem entre si”.

3.2.3. Rotinas Diárias

Tal como o bibe Verde A, o bibe Castanho A tem as mesmas rotinas. As rotinas em questão são a higiene, antes de iniciarem as atividades do dia e após o recreio da manhã, o recreio da manhã e o lanche da manhã e o almoço.

3.2.4. Horário

De acordo com o quadro 8, ao longo deste momento de estágio, tivemos a oportunidade de assistir a estas atividades no âmbito das áreas curriculares apresentadas no mesmo.

Quadro 8 – Horário de Turma do Bibe Castanho A (1.º ano)

Horas	2.ªfeira	3.ªfeira	4.ªfeira	5.ªfeira	6.ªfeira
9h 10h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10:h10 11h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11h	Recreio /higiene				
11h30m 12h10m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12h20m 13h	Língua Portuguesa	Música	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13h	Almoço e recreio				
14h30m 15h30m	Estudo do Meio	Matemática	Informática	Educação Física	Língua Portuguesa
15h30m 16h30m	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Assembleia de turma (15h30-16h)
16h30m 17h	Expressão Plástica	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Biblioteca (16h-17h)

3.2.5. Relatos Diários

Sexta-feira, 4 de maio de 2012

Esta manhã começou pela apresentação dos alunos às estagiárias e vice-versa. Na área da Matemática aprenderam a tabuada dos oito, através do Cuisenaire. Como consolidação deste conteúdo, a professora perguntou oralmente a tabuada.

Na área do Português reviram a noção de palavras quanto à sua acentuação e realizaram a leitura e interpretação de um texto e respetivo exercício caligráfico.

Inferências e Fundamentação Teórica

Relativamente à noção de palavras quanto à sua acentuação, a professora recorreu à **regra da sílaba forte** que se aprende na décima terceira lição, da Cartilha Maternal. Tal

revisão aconteceu porque os alunos não realizaram corretamente os exercícios relacionados com este conteúdo. De acordo com Deus (1997, p.5) a regra da sílaba forte consiste em “vogal em sílaba forte lê-se como se chama, em sílaba fraca, como se estivesse no fim de palavra. (...) se a palavra tiver um acento gráfico, essa é a sílaba forte. (...) se ela acaba em u, i, letra consoante e não tiver noutra um acento gráfico, essa é a sílaba forte.”.

Nesta manhã, trabalharam a tabuada, na qual se aplica uma das quatro operações aritméticas – a multiplicação. A **multiplicação** é uma adição repetida, de bastante uso no nosso dia-a-dia. De acordo com Sequeira et al. (2009, p.95) as tabuadas são “um suporte de cálculo numérico, contêm muitas regularidades e padrões.”. Quando realizamos uma tabuada, como por exemplo, a tabuada do oito, este número será o multiplicando, que se encontra à direita do sinal da multiplicação. O número, pelo qual vamos multiplicar o 8, chama-se multiplicador, pois representa o número de vezes que se vai adicionar o número 8. O multiplicador, nas tabuadas, é representado pelos algarismos de 0 a 10.

Segunda-feira, 7 de maio de 2012

Esta manhã começou com a conversa sobre o fim-de-semana e o Dia da Mãe. Ao longo desta manhã realizaram um cruzadex sobre nomes coletivos, assim como um exercício caligráfico, com respetiva autocorreção feita pelos alunos.

Ao meio da manhã os alunos do 1.º ano, tiveram uma formação sobre os cuidados a ter com o sol, feita pela Uriage.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao longo deste semestre deparámo-nos com várias formações feitas por pessoal externo à escola e que estão relacionadas com as mais diversas áreas curriculares trabalhadas na escola. Esta **formação** surge no âmbito da área da **Educação para a Saúde**. Brundtland (2000) referido no Despacho n.º 12.045/2006 (2.ª série) refere que “um programa de saúde escolar efectivo ... é o investimento de custo-benefício mais eficaz que um País pode fazer para melhorar, simultaneamente, a educação e a saúde.”. Quando se realizam formações relacionadas com a saúde deve-se ter em conta diversas finalidades, que são de extrema importância para Despacho n.º 12.045/2006 (2.ª série):

- Promover e proteger a saúde e prevenir a doença na comunidade educativa;
- Promover um ambiente escolar seguro e saudável;
- Reforçar os factores de protecção relacionados com os estilos de vida saudáveis;
- Contribuir para o desenvolvimento dos princípios das escolas promotoras da saúde. (p.7)

Segundo Matos (2010, pp.26-27) “a saúde é (...) um conceito abrangente que evoluiu nas últimas décadas até se afirmar num discurso positivo que valoriza o gosto pela vida e a adopção de comportamentos saudáveis.”. Segundo a Organização Mundial de Saúde, citada por Matos (2010, pp.26-27), a saúde é “como um estado completo de bem-estar físico, social e mental.”.

A Educação para a Saúde é de extrema importância para o desenvolvimento da criança pois, através da mesma, a criança, em conjunto com o professor e/ou educador, pode aprender a ser saudável.

Terça-feira, 8 de maio de 2012

Esta manhã começaram por realizar operações com subtração no quadro, seguido de situações problemáticas com Calculadores Multibásicos. Estas situações problemáticas consistiam em formar enunciados através de dados disponibilizados pela professora, como se pode observar no quadro 9.

Com base neste tipo de situações, a professora propôs um desafio às professoras estagiárias, para que cada uma de nós fizesse um exercício com os alunos e eu disponibilizei-me para tal. Ou seja, no âmbito das situações problemáticas feitas pela professora, também pedi aos alunos para criarem um enunciado através dos dados fornecidos – quadro 10.

Ainda com os Calculadores Multibásicos e, novamente com a professora a orientar a turma na resolução de situações problemáticas com este material, esta realizou leitura de números até às unidades de milhar.

Após o recreio, abordaram a Banda Desenhada através de um *PowerPoint* apresentado pela professora, seguido de uma ficha de trabalho sobre o mesmo tema.

No fim desta manhã, tiveram Expressão Musical, em que o professor lhes mostrou algumas músicas novas e reviram, em conjunto com o mesmo, as figuras rítmicas com respetivos valores.

Quadro 9 – Situação Problemática 1: Formulação de um enunciado

Dados	Indicação	Operação
34	$34 - 16 = 18$	34
16		- 16
		<u>18</u>
Enunciado: Com quantos rebuçados ficamos, eu e o meu irmão, sabendo que compramos 34 rebuçados e deixamos cair 16 de rebuçados?		

Quadro 10 – Situação Problemática 2: Formulação de um enunciado

Dados	Indicação	Operação
42	$42 - 18 = 18$	42
18		$\begin{array}{r} - 18 \\ \hline 24 \end{array}$
Enunciado: Fui ao Pingo Doce e comprei 42 carros, nas a caminho de casa perdi 18. Com quantos carros fiquei?		

Inferências e Fundamentação te

Nabais (s.d., p.61) afirma que trabalhar com os **Calculadores Multibásicos** “pode a criança criar situações variadas e ricas em elementos de intuição.”.

Relativamente ao desafio proposto pela professora cooperante, utilizei a mesma estratégia. Ou seja, pedi aos alunos para criarem um enunciado para os dados que lhes forneci e ouvi alguns, após o que selecionei um, como se pode observar no quadro 9.

Enquanto realizavam a operação, fui verificando mesa a mesa se estavam a fazer corretamente e se tinham o resultado correto, no entanto, faltou-me resolver a operação no quadro. Nabais (s.d.) quando se refere a este material afirma que:

(...) é fácil a concretização de vários capítulos de aritmética, em especial das operações de cálculo elementar (as combinações das quatro operações aritméticas, das classes e ordens da numeração, das diferentes bases de numeração, das operações sobre conjuntos e respectivas propriedades, etc. (p.63)

Quando pedi para resolverem a situação problemática, utilizando os calculadores, ocorreu uma situação em que uma aluna estava com dificuldades em representar o número “42” na primeira placa, pois confundia este número com o “24”. Segundo a professora, a aluna em questão, quando é pedido para representar algo que esteja escrito, esta utiliza o modo espelho, invertendo os números. Para fazer compreender que não era o número 24 mas sim o 42, escrevi, em grande, o número, perguntando qual era o algarismo que representava as unidades e o que representava as dezenas fazendo, posteriormente, a correspondência às peças dos calculadores.

Segundo Polya (1945, citado por Boavida et al. 2008, p.11) “aprendemos a resolver problemas resolvendo-os.”.

É de extrema importância criar experiências diversificadas que permitam desenvolver a capacidade de **resolução de problemas**. Boavida et al. (2008) afirmam que a resolução de problemas:

- proporciona o recurso a diferentes representações e incentiva a comunicação;
- fomenta o raciocínio e a justificação;
- permite estabelecer conexões e entre a Matemática e outras áreas curriculares;

- apresenta a Matemática como uma disciplina útil na vida quotidiana. (p.14)

Boavida et al. (2008, p.33) afirmam que “a resolução de problemas permite aprender de uma forma activa, ajudar os alunos a construírem conhecimento matemático novo e também testar os seus conhecimentos sobre diversos temas de ensino.”. Os mesmos autores salientam que, na resolução de problemas:

o professor deve seleccionar problemas relacionados com tópicos de Matemática do programa, com o nível dos alunos e com os objectivos pretendidos e estabelecer o tipo de trabalho adequado – individual ou colaborativo – de modo a proporcionar-lhes confiança nas suas possibilidades. (p.33)

Boavida et al. (2008, p.33) acrescentam ainda que o professor, ao seleccionar os problemas, deve promover nos alunos, “o raciocínio e o pensamento sobre as ideias e conceitos matemáticos.”. Ao desenvolver o raciocínio e o pensamento matemáticos, deve-se, ao mesmo tempo, encorajar os alunos a apresentar as suas resoluções, explicando as mesmas, de forma a fazerem sentido.

O professor, ao trabalhar resolução de problemas que, abrangem diversos conteúdos matemáticos, deve fazê-lo, de forma a serem desafiantes e apropriados ao conhecimento dos alunos. Boavista et al (2008) consideram que o professor que apresenta tarefas desafiantes aos seus alunos:

(...) está a proporcionar o estabelecimento e conexões entre vários tópicos dentro e fora da Matemática e a estimular a argumentação e a comunicação recorrendo a diversas representações. Em suma está a contribuir para o pensamento independente e crítico, tão essencial a várias facetas da vida. (p.33)

Relativamente à abordagem da **banda desenhada**, esta é considerada uma expressão artística. Segundo Tavares (2008), no artigo *Com olhos de ver. A Banda Desenhada* in Revista Noesis n.º 73, a banda desenhada “conta historia utilizando uma técnica narrativa enriquecida pela utilização simultânea do texto e das imagens desenhadas. Assim este relacionamento próximo e coexistente completa-se e exige por parte do leitor uma envolvimento especial na sua leitura e consumo, pois implica a integração do espaço visual da imagem e do tempo narrativo do texto”. (pp.66-67)

A mesma autora acrescenta que a banda desenhada “reúne várias condições para se tornar um instrumento de trabalho de diversas áreas curriculares, sendo as mais evidentes as da Língua Portuguesa e da Educação Visual. No entanto, devido às suas potencialidades e diferentes temáticas e géneros abrangidos, pode servir enquanto instrumento pedagógico para o desenvolvimento de projectos interdisciplinares.”. (pp.66-67)

Para compreendermos a **música**, há que conhecer as suas notas musicais e respectivas figuras. Pinto (1996, p.12), quando se refere às notas, afirma que “cada nota musical emite um som diferente.” Existem sete notas musicais: dó-ré-mi-fá-sol-lá-si. A forma

de cada nota musical, segundo o mesmo autor, “é redonda (O) e são escritas na pauta musical nas linhas e nos espaços.”. (p.12)

Pinto (1996, p.12) define pauta musical como “um conjunto de 5 linhas e 4 espaços.”. Quanto às figuras, estas, de acordo com Pinto (1996, p.10) “têm diferentes formatos. Cada uma delas indica quanto tempo o som deve demorar.”. Existem quatro figuras: semibreve, mínima, semínima e colcheia.

Sexta-feira, 11 de maio de 2012

Esta manhã foi dirigida pela colega “A.”, que começou por dialogar com os alunos os tipos de comunicação (verbal e não verbal), seguida da abordagem dos ângulos (reto e agudo). Por fim, realizou um jogo utilizando dois sentidos – visão e tato.

Inferências e Fundamentação Teórica

A **comunicação** é uma ferramenta de integração, instrução, de troca mútua e desenvolvimento. Isto é, através da comunicação, os seres humanos partilham diferentes **informações entre si**, tornando o ato de comunicar uma atividade essencial para a vida em sociedade. Santos (1992, citado por Branco, 2013, p.8) define a comunicação como “capacidade ou processo de troca de pensamentos, sentimentos, ideias ou informações através da fala, gestos, imagens, seja de forma direta ou através de meios técnicos.”.

Segunda-feira, 14 de maio de 2012

Nesta manhã decorreram diversas aulas assistidas pelas professoras de supervisão pedagógica. Das aulas que ocorreram esta manhã, tive a oportunidade de assistir a duas delas, sendo uma na sala do 1.ºA e, outra na sala do 3.ºB.

Posteriormente realizou-se uma reunião sobre as aulas dadas nesta manhã.

Inferências e Fundamentação Teórica

As **aulas programadas de uma hora** são assistidas pelo professor titular de turma e por uma professora de supervisão pedagógica. Estas aulas são de extrema importância para a nossa formação e ajudam-nos a preparar a Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP). Spodek e Saracho (1998, p.26) referem que “As experiências práticas são parte importante dos programas de formação de professores. (...) Estas experiências de campo incluem a prática de ensino, na qual os alunos gradualmente

assumem maior responsabilidade por uma turma de crianças até se encarregarem sozinhos dele.”.

Terça-feira, 15 de maio de 2012

No decorrer desta manhã, os alunos trabalharam a leitura de números através dos Calculadores Multibásicos e algarismos móveis e realizaram a leitura e interpretação de um texto.

No decorrer da aula de Matemática, a professora utilizou várias estratégias para trabalhar a leitura de números; para ditar os números, utilizou os estalinhos e ditou por classes; pediu para representar o número que estava na placa com algarismos móveis e representar um número em numeração romana no quadro.

Inferências e Fundamentação Teórica

Durante toda a aula, a professora circulou pela sala, verificando se os alunos estavam a representar corretamente o que era pretendido com o material Calculadores Multibásicos. Segundo Ferreira e Santos (1994, p.44) o efeito diferenciador dos alunos quanto ao local físico que ocupam na sala de aula pode ser atenuado pelos comportamentos e atitudes do professor. O professor, ao **circular entre as carteiras**, acompanha todos os alunos. Se o professor optar por uma estratégia em que a sua atenção está repartida por todos os alunos, interagindo com os mesmos, diminui o efeito de perder a atenção dos alunos que se encontram na fila de trás da sala de aula.

Sexta-feira, 18 de maio de 2012

No decorrer desta manhã, a turma do 1.º ano esteve a cargo da colega “I.”. A colega começou por realizar a leitura e interpretação da história *A gotinha de água*, passando para a abordagem do ciclo da água e, por fim, a construção do peixe com o 5.º Dom de Froebel.

Inferências e Fundamentação Teórica

O ensino do **Estudo do Meio** permite às crianças conhecer o mundo que as rodeia. De acordo com o Ministério da Educação (2006, p.103) a abordagem do tema ciclo da água vai ao encontro do segundo objetivo do ensino do Estudo do Meio “identificar elementos básicos do Meio Físico envolvente (...)”.

Segunda-feira, 21 de maio de 2012

Como é habitual, todas as segundas feiras, os alunos começam por falar do fim-de-semana. Durante esta conversa, um dos alunos referiu que teve medo de dormir às escuras e a professora disse-lhe que era normal em pequenos terem medo, mas que este medo é superado com o passar do tempo e ainda acrescentou que lhes ia contar uma história que falava de medos.

Ao longo desta manhã decorreram as aulas assistidas, em que tive a oportunidade de assistir à aula da minha colega de estágio. Como é “praxe” após as aulas assistidas costuma decorrer a reunião sobre as mesmas.

Inferências e Fundamentação Teórica

É natural, quando se é pequeno, existirem vários **medos**, como por exemplo, o medo do escuro. Segundo Leriche (1975, p.119) “todas as crianças conhecem o medo, qualquer que seja a atitude dos pais e quaisquer experiências que tenham tido. Tais medos desempenham um papel importante na sua evolução psicológica.”.

Quando existe o medo e a criança relata esse medo a um adulto, é importante que se converse com ela sobre o mesmo, de forma a perceber como combatê-lo, pois ele acaba por desaparecer. Pode, também, acontecer a criança não relatar o medo que tem e, como tal, devemos ter em conta todas atitudes e comportamentos que a criança tem e, desta forma, compreender a criança no seu “eu” e ajudá-la a superar os vários obstáculos que vai tendo ao longo do tempo, como o medo. Mas não basta só fazer uma abordagem através de uma conversa com a criança sobre o seu medo. Existem diversas formas de fazê-la superar tal medo, tais como Silva (2013) descreve no seu artigo *Ter medo na infância* in *Coisas de Crianças*:

- Peça, em grupo, para cada criança falar sobre os seus medos, descobrindo como são comuns e desbloqueando tensões.
- Permita que as crianças partilhem as soluções já encontradas para ultrapassar os medos.
- Coloque no cantinho das trapalhadas adereços e máscaras que permitam brincar com os medos (orelhas de lobo, lençol de fantasma, caraça de monstro, lanternas com raios mágicos...).
- Organize dramatizações onde as crianças possam vivenciar os medos, podendo optar por papéis de “Herói” ou de “Mau”.
- Conte histórias que falem sobre os medos e formas de os ultrapassar, apoiando-se em livros e nas suas vivências pessoais.
- Se um grande número de crianças não conseguir dormir sozinha, implemente um sistema de reforços positivos: ganhar estrelinhas, levar para casa a medalha do mais corajoso do dia..., reforçando perante o grupo a vitória de cada criança (não se esqueça de valorizar também todos os que já dormem sozinhos, sem medo!).

No entanto, cada medo é um medo e o modo como lidamos com cada um deles de forma a livrarmo-nos dele, também, é diferente. Indo de encontro a este pensamento,

Leriche (1975, p.121) defende que “ (...) convém adaptar as soluções às crianças e às situações.”.

Em suma, os medos são fundamentais ao desenvolvimento psicológico da criança, pois ajudam-na a perceber que nem tudo é fácil e, como tal, serão muitos os obstáculos que irá ter de ultrapassar no seu dia-a-dia.

Terça-feira, 22 de maio de 2012

Esta manhã iniciou-se com uma atividade sobre o euro, que consistia em vender e comprar. Antes de abordarem este tema, a professora fez a chamada oral das tabuadas aprendidas até à data.

Ainda esta manhã, tiveram Expressão Musical, onde se começou por cantar os “Parabéns” ao professor que leciona a área em questão.

Inferências e Fundamentação Teórica

Uma das expressões artísticas, trabalhadas no Ensino do 1.º Ciclo, é a **Expressão Musical**. De acordo com o Ministério da Educação (2006, p.72), a música, ou seja as “actividades musicais a desenvolver devem atender à necessidade de a criança participar em projectos que façam apelo às suas capacidades expressivas e criativas.”.

Sexta-feira, 25 de maio de 2012

Esta manhã de aulas esteve ao meu cargo. Como tal, iniciei a mesma com a exploração de uma música *O Areias*. É neste dia que se comemora o Dia de África. Por isso, explorei com os alunos, esta temática. Por fim, realizei com os alunos situações problemáticas através dos Calculadores Multibásicos

Inferências e Fundamentação Teórica

Um dos materiais utilizados no âmbito do Estudo do Meio foi o mapa. Os **mapas**, segundo Alexandre e Diogo (1990, p.79) são “formas de representação gráfica de informação”. Isto é, através dos mapas aprende-se a ter orientação e organização espacial e a interpretar corretamente as representações gráficas, através de uma transmissão adequada de conhecimentos.

É de extrema importância a manipulação de materiais cartográficos, como os mapas, na aprendizagem dos alunos. Como tal, deve-se ensinar a fazer uma boa leitura, interpretação e análise dos mesmos, para que, no futuro, possam aplicá-los corretamente.

Catling (1973, citado por Alexandre e Diogo, 1990) afirma que:

a capacidade de se lerem mapas implica que a criança seja capaz quer de compreender a estrutura espacial do ambiente que a rodeia quer de proceder à leitura e interpretação de mapas já elaborados, mesmo que estes tenham sido preparados especialmente para ela.

Ao longo destas três áreas abordadas existiu um elo de ligação, ou seja, **interdisciplinaridade**. A interdisciplinaridade é deveras importante na vida das crianças, pois estas, sem se aperceberem, aprendem diversos temas de uma forma menos expositiva e mais prática. Segundo Hohmann e Meikart (2004, p.21) “ (...) para compreenderem o seu mundo imediato as crianças necessitam de interagir de forma consciente e refletida sobre ele.”.

A interdisciplinaridade é aceitável pois, segundo Piaget (citado por Pombo et al. 1994, p.10), esta é “objecto significativas flutuações: a simples cooperação de disciplinas ao seu intercâmbio mútuo e integração recíproca ou, ainda a uma integração capaz de romper a estrutura de cada disciplina e alcançar uma axiomática comum.”.

Para trabalhar estas três áreas de forma a interligá-las, levei os alunos para o mundo da fantasia, ou seja, criei uma história cheia de aventuras pelas quais estes tinham de passar. Cada uma dessas aventuras correspondia a uma área curricular.

Segunda-feira, 28 de maio de 2012

Ao longo desta manhã, lecionada pela colega “I”, foram várias as estratégias utilizadas para abordar os diversos conteúdos, utilizando os mais diversos materiais apelativos sejam eles estruturados ou não. Sem dúvida que é de extrema importância recorrer a várias estratégias com diferentes materiais, de forma a enriquecer a aprendizagem dos alunos. Ou seja, o decorrer desta manhã, a colega abordou duas áreas. Na área da Matemática realizaram a construção do peixe com o 5.º Dom de Froebel e trabalharam situações problemáticas com material não estruturado – peixes em goma Eva colorida. Relativamente à área do Português, realizou um jogo com conteúdos gramaticais trabalhados até à data.

Inferências e Fundamentação Teórica

Tal como relatado, nesta manhã a colega realizou um jogo de forma a rever todos os conteúdos gramaticais até à data. Considero extremamente importante a revisão da matéria dada, pois desta forma tem-se a perceção dos conhecimentos dos alunos.

Para Meirieu (1998, p.82), “rever é inventariar, reclassificar, comparar, pesquisar a origem, reelaborar alguma coisa que, se bem que se fundamente em conhecimentos adquiridos, os deve integrar um projeto novo.”.

Terça-feira, 29 de maio de 2012

Esta manhã começou com a aprendizagem do pictograma através dos Calculadores Multibásicos. Para explicar o que era um pictograma, a professora criou uma situação problemática utilizando uma só placa na horizontal, sendo que cada furo correspondia a um dia de semana. Esta problemática está relacionada com o número de gomas que a Lília comia em cada dia, sendo que a professora fez diversas perguntas sobre a representação da placa, tais como “Quantas gomas comeu a Lília ao fim dos cinco dias?”, “Qual foi o dia da semana em que comeu menos gomas?”, “Quantas gomas comeu a Lília na 3.^a feira e 5.^a feira?”, “Se em vez da Lília comer 6 gomas na 6.^afeira, comer o triplo dessa quantidade, quantas gomas comia nesse dia?”.

Ainda esta manhã, tiveram aula de Expressão Musical.

Inferências e Fundamentação Teórica

No decorrer da explicação da situação problemática a professora referiu que cada furo da placa dos Calculadores Multibásicos correspondia a um dia da semana; verificou-se que os alunos tinham dificuldades em identificar os dias da semana. Como tal, a professora lembrou em conjunto com a turma, quais eram os dias da semana referindo que uns correspondiam aos dias úteis e os outros que correspondiam ao fim de semana.

Como qualquer material didático, todos eles têm regras de utilização e são adaptados conforme o conteúdo trabalho. Neste caso, para trabalhar **pictogramas** com os Calculadores Multibásicos é necessário obedecer a determinadas regras tais como, usar uma só placa na horizontal, colocar as peças nos furos, da esquerda para a direita, não importa a cor da (s) peça (s) a utilizar em cada furo e cada furo deve ter a mesma cor de peças, para ser mais fácil de contar.

Ruas e Grosso (2000) definem pictogramas como “gráficos semelhantes aos gráficos de barras, mas que utilizam figuras alusivas ao estudo que está a ser feito. (...) É um tipo de

gráfico que tende a ser pouco rigoroso mas que facilita a apresentação de informação e é, em geral, graficamente atraente.”.

Sexta-feira, 1 de junho de 2012

Durante esta manhã realizaram-se atividades diferentes do habitual por ser Dia da Criança: realizaram um boneco com balão de farinha e brincaram livremente no recreio. Por ser um dia diferente pelo motivo que já fora dito, almoçaram mais cedo com direito a gulodices, como, por exemplo, gelado de morango à sobremesa.

Inferências e Fundamentação Teórica

Este dia é, todos os anos comemorado nos mais diversos pontos do mundo, em que se realizam diversas atividades lúdicas para as crianças de modo a assinalar o mesmo. Mas quando e como é que surgiu o **Dia da Criança**? Tudo começou após a 2.ª Guerra Mundial. As crianças viviam mal pois as suas famílias não tinham meios para as sustentar e, como tal, punham-nas a trabalhar. Mas foi em 1950 que a Federação Democrática Internacional das Mulheres propôs às Nações Unidas que se comemorasse no dia 1 de junho, o Dia da Criança, em homenagem a todas as crianças do mundo. Os estados membros das Nações Unidas reconheceram às crianças, independentemente da sua cor, do seu sexo, da sua religião e da sua origem nacional ou social, vários direitos. No entanto, há quem festeje este dia também no dia 20 de novembro. Com base no artigo dos direitos das crianças que a Unicef escreveu:

Em 20 de Novembro de 1989, as Nações Unidas adoptaram por unanimidade a **Convenção sobre os Direitos da Criança** (CDC), documento que enuncia um amplo conjunto de direitos fundamentais – os direitos civis e políticos, e também os direitos económicos, sociais e culturais – de todas as crianças, bem como as respectivas disposições para que sejam aplicados.

De acordo com esse mesmo artigo, a UNICEF acrescenta que a convenção assenta em quatro pilares que vão ao encontro dos direitos da criança, a saber:

- **a não discriminação**, que significa que todas as crianças têm o direito de desenvolver todo o seu potencial – todas as crianças, em todas as circunstâncias, em qualquer momento, em qualquer parte do mundo.
- **o interesse superior da criança** deve ser uma consideração prioritária em todas as acções e decisões que lhe digam respeito.
- **a sobrevivência e desenvolvimento** sublinha a importância vital da garantia de acesso a serviços básicos e à igualdade de oportunidades para que as crianças possam desenvolver-se plenamente.
- **a opinião da criança** que significa que a voz das crianças deve ser ouvida e tida em conta em todos os assuntos que se relacionem com os seus direitos.

Existem cinquenta e quatro artigos que abrangem em diversos direitos das crianças, tais como, os direitos à sobrevivência, os direitos relativos ao desenvolvimento, os direitos relativos à proteção e os direitos de participação.

Segunda-feira, 4 de junho de 2012

Nesta manhã, realizaram-se as aulas assistidas pelas professoras de supervisão pedagógica. Seguidamente realizou-se a reunião sobre as aulas dadas.

Inferências e Fundamentação Teórica

A realização de uma **reunião** sobre as aulas dadas pelos alunos-estagiários é extremamente pertinente, pois serve para refletir sobre as mesmas e avaliá-las.

No decorrer destas aulas, a avaliação não é só focada ao nível de conhecimentos científicos, mas também da interação com os alunos, duração, materiais utilizados e entre outras coisas. Alarcão e Tavares (2003, p.86) mencionam que o “objeto da observação pode recair num ou noutro aspeto: no aluno, no professor, na interação professor/aluno, no ambiente físico da sala de aula, no ambiente sócio-relacional, na utilização de materiais de ensino, nos métodos, nas características dos sujeitos, etc.”.

Terça-feira, 5 de junho de 2012

Nesta manhã, a minha colega e eu, demos uma manhã de aulas, sendo que na área de Estudo do Meio abordamos a Etnia Cigana, seguindo-se a área da Matemática em que se realizou uma minifeira, trabalhando situações problemáticas com o euro.

Após estas aulas, dadas por nós, estagiárias, tiveram Expressão Musical.

Inferências e Fundamentação Teórica

Esta manhã de aulas foi, sem dúvida, para nós uma experiência agradável, um verdadeiro desafio proposto pela professora cooperante. Para a realização das mesmas, utilizámos o ginásio. É de extrema importância a **utilização eficaz do tempo e do espaço**. Arends (1995, p.96) considera que “o tempo e o espaço são bens escassos no ensino e o seu uso devem ser planeados com cuidado e antecipação.”.

Em relação ao jogo realizado na área de Estudo do Meio este era constituído por três equipas, cada uma delas com um porta-voz. Inicialmente cada equipa tinha de obter três cartões, cada um deles com uma pergunta. No total existiam nove cartões. Assim que cada

equipa encontrasse os três cartões, voltava ao seu lugar no ginásio. Cada pergunta era lida pelo porta-voz do grupo, quando lhes era dada a vez.

Estas perguntas eram obtidas através de uma dramatização que a minha colega e eu fazíamos; no entanto, estas respostas podiam ser complementadas com a ajuda de cada equipa, de forma apelar aos seus conhecimentos. Para além destas perguntas, cada equipa poderia fazer outras perguntas diferentes, desde que contextualizadas. Desta forma, apresentámos a etnia cigana.

Sexta-feira, 8 de junho de 2012

Ao longo desta manhã, os alunos realizaram uma expressão escrita coletiva, assim como realizaram uma ficha de trabalho relacionada com a tabuada.

Na realização desta ficha, a professora ensinou a tabuada dos nove, utilizando as mãos. Ou seja, utilizam-se as duas mãos, sendo que cada um dos dedos, a partir da mão esquerda, corresponderá a um número a ser multiplicado por 9. O dedo mindinho da mão esquerda corresponde ao 1 e o seguinte dedo, da mão esquerda, corresponde aos 2, como no caso de 9×2 , etc. Para obtermos os resultados das tabuadas, devemos baixar o dedo correspondente ao algarismo a ser multiplicado por 9. Os dedos localizados antes daquele abaixado correspondem às dezenas, enquanto os que se encontram depois desse dedo, correspondem às unidades. Para se ler o resultado da multiplicação, tem de se somar as dezenas com as unidades.

Inferências e Fundamentação Teórica

Achei bastante interessante o modo como a professora ensinou a **tabuada** do número 9, utilizando apenas as mãos. É fundamental que se inicie, desde cedo, as atividades ligadas ao conceito da multiplicação em que os alunos possam estabelecer a associação da multiplicação, à repetição da adição de grupos de igual tamanho. Morgado (1993, p.68) defende que a construção da operação da multiplicação “só deverá ser introduzida, numa perspectiva construtiva, depois de bem consolidada a aprendizagem das operações de adição e de subtração bem como do sistema de base dez.”.

Segunda-feira, 11 de junho de 2012

Para além de terem conversado sobre o fim-de-semana, os alunos trabalharam com o 5.º Dom de Froebel, em que construíram a igreja. Após esta construção a professora fez perguntas sobre as peças utilizadas na construção como, por exemplo, “Quantos quartos de

cubo foram utilizados ao todo na construção?” ou “Para construir três igrejas, quantos meios cubos precisamos de utilizar?”, assim como realizou situações problemáticas relacionadas com frações como, por exemplo, “No coro da igreja existiam dez pessoas. $\frac{1}{5}$ dessas pessoas tem menos de 10 anos. Quantas pessoas têm menos de 10 anos?”.

A seguir ao recreio, realizaram a leitura, interpretação e análise gramatical de um texto.



Figura 25 – Construção da igreja com o 5.º Dom de Froebel

Inferências e Fundamentação Teórica

Através do **5.º Dom de Froebel** um dos conteúdos matemáticos a explorar são as frações. Segundo Sequeira et al. (2009, p.69) a fração “é uma palavra que deriva do latim *fractus* e que significa uma parte de um todo.”.

Já para Ruas e Grosso (2002, p.33) “uma fração representa o quociente exacto de dois números. A fração é a representação de um número.”. Uma fração é constituída pelo numerador, pelo denominador e pelo traço de fração. Segundo Ruas e Grosso (2002, p.33) o denominador “indica-nos o número de vezes em que se pretende dividir a unidade” e o numerador “indica-nos quantas dessas partes devemos considerar.”. Numa fração, o número que está por cima do traço de fração designa-se de numerador e o número que se encontra abaixo o traço de fração, designa-se de denominador.

Terça-feira, 12 de junho de 2012

Nesta manhã começaram por corrigir os exercícios gramaticais feitos no dia anterior e, ainda, realizaram a leitura e interpretação de um texto e respetivos exercícios gramaticais e caligráfico.

A seguir ao recreio exploraram a noção de tempo. Para compreenderem melhor a importância do tempo nas nossas vidas, a professora realizou uma atividade no recreio. Quando chegaram ao recreio, os alunos sentaram-se em círculo formando um relógio. A

professora colocou os respectivos números impressos que representavam as horas do relógio e utilizou cordas que serviam de ponteiros (das horas, dos minutos e dos segundos).

Ainda, esta manhã, ambas as turmas do bibe Castanho a tiveram Expressão Musical, no ginásio.



Figura 26 – Relógio humano

Inferências e Fundamentação Teórica

À medida que a criança vai crescendo, esta vai tendo uma maior perceção sobre o mundo que a rodeia. Desde cedo que as crianças são levadas a ter rotinas e cada uma dessas rotinas leva o seu tempo. Portanto, desde cedo, que a criança obtém a **noção de tempo**. Segundo Cunha e Nascimento (2005, p.26) “a noção do tempo se constrói junto com a noção de movimento, velocidade e espaço.”.

Neste caso, para perceberem a noção de tempo, a professora levou os seus alunos para o espaço exterior, onde montou com eles um relógio humano. A forma do relógio era um círculo formado pelos alunos. Como podem observar na figura 26, dentro do relógio existiam uns cartões que representavam as horas/minutos e as cordas representavam os ponteiros. Para identificarem as horas que este relógio marcava, a professora escolhia uma criança para mover os ponteiros (as cordas). Para representar as mais diferentes horas, a professora escolhia diversos alunos, de forma que todos pudessem participar e perceber a importância do tempo nas nossas vidas.

Sexta-feira, 15 de junho de 2012

Nesta manhã realizaram a ficha de sumativa de Português e uma ficha com situações problemáticas relacionadas com o Cuisenaire.

Inferências e Fundamentação Teórica

É crucial que as crianças explorem os materiais e que, a partir destes desenvolvam as suas competências matemáticas. Através do **Cuisenaire** e, de acordo com Damas *et al.* (2010, p.66), “com este material é o aluno que descobre verdades matemáticas verificando-as experimentalmente.”.

Segunda- feira, 18 de junho de 2012

No decorrer deste dia, utilizaram o 3.º e o 4.º Dons de Froebel, construindo com os mesmos, a mobília da sala e efetuaram situações problemáticas à volta desta construção.

A seguir ao recreio fizeram uma revisão no âmbito do Estudo do Meio, visto que o teste se realizava no dia seguinte.

Nesta manhã, ainda tiveram Expressão Musical, cujo horário fora mudado, visto que no dia em que o professor que lecionava esta área, não pode comparecer na escola. Mais uma vez, esta aula fora dada no ginásio com as duas turmas do bibe castanho. Antes de iniciar a aula, a minha colega e eu pedimos ao professor para cantar os Parabéns a um aluno que fazia anos, sendo que o pedido fora concedido, através de um desafio: sermos nós a orientar os alunos durante a canção. Nós aplicamos uma nova versão dos parabéns, que nos fora ensinado por uma das professoras orientadoras de estágio, versão essa que consistia, em cada fim de verso, o aniversariante ir a baixo dizendo “txatxatxa”. Esta forma de cantar os parabéns foi bem sucedida, visto que todos os alunos aderiram.

Inferências e Fundamentação Teórica

O 3.º e 4.º Dons de Froebel são materiais educativos que apelam ao interesse da criança, pois promovem a realização de construções aliadas a histórias, a partir das quais surgem solicitações de cálculo integradas em situações problemáticas, justificadas pelo contexto que envolve as histórias. (Caldeira, 2009, p.255)

Terça-feira, 19 de junho de 2012

Ao longo desta manhã, realizaram o teste de avaliação de Estudo do Meio, assim como a leitura, interpretação e análise gramatical de um texto e, ainda, um exercício ortográfico relacionado com mesmo.

Inferências e Fundamentação Teórica

De acordo com as Metas Curriculares do Português (Ministério da Educação, 2012, p.10) o **exercício ortográfico** insere-se no domínio da Leitura e Escrita (LE1), que tem como décimo terceiro objetivo desenvolver o conhecimento da ortografia. Dos seis descritores, quero destacar somente o primeiro “escrever corretamente a grande maioria das sílabas CV, CVC e CCV, em situação de ditado.”.

Sexta-feira, 22 de junho de 2012

No decorrer deste dia realizou-se uma visita de estudo ao Parque dos Monges, em Alcobaça, com as duas turmas do 1.º ano e do 2.º ano. Esta visita de estudo tinha como objetivo realizar diversas atividades diferentes do contexto escolar, como, por exemplo, andar de *slides show*.

Inferências e Fundamentação Teórica

Segundo Almeida (1998) as **visitas de estudo** são entendidas como uma:

deslocação efectuada pelos alunos fora do recinto escolar com objetivos educacionais, e inseridas no conjunto de actividades práticas possíveis de realizar, podem revelar-se uma importante actividade, facilitadora da compreensão dos conhecimentos científicos e do desenvolvimento de competências cognitivas e socioafectivas dos alunos. (p.25)

A Unesco (1986, citado por Almeida, 1998, p.52) considera que “qualquer visita inclui paragens, locais de pausa para repouso, alimentação lazer, ou com o objectivo de se fazer u ponto da situação, sistematizando o já observado (...)”.

Segundo Trindade (2002, p.30), “as visitas de estudo constituem um dos meios mais conhecidos que se utilizam para estimular a aprendizagem dos alunos.”. O mesmo autor considera que:

a importância das visitas de estudo diz respeito quer ao modo como fazem, ou não, sentido para os alunos que as realizam e os professores que as organizam quer ao modo como são preparadas, concretizadas e avaliadas. Permitindo um contacto privilegiado com o meio envolvente e as vivências educativas interessantes pelo facto de valorizarem um contacto real e concreto com as coisas, as visitas de estudo abrem possibilidades de intervenção educativa interessantes, desde que se compreenda que as actividades não se esgotam nas visitas propriamente ditas.” (p.30)

É de extrema importância, como já se pode verificar através das afirmações destes autores, a realização de visitas de estudo fora do recinto escolar, como forma de adquirir outras aprendizagens, assim como consolidar aprendizagens anteriormente adquiridas através de experiências lúdicas.

4.ª Secção: Período de Estágio – Ludoteca na E.B.1 Galinheiras (2.º Semestre)

4.2. Relato Diário

Segunda-feira, 23 de abril de 2012

Ao longo deste dia, realizámos o estágio na Ludoteca 1, que esteve na E.B.1 das Galinheiras, a pedido das professoras desta escola. Segundo a professora, a Ludoteca 1 irá passar pelas Galinheiras e, como tal, achou pertinente a sua divulgação dentro da escola, para que os seus alunos tivessem conhecimento da mesma e usufruam desta no futuro.

No decorrer deste dia surgiram três momentos. No primeiro momento, que ocorreu com o 1.º ano, os alunos visualizaram um DVD sobre os números e, no seu seguimento, realizaram em pequenos grupos, puzzles e dominós sobre os números. Estas atividades estão relacionadas com a área da Matemática.

No segundo momento, que ocorreu com uma turma de 2.º ano, a minha colega Inês e eu, realizámos com os alunos uma atividade sobre os cinco sentidos, no âmbito do Estudo do Meio. Esta atividade consistia em explorar imagens sobre os sentidos. Como consolidação do tema em questão, realizaram um desenho sobre um ou todos os sentidos trabalhados na exploração de imagens.

Quanto ao terceiro e último momento, que ocorreu com outra turma de 2.º ano, os alunos fizeram postais para o Dia da Mãe e a visualização de um DVD.

Inferências e Fundamentação Teórica

A ludoteca teve origem em Los Angeles em 1934 e foi criada por uma americana de nome Infeld. Segundo Domingues (2011, citando Santos, 1991) a **ludoteca** é um:

espaço preparado para estimular a criança a brincar, possibilitando o acesso a uma grande variedade de brinquedos, dentro de um ambiente especialmente lúdico. É um espaço onde tudo convida a explorar, a sentir, a experimentar (...) o ambiente deve estimular a criatividade, deve ser preparado de forma criativa, com espaços que incentivem a brincadeira. (p.27)

De acordo com Domingues (2011, citando Machado 2005) as ludotecas “constituem-se como um lugar no qual todo o contexto se organiza com o intuito de proporcionar e promover a expressão e desenvolvimento de diversas actividades lúdicas.”. (p.38)

Quanto às funções da ludoteca, Domingues (2011) afirma que:

na generalidade, é possível identificar 8 funções primordiais no âmbito das intervenções levadas a cabo pelas ludotecas: função pedagógica, função social, função comunitária, função de comunicação familiar, função de animação de bairro, função de formação e função de orientação na compra de brinquedos.

Existem diversos tipos de ludotecas, como por exemplo as ludotecas móveis.
Segundo Domingues (2011):

as ludotecas móveis são caracterizadas pelo seu caráter ambulante. Sem um itinerário fixo, percorrem escolas, povos, aldeias e bairros, especialmente lugares onde a população tem mais dificuldade a este tipo de centros. Algumas só contêm materiais, mas há outras que têm espaço de jogo no seu interior. (p.34)

Existem duas ludotecas móveis que, durante todas as tardes, em caravanas equipadas com livros, jogos, computadores e equipamento audiovisual, acolhem crianças de idades compreendidas entre os três e os doze anos, em diversos bairros sociais.

5.ª Secção Período de Estágio – 3.º Semestre: Jardim-Escola João de Deus de Alvalade (25 de setembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013)

5.1. Subsecção – Período de estágio no bibe Azul-escuro A (4.º ano): 25 de setembro de 2012 a 16 de novembro de 2012

5.1.1. Caracterização da Turma

A turma do 4.º ano A é constituída por vinte e um alunos, dos quais quinze são do género feminino e seis do género masculino.

Segundo a professora titular de turma, a turma é bastante interessada e participativa e tem um elevado nível de aprendizagem.

5.1.2. Caracterização do Espaço

A sala do bibe Azul-escuro A é de grandes dimensões e bastante ampla.

As mesas dos alunos estão dispostas em “U” e com mesas no meio. Os alunos estão virados para o quadro interativo e para a secretária da professora.

Em cada canto da sala existem armários, onde a professora guarda os diferentes materiais escolares e, noutro dos cantos, uma estante onde a professora tem os *dossiers* dos alunos.

Nas paredes da sala estão dispostos vários placards, onde a professora afixa os trabalhos realizados pelos alunos nas diferentes áreas do saber, tais como: Matemática, Português, Estudo do Meio e História de Portugal.



Figura 27 – Sala do 4.º ano

5.1.3. Rotinas Diárias

Ao longo das manhãs observadas e participativas constatou-se as mais diversas rotinas, tais como, a higiene que corresponde a ida à casa de banho, o recreio e o lanche da manhã, que está integrado no recreio. Para além destas rotinas, é costume realizarem a mudança de lugares feita no início de cada semana de aulas. Ao longo do ano letivo são várias as mudanças dentro de sala de aula, desde a troca de lugares entre alunos, até mesmo à disposição da sala em si. Segundo Sanches (2001, p.76) a sala de aula é um espaço muito importante “para desencadear boas aprendizagens.”.

5.1.4. Horário

São vários os desafios proporcionados em cada dia da semana, de forma a trabalhar os diversos conteúdos programados para a faixa etária em questão. Como tal, para poderem realizar estes desafios, é necessário criar um horário, de forma a dividir, no tempo escolar, os mesmos. O quadro 11 representa o horário do período manhã, visto que o estágio realizado decorreu nesse período.

Quadro 11 – Horário de Turma do Bibe Azul A (4.º ano)

Horas	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11h	Recreio				
11h20	Língua Portuguesa	Matemática/ Estudo Acompanhado	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa/ Escudo Acompanhado
12h10	Clube de Ciências				
13h	Higiene/Almoço/Recreio				
14h30	Inglês	Expressão e Educação Musical I	Estudo do Meio/ Área de Projeto	Estudo do Meio/ Estudo Experimental das Ciências. Cerâmica (mensal)	Estudo do Meio (História de Portugal)
15h30	Expressão e Educação Plástica	Expressão e Educação Musical II Orquestra (quinzenal)	Expressão e Educação Físico-Motora I	Estudo do Meio/ Estudo Experimental das Ciências.	Inglês
16h30 17h00		Língua Portuguesa	Estudo do Meio (História de Portugal)	Expressão e Educação Físico-Motora II	Estudo do Meio/ Educação para a Cidadania

5.1.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 24 de setembro de 2012

Tal como no início do semestre passado, neste dia tivemos reunião no Museu da Escola Superior de Educação com todos os alunos dos Mestrados.

Inferências e Fundamentação Teórica

Esta **reunião** teve como objetivos, fazer um balanço dos anteriores semestres, esclarecer possíveis dúvidas e apresentar os dois últimos momentos que se iriam passar ao longo do semestre. Formosinho (2001) define Prática Pedagógica como sendo:

[...] a componente intencional da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática profissional docente. [...] É a fase de prática docente acompanhada, orientada e reflectida que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz. (p.53)

Terça-feira, 25 de setembro de 2012

Esta manhã, começaram por realizar uma prova de aferição de Português. Posteriormente recordaram as medidas de comprimento, assim como realizaram exercícios de aplicação. Foram vários os exercícios de aplicação realizados, mas só o primeiro foi realizado em conjunto com a professora, de forma a perceberem o que tinham de fazer. Ao longo deste exercício coletivo, a professora utilizou uma caixa com diversas tampas. Cada tampa tinha o nome de um aluno. Conforme a tampa escolhida ao acaso, o aluno cuja tampa tinha o seu nome teria de responder a uma das questões do exercício.

Nos últimos quinze minutos desta manhã, realizou-se a leitura de um excerto da obra *A Floresta* de Sophia de Mello Breyner Andersen. Ao longo da audição da mesma, com a autorização da professora, os alunos sentaram-se em cima das mesas (cada um na sua mesa).

Inferências e Fundamentação Teórica

As **provas de aferição** são realizadas no final de cada ciclo do Ensino Básico. Segundo o Ministério da Educação (2004, p.7) estas têm como objetivo “fornecer informação sobre o desempenho dos alunos, face ao desenvolvimento de competências consideradas essenciais para cada ciclo. Neste sentido, permitem o levantamento de elementos de base para uma análise do funcionamento do sistema educativo (...).”.

A prova de aferição de Português encontra-se dividida em duas partes. De acordo com o Ministério da Educação (2004, p.13) “a primeira parte pretende avaliar os níveis de desempenho de compreensão de leitura e expressão escrita (11 itens) e de conhecimento explícito da língua (7 itens). A segunda parte refere-se à expressão escrita compositiva.”.

Sexta-feira, 28 de setembro de 2012

Esta manhã começou com uma conversa sobre a reunião de pais que ocorreu no dia anterior. Após esta conversa realizou-se várias situações problemáticas relacionadas com o perímetro, cujo material utilizado para as mesmas foi o Cuisenaire. Ao longo destas atividades, a professora desafiou-nos a realizarmos uma situação problemática com o perímetro.

Na sequência destas situações problemáticas com o Cuisenaire, a professora propôs aos alunos construir uma figura com oito peças verdes claras do Cuisenaire, desenhá-la numa folha quadriculada, cuja quadrícula media um centímetro, recortá-la e, por fim, colá-la numa folha branca. Os alunos realizaram esta atividade acompanhados de música ambiente.

Inferências e Fundamentação Teórica

De acordo com Stoeber (citado por Costa, 2011) a **reunião de pais** tem como objetivo “compartilhar interesses e missões tendo em vista os benefícios para o aluno”.

Através das reuniões de pais, estes ficam a conhecer a escola, acompanham o crescimento do seu filho, esclarecem dúvidas de interesse geral, criam uma parceria com o professor e a escola, entre outras coisas, que permitem ao seu filho crescer de uma forma saudável.

Segunda-feira, 1 de outubro de 2012

Esta manhã começou com a troca de lugares e a escolha de chefes para as mais diversas tarefas dentro e fora de sala de aula.

Posteriormente, a professora propôs-lhes, que numa folha quadriculada, fizessem dois quadrados, cada um deles com dez centímetros, os pintassem e, por fim os cortassem. No decorrer desta atividade, iam conversando com a professora sobre o fim-de-semana. Após todos os quadrados feitos, a professora colocou-os no quadro, formando um enorme quadrado. Através deste quadrado grande calcularam, primeiramente, o perímetro e, de seguida, lembraram o conceito de área, como esta se calcula e quais as medidas de área.

Ainda nesta manhã, realizou-se a leitura e interpretação de um texto, assim como, um exercício ortográfico.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao longo da aula de Matemática pude verificar que existem alunos que terminam com maior facilidade e rapidez os exercícios propostos pela professora. Para estes alunos, a professora tinha consigo **trabalho extra** para os manter ocupados. Haigh (2010, p.52) afirma que “é melhor se conseguir tornar o trabalho suplementar desafiador. Pode consegui-lo pegando no conceito, competência ou conhecimento que eles acabaram de aprender e apresentar-lhes um problema para resolver ou uma nova pesquisa para fazer.”.

Terça-feira, 2 de outubro de 2012

Nesta manhã, realizaram a leitura de uma ficha sobre a divisão com casas decimais e fizeram revisões da multiplicação por 10/100/1000 e por 0,1/0,01/0,001 e aplicaram esta matéria através de exercícios. Ainda nesta manhã, realizaram uma expressão escrita.

Inferências e Fundamentação Teórica

De acordo com as Metas Curriculares da Matemática (2012) **multiplicar ou dividir por 10/100/1000 e por 0,1/0,01/0,001**, corresponde ao domínio Números e Operações (NO4), tem como sexto objetivo representar números racionais por dízimas. É de salientar os dois primeiros descritores:

1. Reconhecer que o resultado da multiplicação ou divisão de uma dízima por 10, 100, 1000, etc. pode ser obtido deslocando a vírgula uma, duas, três, etc. casas decimais respetivamente para a direita ou esquerda.
2. Reconhecer que o resultado da multiplicação ou divisão de uma dízima por 0,1, 0,01, 0,001, etc. pode ser obtido deslocando a vírgula uma, duas, três, etc. casas decimais respetivamente para a esquerda ou direita.

Segunda-feira, 8 de outubro de 2012

Como é habitual, todas as segundas-feiras se realizam a troca de lugares e a escolha de chefes. Nesta manhã, em Matemática, reviram a noção de volume e as respetivas medidas, realizando, posteriormente, exercícios de aplicação.

Na presente data, a professora titular de turma pediu-me a efetuar a leitura de um excerto da obra *A menina do mar* de Sophia de Mello Breyner Andersen. A seguir à minha

leitura, pedi aos alunos para lerem o mesmo excerto. Após as leituras do excerto, realizaram exercícios gramaticais e ortográficos.

Ainda nesta manhã, alguns alunos leram à restante turma, as mais diversas lendas pesquisadas em casa.

Inferências e Fundamentação Teórica

De acordo com o conteúdo trabalhado em aulas anteriores, a professora propôs aos alunos que pesquisassem em casa diversas **lendas**, para depois partilharem com os colegas em sala de aula. Diniz (199, p.60) define a lenda como “uma forma narrativa geralmente breve que pode ser escrita em prosa ou em verso.”.

Terça-feira, 9 de outubro de 2012

Ao longo desta manhã, para além das leituras das lendas trazidas de casa, os alunos, realizaram a leitura de um texto e debateram o tema que este abordava e ainda realizaram um exercício caligráfico.

Após o recreio, realizaram situações problemáticas e chamada oral da tabuada. Relativamente à chamada oral da tabuada, foi um desafio para minha colega, proposto pela professora cooperante. A chamada oral foi feita em duas rondas. À medida que ia perguntando a tabuada, a colega ia preenchendo a grelha.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero um enorme desafio, que a minha colega, a meu ver obteve uma boa prestação. Existem várias razões para assim o considerar, tais como, realizar uma atividade destas com os alunos, leva-os a trabalhar a memória, a concentração e a segurança na resposta que dão, assim como permite às estagiárias perceber como se deve preencher uma **grelha de avaliação**, ao mesmo tempo que se obtém a resposta dos alunos. Segundo Veríssimo (2000, p.67) as grelhas de avaliação servem “para registar a observação da frequência e da progressão de determinados comportamentos previamente selecionados.”.

Realizar a chamada oral da tabuada em várias rondas, testando os alunos para os seus verdadeiros conhecimentos da tabuada é de extrema importância pois desta forma pode-se verificar quais os alunos que mais sabem e os que menos sabem para que depois se proponham atividades para combater aquelas que mais dificuldades têm em saber no seu todo.

Sexta-feira, 12 de outubro de 2012

No decorrer desta manhã, foram realizadas duas construções com o 5.º Dom de Froebel inventadas pela professora – a fonte e os cavalos e o centro comercial, a partir das quais trabalharam situações problemáticas, abordando a relação entre capacidade e volume.

A seguir ao intervalo, realizaram a leitura e interpretação de um texto, assim como realizaram exercícios de classificação de palavras quanto à acentuação e ao número de sílabas.

Inferências e Fundamentação teóricas

O **5.º Dom de Froebel** é um material educativo que apela ao interesse da criança, pois promove a realização de construções aliadas a histórias, a partir das quais surgem situações problemáticas. Estas situações problemáticas fazem parte da história contada. Moreira e Oliveira (2003, p.34) defendem a utilização deste material, salientando que o mesmo possibilita o “ensino de (...) construções, bem como o incitamento ao pensamento matemático intuitivo a nível da geometria, do número, da medida, (...) e da classificação”.

Desta forma, construímos, desenvolvemos e alargamos o pensamento matemático das crianças através de atividades enriquecedoras em conteúdos, bem como, estimulantes e diversificadas.

Segunda-feira, 15 de outubro de 2012

Como é costume às segundas-feiras, realizam-se as trocas de lugares e a escolha de novos chefes para as diversas tarefas que vão tendo ao longo da semana. Nesta manhã, realizaram exercícios relacionados com os sólidos geométricos e um exercício ortográfico musical.

No âmbito do Clube das Ciências, lecionado por uma professora da área das Ciências, realizaram uma atividade experimental com a água, cujo nome é Tensão Superficial.

Inferências e Fundamentação Teórica

A **geometria** faz parte de um dos temas da Área de Matemática. Tal como refere o *Programa de Matemática* (Ministério da Educação, 2007, p. 20) “o ensino e a aprendizagem da Geometria deve (...) privilegiar a exploração, a manipulação e a experimentação,

utilizando objectos do mundo real e materiais específicos, de modo a desenvolver o sentido espacial”.

A geometria permite à criança desenvolver a sua orientação espacial, necessária para escrever, seguir uma determinada direção e também para localizar objetos, a si própria e aos outros. Para Mendes e Delgado (2008, p.9) a geometria “inclui uma estrutura com uma lógica específica que lhe permite articular a evidência visual com a exactidão do seu método, dando resposta a inúmeros problemas”. O ensino da geometria é fundamental, na medida em que está naturalmente integrada no desenvolvimento da criança, estabelecendo uma relação entre a matemática e o mundo real. É ainda determinante que os alunos manipulem os sólidos geométricos.

Terça-feira, 16 de outubro de 2012

Tal como agendado, esta manhã ficou a meu cargo. Como tal, esta manhã começou com a leitura e interpretação de um texto sobre D. João II, seguido da revisão sobre as regras de translineação. Para consolidação desta revisão foi entregue aos alunos uma ficha informativa sobre as regras de translineação. Na abordagem do reinado de D. João II, primeiramente recordou-se o reinado de D. Afonso V. Relembrando o que se leu sobre D. João II, ficou a conhecer-se o seu reinado. No fim desta manhã, realizámos uma revisão sobre os ângulos. Como consolidação deste conteúdo, realizou-se uma proposta de trabalho.

Inferências e Fundamentação Teórica

Esta manhã foi sem dúvida enriquecedora, visto que ao longo da abordagem dos diversos conteúdos já relatados, apelei à participação dos alunos, aproveitando todos os conhecimentos que estes tinham, assim como permiti a aquisição de novas aprendizagens e conhecimentos.

Para além de estar integrada na dinâmica da escola, a turma do 4.ºA demonstra uma grande motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. **História de Portugal** é, sem dúvida, uma área curricular que suscita uma grande curiosidade sobre o país onde eles nasceram e vivem. Segundo o Ministério da Educação (1998):

o conhecimento histórico caracteriza-se por uma forma particular de relacionar conceitos, em que o tempo, a causalidade, a compreensão da mudança são decisivos e nos quais, na ausência da reprodução experimental própria de outras ciências, se impõe frequentemente a reconstrução empática e a valorização das intenções e das causas, da multicausalidade e da sua importância, para o que se torna indispensável a aquisição de determinadas competências. (p.32)

A mesma fonte (p.58) realça a importância do ensino da História manter a memória coletiva e, para isso, os jovens precisam de conhecer as suas origens, as suas raízes, os fundamentos históricos da sua vida coletiva, que só são relevantes referidos ao presente.

O ensino da História é, extremamente, importante e, como tal, é de salientar a sua importância, no sentido em que o ensino da História: “permite a aquisição e desenvolvimento de procedimentos (tratamento das fontes de informação, indagação, investigação, explicação multicausal), valores (o espírito antidogmático, a tolerância, a solidariedade) e atitudes que lhe são próprios” (Ministério da Educação (1998, p.59).

É de salientar o **tipo de perguntas** que são realizadas ao longo das aulas das estagiárias – perguntas essas que ajudam na aprendizagem dos alunos. Haigh (2010, p.123) refere que as perguntas de ajuda são aquelas que “constituem a chave para conduzir aos alunos a descobrirem por si mesmo ou para descobrir o objectivo se ensino que está a tentar estabelecer.”. As perguntas de ajuda podem ser “abertas” ou “fechadas”. As perguntas “abertas”, segundo Haigh (2010, p.124) “têm mais do que uma resposta correcta, permite que os alunos pensem mais alargadamente (...)”. Quanto às perguntas “fechadas”, Haigh (2010, p.124) refere que estas “determinam se o aluno sabe a resposta certa às perguntas sobre factos ou de conhecimento.”.

Sexta-feira, 19 de outubro de 2012

Esta manhã, assisti à Prova de Avaliação de Capacidade Profissional de uma colega do Mestrado em Educação Pré-Escolar, cujo tema era a castanha. Esta prova realizou-se na turma do bibe Azul A (5 anos).

Após esta prova, regressei à sala do 4.º ano, onde assisti às revisões de Português.

Inferências e Fundamentação Teórica

Esta prova consiste numa aula lecionada em uma hora e quinze minutos. Sendo distribuída pelas três áreas curriculares, em vinte minutos, e os restantes quinze minutos para realizarem um jogo. Ao longo desta prova foram **diversos materiais** utilizados. Aguera (2008, p.25) defende que “o recurso aos materiais manipuláveis e aos instrumentos tecnológicos, por exemplo, é imprescindível como ponto de partida ou suporte de muitas tarefas escolares.”.

Segunda-feira, 22 de outubro de 2012

No decorrer desta manhã realizaram uma ficha de avaliação (teste) de Português, assim como fizeram a chamada oral da tabuada, na qual tiveram de passar por três rondas. Para finalizar esta manhã, realizaram uma experiência sobre o circuito elétrico, no Clube das Ciências.

Inferências e Fundamentação Teórica

Os clubes abrangem diversas áreas, que contribuem para a formação integral do aluno tornando-o num ser mais interessado pelo mundo que o rodeia nas mais diversas vertentes que são a preocupação de todos nós, em variados domínios como o humanístico, social e tecnológico. Segundo Duarte e Gonçalves (1996, p.77) “os clubes nas escolas são, nos nossos dias, fundamentais para complementar os programas das diferentes disciplinas. Cabe aos clubes explorar outras potencialidades e interesses dos alunos, mas também reforçar uma mensagem que é transmitida durante as aulas”.

O **Clube de Ciências** realiza-se uma vez por semana e, através das suas atividades, leva as crianças a conhecer o mundo que as rodeia, isto é, leva-as a pensar sobre as coisas. Logo no ensino das ciências, Spodek e Saracho (1998) afirmam que:

as crianças devem ter experiências diretas com elementos do mundo. Elas também devem pensar ativamente sobre suas experiências, de modo que os seus processos de pensamento sobre os fenômenos físicos e naturais se dêem de forma paralela à aquisição de informação científica. (p.301)

Em todas as experiências, realizadas no **Clube de Ciências**, existem protocolos experimentais. Segundo Costa (2012, p.11) os protocolos experimentais “fomentam o pensamento científico.”.

Por norma as experiências são realizadas em trabalho de grupo, no entanto existem algumas experiências realizadas pela professora do Clube de Ciências. Tal é referido por Costa (2012):

do questionamento à interpretação dos resultados, passando pela formulação de hipóteses, as atividades são executadas pelos próprios alunos ou em trabalhos de grupo. Quando o manuseamento de substâncias perigosas ou materiais cortantes implicam algum risco, ou ainda por questões de índole logística, as atividades são desenvolvidas pelo próprio professor. (p.11)

No final de cada aula, os alunos discutem os resultados, tiram as conclusões, respondem e corrigem os protocolos.

Terça-feira, 23 de outubro de 2012

Esta manhã, começaram por rever as medidas de massa através de uma proposta de trabalho que continha a tabela de reduções, e uma receita de salame de chocolate. Para finalizar esta atividade sobre as medidas de massa, os alunos ainda tiveram a oportunidade de fazer o salame, de acordo com a receita trabalhada. Esta atividade foi seguida de dois exercícios no âmbito do Português, sendo que o primeiro consistia em copiar a receita e o segundo consistia num exercício ortográfico

No fim desta manhã, preencheram um questionário sobre a visita de estudo ao CIBA e ao Mosteiro da Batalha.

Inferências e Fundamentação Teórica

É de extrema importância a realização de atividades relacionadas com a culinária, onde os alunos aprendem os mais diversos conteúdos, nas diferentes áreas curriculares, como também se divertem na realização das mesmas. Relativamente a esta atividade, esta enquadra-se na área da Matemática e, segundo Raisi (2013), nesta área, uma **aula de culinária** “ajuda com conceitos de soma, subtração, divisão e multiplicação e jogos de estimativa e trabalha unidades de medidas (quantidade, tempo, temperatura, massa, entre outros).” No entanto, o conteúdo matemático trabalhado foi as medidas de massa. Quando um professor realiza uma atividade como esta, deve levar as crianças a obter dois ingredientes muito especiais, como a criatividade e a responsabilidade, pois segundo Raisi (2013) é “uma hora de muita concentração e aprendizagem.” Mendes (citada por Raisi,2013) durante esta aula "os alunos participam de todas as etapas do processo e adoram. Começam com a elaboração da receita, passam pelo preparo e chegam até a degustação, parte mais esperada".

Em suma, através das aulas de culinária, os alunos aprendem diversos conteúdos e desenvolvem habilidades.

O **exercício caligráfico** é um dos exercícios de escrita importante para o aluno, visto que permite:

avançar em seu conhecimento das características específicas da linguagem escrita quanto aos sinais de expressão, pontuação, diagramação, formulação espaço-direcional da esquerda para a direita, percepção da palavra como conjunto de palavras separadas por dois espaços em branco e captação da sequência das letras dentro da palavra. (...) Permite praticar destrezas caligráficas das formas específicas de cada letra, a ligação e manutenção da regularidade do tamanho e proporção, alinhamento e inclinação. (...) favorece a familiaridade da criança com diversas modalidades de estruturação das palavras nas frases e orações. (Condemarin e Chadwick, 1986, p.182)

Uma das práticas utilizadas para realizar um exercício caligráfico é através do copiar com um propósito. Condemarin e Chadwick (1986) afirmam que:

a criança deve copiar com um propósito em mente: uma tarefa pendente que ela não realizou; uma poesia ou letra de uma música de que gosta; uma notícia de um jornal; uma resenha que queria memorizar; uma receita de culinária; as instruções para o funcionamento de algum artefacto; uma lista de compromissos; etc.”. (pp.182-183)

Sexta-feira, 26 de outubro de 2012

A presente manhã iniciou-se com a realização de uma ficha de avaliação sobre “como se escreve determinadas palavras”, assim como realizaram diversas situações problemáticas. Ainda esta manhã, responderam a um questionário sobre a matéria de História de Portugal dada até à data.

Inferências e Fundamentação Teórica

É fundamental que se realizem **revisões** para os testes, para que os alunos possam esclarecer algumas dúvidas. Meirieu (1998) refere que devemos fazer revisões para os testes, mas para fazermos “uma revisão eficaz é preciso reformular todo o material, voltar a trabalhá-lo, vertê-lo para uma forma diferente, transpô-lo para novos códigos, resumindo, fazer dele algo de novo para poder trabalhar.” (p.82). Quando o professor fez as revisões para o teste, utilizou estratégias diversificadas para esclarecer as dúvidas dos alunos.

Segunda-feira, 29 de outubro de 2012

Esta manhã realizaram uma ficha de avaliação (teste) de Estudo do Meio. Ainda nesta manhã, realizaram um exercício musical, bem como uma experiência sobre as impressões digitais, no Clube de Ciências.

Inferências e Fundamentação Teórica

Tal como referido, esta manhã teve início com a realização de um teste de avaliação. A realização deste teste foi previamente avisado pela professora titular de turma. Para obterem bons resultados, a professora entregou uma **matriz** com os conteúdos que serão explorados neste teste. De acordo com Estanqueiro (2010, p.93), os professores devem facultar “aos alunos uma matriz da prova, com objectivos, conteúdos, estrutura e cotações”.

Terça-feira, 30 de outubro de 2012

Na presente data, realizou-se a aula programada, de uma hora, a meu cargo. Esta aula iniciou-se com a leitura, interpretação e análise gramatical a partir de um texto sobre os incêndios em casa. A partir deste texto, abordámos a prevenção de incêndios e, para finalizar, realizou-se uma revisão sobre a numeração romana. No âmbito desta revisão matemática, propus aos alunos exercícios de aplicação.

Ainda esta manhã, em conjunto com a professora, fez-se uma nova construção com o 5.º Dom de Froebel – a aldeia romana – em que reviram a numeração romana e aprenderam o significado do traço por cima de um número romano. Para introduzir esta novo conteúdo, que faz parte da numeração romana, a professora pegou na proposta de trabalho que lhes fez sobre a mesma.



Figura 28 – Construção da Aldeia Romana

Inferências e Fundamentação Teórica

O **uso de fichas** no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico é habitual e necessário. Ponte e Serrazina (2000, p.232) defendem que as fichas de trabalho “constituem um material de ensino muito usado pelos professores e servem igualmente como instrumento de avaliação”. Bartolomeis (1999, p.22) afirma que “as fichas são meios que pretendem contribuir para a preparação de base ou a actualização dos professores, na medida em que (...) ajudam o professor a reconhecer e tratar fenómenos de importância fundamental que escapam à forma tradicional de colocar o problema”.

Sexta-feira, 2 de novembro de 2012

Sendo este dia *roulement* a professora do 4.ªA ficou encarregue de acompanhar as duas turmas do 4.º ano. Ao longo da manhã, foram várias as atividades realizadas dentro e fora da sala de aula, tais como, jogos, desenhos, etc.

Inferências e Fundamentação Teórica

Enquanto realizavam as diversas atividades, a minha colega e eu, fizemos enfeites e expusemos trabalhos dos alunos, para decorar a sala. **Decorar a sala** com trabalhos tem grande importância para as crianças. De acordo com Arends (1995, p.96), “muitos alunos

sentem-se bem quando veem os seus trabalhos na parede, e tal exposição pode ser usada como sistema de incentivo.”.

Segunda-feira, 5 de novembro de 2012

Esta manhã começou com a realização de uma expressão escrita. No entanto, esta atividade fora interrompida pela aula surpresa de Matemática, proposta pela professora de Supervisão Pedagógica. Ao longo desta aula, a colega “I.” abordou a divisão com três algarismos no divisor, através de uma situação problemática (ex.: 20524:354). Após esta e outras aulas-surpresa, reunimo-nos todos, com as professoras cooperantes e as professoras de Supervisão Pedagógica, para um balanço das aulas realizadas nesta manhã.

No fim desta manhã ainda assistimos a uma experiência no Clube de Ciências – o truque do ovo na garrafa.

Inferências e Fundamentação Teórica

A **expressão escrita** é uma atividade de grande importância pois desenvolve tanto a linguagem oral como a linguagem escrita do aluno. A expressão escrita define-se como o “processo de estruturar palavras de acordo com um plano organizado, a fim de elaborar um mensagem efetiva e geralmente gramatical, ou um trabalho artístico, quer seja oral ou escrito.”. (Condemarin e Chadwick, 1986, p.209)

No que diz respeito ao desafio lançado à colega, esta aceitou-o alegremente, no entanto, apesar de ter lançado uma boa situação problemática aos alunos, devia ter tido mais em conta os dados enquadrados na mesma, de forma a ser uma situação problemática, que os alunos conseguiram resolver com maior facilidade. Para além disso, este desafio foi pouco ritmado e dinâmico. A colega deveria ter circulado e incentivado mais o alunos, mas como? Devia ter orientado o raciocínio dos alunos de forma a conseguir resolver a situação problemática proposta por ela. No seguimento deste pensamento, Haigh (2010, p.136) considera que “um bom ritmo leva a um bom progresso de aprendizagem.”.

Quando se propõe uma **situação problemática**, segundo as Normas 2000 (citadas por Vale e Cardoso, 2004) deve-se ter em conta três aspetos, tais como:

- 1) ser problemático, a partir de algo que faz sentido e onde o caminho para a solução não esta completamente visível;
- 2) ser desafiante e ser interessante a partir de uma perspectiva matemática;
- 3) ser adequado, permitindo relacionar o conhecimento que os alunos já têm de modo que o novo conhecimento e as capacidades de cada aluno possam ser adaptadas e aplicadas para completar tarefas. (p.17)

Em suma, de acordo com o Ministério da Educação (2001, citado por Vale e Cardoso, 2004, p.9) a resolução de problemas “coloca o aluno em atitude activa de aprendizagem, quer dando-lhe a possibilidade construir noções como resposta às interrogações levantadas (exploração e descoberta de novos conceitos) quer incentivando-o a utilizar as aquisições feitas e a testar a sua eficácia.”.

Terça-feira, 6 de novembro de 2012

Esta manhã foi lecionada pela colega “I.”. Como tal, começou por apresentar uma carta escrita por um rei, em que realizou a leitura e interpretação do conteúdo escrito na carta e explicou como é que uma carta deve ser feita. Para consolidar este último conteúdo, a colega propôs que, em conjunto, os alunos escrevessem uma carta respondendo ao rei. No seguimento da carta escrita ao rei, falaram sobre o caminho marítimo para a Índia e os descobrimentos do Brasil. Para finalizar esta manhã, abordaram os números ordinais.

Inferências e Fundamentação Teórica

É deveras importante levar os alunos a ler nas mais diversas situações que vão ocorrendo dentro da sala de aula, de forma a promover o gosto pela mesma, como também, levá-los a interpretar tudo o que se encontrara à sua volta ao nível da escrita. Para tal, realiza-se a leitura e interpretação de um texto ou história que se lê no dia-a-dia escolar. Segundo Sim-Sim (2007, p.7) “saber ler é uma condição indispensável para o sucesso individual, quer na vida escolar, quer na vida profissional.”.

Antes dos alunos lerem, em voz alta, o texto, é importante que se faça a **leitura modelo** (leitura feita pelo professor) de modo a que quando estes a lerem saberem ler devidamente cada palavra do mesmo, assim como levá-los a compreender o que leem. De acordo com Sim-Sim (2007, p.9) “ler é compreender, obter informação, aceder ao significado do texto.”. A meu ver, a colega podia ter feito uma melhor leitura modelo da “carta-texto” apresentada aos alunos. Porquê? Com base na leitura modelo, os alunos irão melhorar a sua leitura, ou seja, irão ler corretamente as palavras, dando entoação às mesmas e, perceberão o que estão a ler.

Condemarin e Chadwick (1986, p.216) afirmam que “as cartas constituem um tipo de composição que ocorre naturalmente quando a criança sente necessidade de comunicar algo por escrito a outra pessoa.”. As mesmas autoras referem que existem diversas formas de trabalhar a carta, como por exemplo, “os alunos podem compor cartas coletivas, tais como uma carta ao diretor do jornal ou um convite a alguém para que dê uma aula, ou para fazer-lhe entrevista.”. (pp.216-217)

No seguimento da abordagem da carta do rei D. Sebastião, e com base, neste exemplo, a colega propôs ao 4.º ano que realizassem uma carta coletiva como resposta ao Rei D. Sebastião.

É importante que se estabeleça, de forma clara e concisa, as **regras dentro da sala de aula**. O que não se verificou esta manhã. Apesar de no início ter recordado com eles, as regras, no decorrer da manhã ocorreram situações em que podia ter relembrado uma ou outra regra. Segundo Sanches (2001, p.67) é importante “estabelecer uma regra de cada vez e exigir o seu cumprimento antes de estabelecer outra...”. Isto é, as regras devem de ser claras, enunciando exatamente o comportamento que se quer estabelecer e, ao estabelecê-las, devemos de ser firmes, de forma a levar os alunos a cumprir com as mesmas.

Sexta-feira, 9 de novembro de 2012

Esta manhã começou de uma forma muito especial. A turma do 4.ºA cantou os parabéns à professora “M.” e ofereceram-lhe muitas prendas, pois é neste dia que festeja o seu aniversário. Após este momento especial para todos, realizaram uma proposta com situações problemáticas.

A seguir ao recreio realizaram um ensaio de Natal, no qual conheceram as músicas da festa de Natal e cantaram-nas em conjunto com a turma do 3.ºA (Bibe Azul Claro).

Inferências e Fundamentação Teórica

Todos os anos, quando chega a época natalícia, a escola realiza uma **festa de Natal**, em que, decorrem diversas peças de teatro e espetáculos musicais feitos por todos os alunos da escola. Cada ano de escolaridade junta-se e representa uma peça de teatro e um espetáculo musical. Assim será este ano com uma exceção, as turmas dos terceiros e quartos anos irão realizar uma peça de teatro e um espetáculo musical em conjunto.

Os professores das respetivas turmas decidiram perguntar aos alunos o que gostavam de fazer na festa de Natal e, com base nas ideias que iam obtendo por parte dos alunos, os professores criaram uma peça para a apresentar na festa de Natal aos pais.

Considero pertinente a preocupação que os professores têm com os alunos relativamente aos seus interesses, pois desta forma existe uma maior proximidade entre todos, garantindo uma aprendizagem enriquecedora para os alunos.

Ao recolherem as mais diversas ideias dos alunos para a realização da peça de Natal, estão não só a descobrir os interesses dos mesmos, como também a desenvolver a sua criatividade e imaginação. Vygotsky (1988, citado por Gonçalves, 2012, p.23) refere que

a criatividade “é essencial à existência humana, pois sem esta, dificilmente o ser humano conseguiria fazer face aos obstáculos com os quais se depara no dia-a-dia.”

Ao realizar uma festa de Natal são várias as artes demonstradas pelos alunos. O Currículo Nacional do Ensino Básico (2001, p.149, citado por Gonçalves, 2012, p.27) refere que “as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam a imaginação, razão e emoção (...) permitem participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção de identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida.”

Segunda-feira, 12 de novembro de 2012

Tal como programado, esta manhã iniciou-se com uma aula de uma hora, cujo tema principal era a União Europeia. Esta aula foi assistida por uma das professoras de supervisão pedagógica. Esta aula iniciou-se com a leitura, interpretação e análise gramatical de um texto sobre a União Europeia (U.E.). Com base no texto, aprofundou-se os conhecimentos sobre a U.E. Por fim, lembraram-se as moedas e notas europeias, e realizaram-se situações problemáticas que envolviam o Euro, através de uma proposta de trabalho.

No seguimento desta aula e de outras dadas pelas colegas, realizou-se uma reunião sobre as mesmas.

Ainda esta manhã, assistimos à realização de uma proposta de trabalho com situações problemáticas que contava para avaliação. Como tal, devia realizar a mesma, individualmente. Para finalizar esta manhã, os alunos leram as expressões escritas sobre “Se eu fosse um animal...”.

Inferências e Fundamentação Teórica

Quando preparamos uma aula temática de uma hora que abrange diferentes áreas curriculares, deve-se ter em conta a aprendizagem que os alunos vão obter ao longo da mesma. A forma como distribuimos o tempo é importante para que haja um equilíbrio ao longo da aula. Haigh (2010, p.134) considera que “a **distribuição do tempo** tem a ver com o tempo que cada aula ocupa, ou seja, o princípio, o meio e o fim. É sobre dedicar tempo suficiente para fazer justiça a cada fase sem perder a eficácia.”

Visto ser um tema único para diferentes áreas, comecei por trabalhar um texto informativo sobre o tema, no qual se realizou a leitura e interpretação do texto e análise

gramatical a partir do mesmo. Segundo Sim-Sim (2007, p.24) os **textos informativos** são “textos não ficcionais que descrevem, explicam e transmitem informação factual ou opiniões sobre um determinado assunto.”. A mesma autora refere que:

na compreensão da leitura de um texto informativo o leitor presta atenção à informação do texto, retém da memória os aspectos mais relevantes da informação e relacioná-los com o que se sabe sobre o assunto, reformulando o conhecimento prévio que possuía. (p.24)

De acordo com o *Programa da Matemática do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2007, p.24) um dos tópicos abordados para o 1.º e 2.º anos é o **dinheiro** que tem como objetivos “conhecer e relacionar as moedas e realizar as contagens do dinheiro”, assim como “resolver problemas envolvendo dinheiro.”. No entanto, estes tópicos foram trabalhados no 4.º ano de escolaridade como revisão da matéria.

É de salientar a **leitura da expressão escrita** “Se eu fosse um animal...”. Condemarin e Chadwick (1986) consideram que se deve:

permitir que as crianças leiam seus trabalhos em voz alta. As crianças encantam-se em compartilhar seus escritos e escutar o que outros companheiros fizeram.”. As mesmas autoras acrescentam que não se deve “solicitar somente ao melhor aluno que mostre seu trabalho, mas recolher mostras de escrita de todos os alunos e lê-las ou expô-las. (p.160)

Terça-feira, 13 de novembro de 2012

Esta manhã teve início com a aula de uma hora lecionada pela colga “I”. Nesta aula realizou-se a leitura e interpretação de um texto e um exercício gramatical, seguidos da abordagem ao Sistema Solar e, por fim, abordaram o pictograma.

Ainda esta manhã, a professora recordou com os alunos a matéria dada no âmbito da Matemática: o pictograma, assim como fez uma revisão sobre um dos tipos de sujeito – o sujeito nulo, no âmbito do Português.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero de extrema pertinência que os alunos tenham a oportunidade de trabalhar a gramática da língua. Como tal, a análise gramatical é indispensável. A língua serve para desenvolver o pensamento com clareza, e só pode ser realizado se as pessoas souberem construir corretamente as frases. O *Programa de Português* atualmente em vigor, demonstra que o termo Funcionamento da Língua – Análise e Reflexão foi substituído pelo de Conhecimento Explícito da Língua. Este *Programa de Português* (Ministério da Educação, 2009) refere que o **Conhecimento Explícito da Língua** “permite o controlo das regras e a

selecção dos procedimentos mais adequados à compreensão e à expressão, em cada situação comunicativa” (p.15). O mesmo programa cita também que:

(...) entende-se por *conhecimento explícito da língua* a reflectida capacidade para sistematizar unidades, regras e processos gramaticais do idioma, levando à identificação e à correcção do erro; o *conhecimento explícito da língua* assenta na instrução formal e implica o desenvolvimento de processos metacognitivos. (p.16)

Sexta-feira, 16 de novembro de 2012

Nesta manhã começaram por trabalhar Estatística, em que a professora introduziu o diagrama de caule e folhas e, para tal, distribuiu a cada um, algarismos móveis e colou fita-cola colorida, na vertical, na mesa de cada aluno. Como consolidação desta matéria realizaram exercícios de aplicação.

A seguir ao recreio, realizaram uma proposta de trabalho sobre o verbo “escrever”, em que tinham de o conjugar em três modos diferentes (indicativo, imperativo e condicional). Esta proposta de trabalho contava para a grelha de avaliação e, como tal, tinha de ser realizada individualmente. Para além desta proposta, realizaram exercícios sobre os quantificadores universais e existenciais.

Inferências e Fundamentação Teórica

Existe uma grande multiplicidade de gráficos, que são representados e aplicados de diferentes maneiras e contextos. No que diz respeito ao **diagrama de caule-e-folhas**, Fernandes e Portela (2004) consideram que:

na construção de gráfico de caule-e-folhas deve observar-se que cada classificação é um número formado por dois algarismos, em que o primeiro constitui o caule e o segundo a folha. Além disso, para cada caule, as folhas são escritas por ordem crescente e a unidade = 1 significa que as folhas são da ordem das unidades. (p.60)

Em suma, o diagrama de caule-e-folhas é um gráfico cujo caule representa a ordem das dezenas e as folhas representam o algarismo das unidades. Através deste gráfico, é fácil de ordenar o conjunto de dados, de identificar o mínimo e o máximo e, ainda, identificar a moda.

5.2. Subsecção – Período de estágio no bibe Azul Claro A (3.º ano): 19 de novembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013

5.2.1. Caracterização da Turma

A turma do 3.º ano A é constituída por vinte e dois alunos, dos quais dez são do género masculino e doze são do género feminino. Esta turma corresponde à faixa etária dos oito anos. Segundo as informações dadas pela professora cooperante, esta turma apresenta algumas dificuldades nas áreas da Matemática e da Língua Portuguesa. A área de Estudo do Meio é a área que a turma mais gosta, pois é uma turma muito curiosa sobre tudo o que os rodeia.

5.2.2. Caracterização do Espaço

A sala do bibe Azul Claro A é bastante luminosa e com duas portas de acesso, uma que dá passagem à sala de computadores e outra que faz a passagem para o corredor. Possui um quadro interativo e um de giz e nas paredes estão placards de cortiça para afixar os trabalhos realizados pelos alunos, nas diferentes áreas curriculares.

Os alunos estão sentados em grupos de dois exceto a fila que se encontra a meio da sala, em que estão sentados individualmente virados para o quadro interativo e para a secretária da professora.



Figura 29 – Sala do 3.º ano

5.2.3. Rotinas Diárias

Foram várias as rotinas observadas ao longo deste momento de estágio, tais como, a higiene, que corresponde a ida à casa de banho, o recreio e o lanche da manhã que está integrado no recreio. Para além destas rotinas, é costume realizarem a mudança de lugares feita no início de cada semana de aulas.

5.2.4. Horário

Como se sabe, são vários os desafios proporcionados durante a semana de forma a trabalhar os diversos conteúdos programados para a faixa etária em questão. No quadro que se segue - quadro 12, pode-se verificar os tais desafios, divididos nos mais diversos dias que englobam a semana escolar.

Quadro 12 – Horário de Turma do Bibe Azul A (3.º ano)

Horas	2.º Feira	3.º Feira	4.º Feira	5.º Feira	6.º Feira
9h/11h	Língua Portuguesa / Estudo Acompanhado	Matemática / Estudo Acompanhado	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h/11h20	Recreio				
11h20	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h	Almoço				
14h30	Expressão e Educação Física-Motora (14h30-15h)	Estudo do Meio/ Ensino Experimental das Ciências	Expressão e Educação Musical	Estudo do Meio História de Portugal (Cerâmica)	Expressão e Educação Física-Motora
15h30	Estudo do Meio Estudo Clube de Ciências (15h20-16h10)	Inglês	Expressão e Educação Plástica	Inglês	Estudo do Meio/Educação para a Cidadania
16h30/17h	Estudo do Meio/ Ensino Experimental das Ciências	Estudo do Meio/ Ensino Experimental das Ciências		Estudo do Meio/ Área de Projeto	

5.2.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 19 de novembro de 2012

Esta manhã começou com a arrumação de trabalhos, já finalizados, no *dossier* e, para tal, a professora realizou o jogo do “pinguim manda...”. Neste jogo, os alunos tinham de obedecer as ordens do pinguim que, neste caso, era a professora. Durante o jogo, o pinguim mandou arrumar os trabalhos no *dossier*, ao mesmo tempo que dançavam ao ritmo da música e em silêncio. Visto serem trabalhos de diferentes áreas, existe um separador por cada área no *dossier* do aluno. Logo, a arrumação de trabalhos fora feita por cada área curricular. Quem não cumprisse com este pedido, veria o seu nome escrito no quadro. Após este jogo, realizou-se a mudança de lugares. Para a realização da mesma, a professora procurou saber quem queria mudar de lugar e porquê. Com base nas respostas dos alunos, a professora realizou a mudança de lugares.

No seguimento destas duas tarefas, lembraram dois conteúdos matemáticos - a décima e a centésima – para depois abordar a milésima e aplicaram exercícios de aplicação sobre o conteúdo em si. Já no Clube de Ciências, realizaram uma experiência relacionada com a luz (ilusão ótica). Para finalizar esta manhã, realizaram uma expressão escrita coletiva.

Inferências e Fundamentação Teórica

Através do **jogo “o pinguim manda...”**, os alunos desenvolvem a sua autonomia. Ou seja, à medida que vão finalizando os trabalhos, certificando de que estes estão corrigidos, arrumam estes no *dossier*. Desta forma, os alunos criam a sua própria organização e obtêm responsabilidade nas diversas tarefas que lhes são proporcionadas. Segundo Leite e Fernandes (2002, p.61), “a utilização de portefólios, como dispositivos de auto-construção e de auto-regulação das aprendizagens, configura um meio de implicar os alunos nos processos de formação escolar e de os tornar conscientes dos percursos que estão a realizar”. Os *dossiers* ou portefólios possibilitam verificar as aprendizagens realizadas ao longo do ano letivo.

A **escrita coletiva** “palavra puxa palavra” é um tipo de escrita criativa que permite aos alunos estimular o seu próprio pensamento, imaginação e criatividade, assim como desenvolve o seu vocabulário, tanto na linguagem oral como na escrita. Condemarin e Chadwick (1986, p.160) consideram que se deve “proporcionar uma variedade de atividades de escrita desenhada para estimular a imaginação e criatividade, enquanto são desenvolvidas destrezas de leitura e pensamento.”.

Terça-feira, 20 de novembro de 2012

Na presente manhã começaram por trabalhar a leitura e interpretação de um texto, seguidos de uma avaliação mensal de leitura e de um jogo relacionado com o texto. Este jogo consistia em memorizar os nomes dos instrumentos abordados no texto e, em seguida, teriam que enumerar o nome dos mesmos, sem poderem consultar o texto.

Para finalizar esta manhã, realizaram a chamada oral da tabuada e a corrida da tabuada.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero de extrema importância a **avaliação da leitura em voz alta** e, por conseguinte, autoavaliação sobre a mesma por parte dos alunos. Jean (2000, p.65) considera que a leitura em voz alta é “uma maneira de partilhar prazer, conhecimentos, informações.”

A avaliação mensal da leitura é um “processo de diagnóstico, analisando os erros e utilizando-os como fonte de estudo destinado a aumentar a eficiência da leitura, nomeadamente depois dos estádios iniciais de aprendizagem da relação entre a escrita e os sons de uma língua”. (Antão, 1997, p.46)

Sexta-feira, 23 de novembro de 2012

Nesta manhã começaram por realizar a correção dos trabalhos de casa a nível da Língua Portuguesa e da Matemática. De seguida realizaram um exercício ortográfico dirigido por mim. Por fim, realizaram um ensaio para a festa de Natal.

Inferências e Fundamentação Teórica

Os **trabalhos de casa** são instrumentos de trabalho, fundamentais para consolidar os conteúdos, rever o que foi aprendido e servem de treino não só para futuros instrumentos de avaliação, mas também como uma rotina presente na vida dos alunos, no próximo ciclo de estudos. Para Meirieu (1998):

(...) os trabalhos de casa são sempre necessários; poderão ser, sem dúvida, menos numerosos, mais objectivos, mais acessíveis, mas é necessário que haja alguns para desenvolver nos alunos a autonomia e responsabilidade, bem como o sentido de organização, interesse em aprofundar os seus conhecimentos e o gosto pelo trabalho pessoal. (p.14)

Desta forma, os trabalhos também fomentam a responsabilidade nos alunos, visto que têm que cumprir os prazos impostos pelo professor para a realização dos mesmos.

Segunda-feira, 26 de novembro de 2012

Nesta manhã realizaram uma ficha de avaliação de Português. Após a realização desta ficha, realizaram um ensaio para a festa de Natal. No fim desta manhã, como curiosidade, apresentei vestuários islâmicos utilizados nas orações islâmicas.

Inferências e Fundamentação Teórica

A turma do 3.ºA é uma turma muito interessada e participativa, ou seja, é uma turma que se encontra integrada na dinâmica da escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. O **Conhecimento do Mundo** suscita uma grande curiosidade e interesse nesta turma. Como tal, achei pertinente mostrar um pouco da minha cultura aos alunos do 3.ºA. Para Spodek e Saracho (1998) a educação multicultural:

é essencial para ajudar os estudantes a entenderem, aceitarem e valorizarem pessoas de culturas diferentes das suas. A apreciação de outras culturas deve resultar de um programa que encoraje as atitudes e valores que os estudantes precisam de adquirir. O currículo multicultural ajuda os estudantes a aprenderem valores e atitudes de culturas diferentes das suas. (p.101)

Terça-feira, 27 de novembro de 2012

Esta manhã começou com a apresentação do Alcorão – livro sagrado islâmico. De seguida, os alunos foram visitar o Diário de Notícias, no qual ficaram a conhecer a sua história, como se faz um jornal e até mesmo chegaram a realizar, cada um, a capa do jornal. Quando regressaram da visita de estudo, conversaram sobre a mesma, referindo os pontos que mais e o que menos gostaram. Por fim, ainda leram um capítulo da *História de uma gaivota e de um gato que a ensinou voar* de Luís Sepúlveda.

Inferências e Fundamentação Teórica

A **leitura de uma obra em sala de aula** é de extrema importância para os alunos, pois desta forma, os alunos adquirem o gosto pela leitura, assim como adquirem hábitos de leitura. Nelson (1989, citado por Spodek e Saracho, 1998, p.245) considera que “ouvir histórias ajuda as crianças a desenvolverem padrões sofisticados de linguagem e as motiva a experimentarem com sua própria linguagem oral e escrita.”

Ao longo da leitura desta obra, a professora lia em voz alta e, os alunos acompanhavam a sua leitura, tendo cada um deles, o livro à sua frente. Durante a leitura desta obra, a professora não só lia em voz alta para os alunos, como também em determinados momentos da leitura, pedia a participação dos mesmos. Spodek e Saracho (1998) consideram que ler em voz alta os textos:

enriquece o divertimento e o entendimento da literatura, desenvolve o vocabulário oral (receptivo e expressivo), promove o conceito de leitura, desenvolve habilidades de pré-leitura, como a progressão da esquerda para a direita, promove o entendimento dos conveções de texto, dá às crianças uma ideia da “linguagem dos livros”, desenvolve a discriminação visual e o reconhecimento das letras e palavras e dá oportunidade para as atividades que promovem as habilidades de pensamento crítico e criativo. (p.249)

Sexta-feira, 30 de novembro de 2012

Nesta manhã, antes de realizarem a ficha de avaliação de Estudo do Meio, a professora advertiu os alunos, face ao atraso constante, que deve ser evitado, principalmente num dia com ficha de avaliação. Após o recreio realizaram o ensaio para a festa de Natal e efetuaram desenhos natalícios para enfeitar a sala.

Inferências e Fundamentação Teórica

Acho bastante interessante a forma como a professora aborda os alunos nas mais diversas atividades, contribuindo para uma **aprendizagem significativa**. Isto é, em cada atividade/aula a professora questiona os alunos de forma a estimular a comunicação na sala de aula, mesmo quando eles respondem errado.

Segundo Anderson (citado por Savi, 2011) os “alunos que têm medo de errar nunca saberão se estão certos, nem errados, porque eles não se permitem arriscar, e aprender qualquer coisa é correr o risco de não dar certo e de ser difícil”.

Savi (2011) afirma que é “importante que o aluno veja o professor não como um algoz, que vai apontar os seus erros, mas como um apoio a quem deve recorrer quando erros forem cometidos”.

Segunda-feira, 3 de dezembro de 2012

Neste dia, a professora levou os alunos ao ginásio para realizar o ensaio para a festa de Natal, que se irá realizar no dia 11 de dezembro de 2012.

Inferências e Fundamentação Teórica

Os **eventos festivos**, como a festa de Natal, fazem parte do quotidiano de qualquer escola, independentemente do método de ensino que a mesma trabalhe. Para Barros (s.d.):

as festas devem aparecer no cotidiano escolar, desde que promovam situações de aprendizagem, com projetos escolares onde os alunos possam pesquisar, levantar hipóteses sobre os temas, fazer registros das discussões feitas em sala, montar

materiais para serem expostos à comunidade escolar, enfim, tudo aquilo que possa acrescentar-lhes novos conhecimentos.

Terça-feira, 4 de dezembro de 2012

No decorrer desta manhã, realizaram a ficha de avaliação sumativa de História de Portugal, assim como pintaram a pasta de avaliação sumativa e os marcadores, para oferecer aos familiares que irão à festa de Natal. Por fim, realizaram um ensaio musical de Natal com o professor de Expressão Musical. Este ensaio decorreu no ginásio.

Inferências e Fundamentação Teórica

Com base nas informações dadas pela professora titular do 3.º ano A, esta é uma turma onde estão inseridas algumas crianças que frequentam o **Apoio Pedagógico**. De acordo com o Despacho N.º178-A/ME/93, o apoio pedagógico é um “conjunto das estratégias e actividades concebidas e realizadas na escola no âmbito curricular e extracurricular, incluindo aquelas que são desenvolvidas no seu exterior, que contribuam para que os alunos adquiram os conhecimentos e as competências e desenvolvam as capacidades, atitudes e valores consagrados nos currículos em vigor.”.

Sexta-feira, 7 de dezembro de 2012

Esta manhã começou com a exposição de uma curiosidade sobre Lisboa, apresentada pela colega. Esta exposição está relacionada com a área de projeto *Conhecendo Lisboa*, cuja curiosidade era “Porque se chama alfacinhas aos lisboetas?”. Para ficarem com uma recordação do que aprenderam sobre esta curiosidade nacional, publicaram, em conjunto com a minha colega, a história no *blog* do terceiro ano, que criaram com a professora cooperante.

Ainda esta manhã, realizaram um debate que tinha como tema o petróleo. Neste debate, existiam duas equipas, uma a favor e outra contra o petróleo. Sendo um debate, este tinha regras tais como: tinham de trabalhar em equipa, cada elemento da equipa devia ter um argumento e, por fim, primeiro argumenta o elemento de uma equipa e depois o elemento da outra. Por fim, realizaram mais um ensaio para a festa de Natal.

Inferências e Fundamentação Teórica

A realização de um **debate**, em sala de aula, é bastante pertinente, pois permite aos alunos abordar diversos temas que fazem parte do mundo que os rodeia, levando-os a compreender o mundo. Hohmann e Weikart (2011) consideram que:

para compreender o seu mundo imediato as crianças necessitam interagir de forma consciente e refletida sobre ele. A compreensão que as crianças têm do mundo desenvolve-se quando elas levam a efeito ações surgidas de necessidade de testar ideias ou de encontrar respostas a questões. (p.23)

Através do debate as crianças aprofundam os seus conhecimentos e desenvolvem competências de comunicação. A escolha do tema deve ser selecionado com antecedência. Tal é mencionado por Estanqueiro (2010, p.55) “antes de abrir um debate, é necessário clarificar o tema e os objetivos da discussão.”.

Num debate, o professor é que conduz o mesmo, de modo a explorar a riqueza do tema nos seus múltiplos pontos de vista sem impor as suas convicções. Segundo Estanqueiro (2010, p.55) para um debate eficaz é necessário que “o professor saiba distribuir a palavra entre os alunos e que crie um ambiente de respeito na sala de aula, corrigindo os erros que prejudiquem a aprendizagem”. Isto é, como o debate “aprendemos uns com os outros, partilhando ideias e sentimentos com abertura de espírito. A palavra deve ser distribuída democraticamente entre os alunos, todos precisam de tempo e espaço, para exprimir com liberdade as suas ideias.”.

Segunda-feira, 10 de dezembro de 2012

No decorrer desta manhã, realizaram biscoitos de natal, em que primeiramente leram a receita, posteriormente prepararam a massa dos biscoitos e, no final, com as formas que cada aluno trouxe, realizaram os biscoitos. Ainda esta manhã, realizaram o ensaio de Natal.



Figura 30 – Realização dos Biscoitos de Natal

Inferências e Fundamentação Pedagógica

A meu ver, é extremamente importante que se concretize este tipo atividades em sala de aula, pois de uma forma mais lúdica, a criança aplica diversos conteúdos que o programa lhe dispõe. Apesar de ser uma atividade lúdica diferente daquelas a que estão habituados, é necessário que continue a existir **disciplina** e **regras**, de forma a contribuir para uma aprendizagem significativa. Segundo Meirieu (citado por Estanqueiro) “é preciso assumir a nossa autoridade, pois ela é consubstancial à relação educativa.”. Ou seja os professores não só conquistam o respeito pelo alunos, através só seu estatuto profissional, como também e, principalmente, pela sua competência científica e pedagógica.

Terça-feira, 11 de dezembro de 2012

Durante este dia participámos da festa de Natal, em que ajudamos todas as turmas de forma a tornar esta festa inesquecível, tanto para os alunos, como para os familiares que assistiram à mesma. Visto que as turmas dos terceiros e quartos anos se juntaram, formando só uma peça, esta realizou-se no período da tarde.

Inferências e Fundamentação Teórica

A meu ver, considero muito importante a realização de festas na escola, pois são um momento marcante na vida da criança. Nas festas da escola, participa toda a comunidade educativa (família, escola, sociedade, etc.). As crianças são as estrelas da festa.

Ou seja, é extremamente importante para a criança a **presença da família** nos diversos momentos do seu percurso escolar. Segundo Marujo, Neto e Perloiro (1998, p.11), “o envolvimento de pais e mães na educação escolar dos filhos é um direito, tanto como uma responsabilidade e um valor”.

Deve haver uma parceria entre a família e a escola. Bartolomeis (1976, p.22) afirma que “a escola deve colocar-se ao lado da família na obra de auxílio, aprontando (...) estímulos, ocasiões de desenvolver actividades, tarefas, instrumentos proporcionados às necessidades e às capacidades da criança”.

Segundo Reis (2008):

o papel dos pais é de autoridade/cuidador, não forçosamente pedagógico, e o papel da escola é o pedagógico, sem perder o seu carácter de autoridade e sem se esvaziar na componente técnica. Já o objectivo de ambos, junto do aluno, é o seu sucesso académico, ou melhor, a aquisição de competências! E é aqui que se pode encontrar algo de comum. (p.59)

Os pais e a escola são como um puzzle, completam-se para o futuro sucesso da criança.

Sexta-feira, 14 de dezembro de 2012

Esta manhã iniciou-se com mais uma curiosidade sobre Lisboa e que vai ao encontro da Área de Projeto, cujo tema era “Porque chamamos bica ao café?”. Esta curiosidade fora apresentada por mim, na qual também fora publicada no *blog* da turma, em conjunto com a mesma. A seguir a esta atividade, leram os últimos três capítulos do livro *A história de uma gaivota e de um gato que a ensinou voar* de Luís Sepúlveda.

Inferências e Fundamentação Teórica

Com a área de projeto, os professores procuram dar uma resposta às necessidades e interesses dos alunos. Este ano, a escola tem como projeto curricular de escola *Conhecendo Lisboa*, que permite aos alunos conhecer melhor a cidade onde vivem, bem como a importância que esta tem para a história de Portugal.

Para a exploração deste tema foi necessário o **uso do computador**. De acordo com Ponte (1997, p.101) o computador é “um instrumento que cria novas possibilidades de trabalho e novas responsabilidades ao professor e o obriga a um esforço permanente de actualização e formação.”.

Sexta-feira, 4 de janeiro de 2013

Nesta manhã realizaram a leitura e interpretação de um texto sobre as *relações de parentesco* e, ainda, elaboraram a árvore genológica.

Ainda, esta manhã, fui solicitada por uma das professoras de supervisão pedagógica, para dar uma aula de Português. Ou seja, explorámos um texto, realizando a sua leitura e interpretação e fizemos a análise sintática de uma frase relacionada com o mesmo. Por fim, realizou-se a reunião das aulas-surpresa.

Inferências e Fundamentação Teórica

Durante a **reunião** realizamos uma pequena reflexão sobre a prática pedagógica, ou seja, sobre aulas dadas por mim e pelas minhas colegas. Jacinto (2003) defende que “a prática profissional, para ser reflexiva, deve ter por objectivo a desconstrução e a reconstrução de novos saberes e concepções por parte dos professores” (p. 50). O mesmo autor defende ainda que “a orientação prática na formação inicial de professores pressupõe a acção reflexiva sobre a prática”. (p.45)

Como futura docente é importante que tenha uma mente aberta a novas aprendizagens permitindo que obtenha e aplique as melhores estratégias para um bom funcionamento em sala de aula, tendo como objetivo final o enriquecimento dos alunos.

Zeichner (1993, p.19) afirma que Dewey definiu “três atitudes necessárias para a ação reflexiva: abertura de espírito, responsabilidade e sinceridade”. Assim sendo, com as atitudes corretas podemos tornar-nos melhores profissionais.

Segunda-feira, 7 de janeiro de 2013

No decorrer desta manhã, abordaram mais uma curiosidade sobre Lisboa de forma a conhecer a cidade. *Conhecendo Lisboa* faz parte de projeto escolar referente a este ano letivo e a curiosidade abordada desta vez foi “A livraria mais antiga do mundo – Bertrand Chiado”. Esta curiosidade fora apresentada pela minha colega. No seguimento desta abordagem aprenderam uma nova função sintática da frase – o modificador, como também aprenderam as unidades de tempo, em que realizaram um concurso de cálculo mental.

Inferências e Fundamentação Teórica

É de extrema importância que se criem e diversifiquem atividades de **cálculo mental**, visto que é frequente o seu uso no dia-a-dia. Sequeira et al. (2009) afirmam que:

para desenvolver o cálculo mental é fundamental ter um conhecimento profundo dos números e das operações. Para atingir este estágio, é importante realizar um trabalho de progressiva prática com relações e propriedades numéricas, de desenvolvimento do sentido das operações, de análise de contextos variados, etc. (p.82)

Terça-feira, 8 de janeiro de 2013

Esta manhã começou com uma conversa entre a diretora da escola e a turma do 3.ºA, devido aos atrasos constantes que os alunos têm tido cada vez mais e, como consequência, prejudica a aprendizagem dos mesmos. De seguida abordaram os quantificadores numerais, efetuaram exercícios de aplicação sobre os mesmos e, ainda realizaram um exercício ortográfico, no qual, depois tinham de fazer autocorreção do mesmo – “caça ao erro”. Ainda, esta manhã, trabalharam a adição com os números complexos. Enquanto realizavam diversas adições com números complexos, a professora desafiou-nos para que apresentássemos, cada uma de nós, uma adição. A adição com números complexos proposta por mim foi “1M 4d 3h 12m 45s + 3M 8d 7h 19m 23s = 4M 12d 11h 32m 08s”.

Inferências e Fundamentação Teórica

O **computador** é um dos instrumentos de trabalho utilizados pelo docente. Através do mesmo pode-se trabalhar diversas áreas, como a Matemática. De acordo com National Council of Teachers of Mathematics (2008, p.26) as tecnologias “constituem ferramentas essenciais, para o ensino, para a aprendizagem e o fazer matemática (...)”. A mesma fonte acrescenta que “quando se lhes disponibilizam ferramentas tecnológicas, os alunos podem concentrar-se nas decisões a tomar, na reflexão, no raciocínio e a na resolução de problemas.”. (p.26)

Sexta-feira, 11 de janeiro de 2013

Durante esta manhã, fizeram a leitura das expressões escritas feitas em casa, assim como, realizaram uma investigação matemática – a descoberta do pi e, ainda, realizaram o jogo das palavras soletradas. No decorrer das leituras, uma das alunas preparou os presentes de casamento para o pai e a futura esposa, em que foi sugerido pelas estagiárias que realizasse algo que cada um deles mais gostasse.

Relativamente à investigação matemática - descoberta do pi - foram necessários diversos materiais, tais como, uma folha A3, um compasso, uma caneta azul, uma caneta de cor e uma lã. Esta investigação consistia em traçar primeiramente dois raios diferentes e, a partir dos mesmos, fazerem a circunferência e descobrir o diâmetro. Com a lã contornaram a circunferência e acharam o perímetro da mesma que era equivalente ao pi (3,14 cm).

Quanto ao jogo de palavras, este consistia, primeiramente, em escrever no quadro palavras ditadas pelos alunos. Após todas as palavras escritas, a professora pediu para observarem o quadro que incluía todas elas. A seguir a esta observação, a professora dizia o nome de um aluno e este ficava de costas para o quadro a soletrar uma das palavras escritas no quadro. Esta palavra era escolhida pela professora e todos os alunos tiveram de soletrar duas palavras diferentes, visto serem duas rondas.

No fim desta manhã, ocorreu no ginásio, a hora do conto sobre *Era uma vez os três reis magos*, na qual, todos os alunos do 1.º Ciclo foram assistir.



Figura 31 – Presente de casamento para o pai da aluna M.



Figura 32 – Descoberta do Pi

Inferências e Fundamentação Teórica

A Investigação da Matemática: Descoberta do Pi, é um **jogo educativo**. Segundo Lopes et al. (1999, p.121) definem o pi como o “quociente entre o comprimento da circunferência e o seu diâmetro.”. Segundo Gervilla (1997, citado por Caldeira, 2009, p.52) o jogo educativo tem como objetivo “favorecer o desenvolvimento de certas funções mentais e a iniciação de certos conhecimentos.”.

Nesta atividade, o **ensino é feito por descoberta**. O Ensino por Descoberta centra-se na compreensão de processos científicos. No Ensino por Descoberta, Cachapuz, Praia e Jorge (2002, p.142) afirmam que “os alunos aprendem os conteúdos científicos a partir das observações ingênuas, isto é, descobrem as ideias indutivamente a partir de factos observáveis.”. Os mesmos autores, acrescentam que “o professor assume um papel organizador das situações de aprendizagem, direcionando as “descobertas” a fazer pelos alunos.”. (pp.142-143)

Através deste tipo de atividades, o professor leva os alunos a aprender por descoberta. Ou seja, através da orientação do professor os alunos descobrem.

A “**hora do conto**” surge uma vez por mês, e tem como objetivo não só promover o gosto pela leitura, como também, promover, o gosto pelo teatro. A “hora do conto” é feita por contadores de histórias. À medida que vão contando as histórias, dramatizam-nas. Diniz (1993, p.55) refere que “o conto de expressão oral, sobretudo o “maravilhoso”, quer na sua forma oral quer tenha sido fixado pela escrita, além de divertir a criança e de desenvolver a sua imaginação, proporciona-lhe experiências que vão pôr em contacto com os seus problemas reais (...).”.

Veloso e Riscado (2002, p.28) dizem-nos que “a hora do conto e a animação da leitura são duas excelentes propostas passíveis de gerar e fazer crescer leitores”. Para além disso, ouvir a leitura de histórias leva os alunos a perceberem as características da língua e a procurar respostas para as suas dúvidas. Veloso (2009, p.112) afirma também que “a hora do conto continua a ser uma prática recomendada em toda a literatura especializada, dado que o acto mágico de contar não perdeu actualidade”. Ouvir contar histórias é importante, pois leva a criança a formar o gosto pela leitura, divertir-se, estimula o desenvolvimento da imaginação, atenção, memória e reflexão.

Segunda-feira, 14 de janeiro de 2013

Durante esta manhã assistimos à avaliação da leitura individual e autoavaliação feita por cada um dos alunos, como também, à aula programada da colega “M.” no 2.º ano que teve a duração de uma hora. Durante esta aula, a colega abordou as instituições sociais no âmbito do Estudo Meio, leitura e interpretação de um texto e análise gramatical quanto à

área do Português e, por fim, realizou-se a leitura de números com os Calculadores Multibásicos, no âmbito da Matemática. No fim desta e de outras aulas programadas, ocorreu a reunião sobre as mesmas.

Inferências e Fundamentação Teórica

A meu ver, a colega apresentou todos os conteúdos propostos para esta aula, apelou à participação dos alunos e estabeleceu um bom clima ao longo da mesma. No entanto podia ter circulado mais pela sala, no desenrolar da aula, de forma acompanhar todos os alunos, assim como deve ter mais cuidado na formulação de perguntas.

Durante as aulas, é necessário **questionar de forma clara e desafiante**. Segundo Estanqueiro (2010, p.45) “um aluno, para responder corretamente, precisa de compreender as perguntas”. Devem ser desafiantes pois “despertam a curiosidade do aluno na descoberta de novas perspectivas. Convidam-no a refletir criticamente, a pensar por si só, a relacionar os conhecimentos, a desejar saber mais.”. (Estanqueiro, 2010, p.46)

Sexta-feira, 18 de janeiro de 2013

Esta manhã foi lecionada pela colega “I.”, que começou por abordar os aspetos da costa – saliências, seguido, da leitura e interpretação de um texto e análise gramatical, em que, neste último, trabalhou o modo condicional e, por fim, deu a noção de perímetro da circunferência. Para consolidar o primeiro conteúdo, realizou uma proposta de trabalho e, para abordar o último conteúdo, lembrou a noção de perímetro e quais já tinham aprendido até à data. Só depois deu a conhecer o perímetro da circunferência.

Inferências e Fundamentação Pedagógica

A meu ver, o trabalho de **leitura e interpretação de um texto** é bastante pertinente para que os alunos. De acordo com Sim-Sim (2007, p.58) a leitura é “um processo complexo que contempla a compreensão do significado do texto escrito, enriquecida pela interpretação pessoal do leitor que usa essa mesma interpretação tomando em linha de conta os objectivos da leitura e a situação em que a mesma decorre.”.

Quanto à compreensão da leitura:

qualquer que seja o tipo de texto, implica a mobilização de estratégias que permitam desenvolver e interpretar o significado de frases, parágrafos e palavras em sentido literal ou figurado, facultando o uso adequado da informação obtida na construção do sentido total ou parcial do texto. A capacidade de compreensão varia consoante o nível de leitura do leitor e, obviamente, o tipo de texto e o conhecimento do vocabulário usado. (Sim-Sim, 2007,p.58)

Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013

Ao longo desta manhã, trabalhei com a turma duas das três áreas que tinha programadas para a mesma, visto que ao meio da manhã ocorreu um espetáculo musical no ginásio, para toda a escola. A banda que tocou, neste espetáculo musical, tem como nome Secret Lie.

Nesta manhã, abordei os verbos irregulares, em que apliquei uma proposta de trabalho que consistia em conjugar o verbo *ser* em cinco tempos diferentes do modo indicativo, assim como abordei, os aspetos da costa – as reentrâncias.

Inferências e Fundamentação Teórica

No decorrer das aulas dadas, um dos materiais utilizados foi o **dicionário**. Considero de extrema importância, o seu uso nas mais diversas áreas curriculares. Antão (1997, p.70) salienta que “todas as disciplinas – não apenas as línguas – deveriam fazer uso dele, por exemplo ao introduzir um tema novo, criando grupo de palavras específicas (áreas vocabulares) que mais tarde os alunos aplicariam refletidamente no devido contexto.”.

Para abordar os verbos irregulares, primeiramente, foi necessário rever com os alunos a noção de verbo. É de realçar a importância, de se consolidar os conhecimentos já adquiridos e criar ligações com o que será, posteriormente, aprendido. Tal é confirmado por Haigh (2010, p.37) “da mesma forma que fizemos ligações com aprendizagens anteriores, se for de todo possível, no fim devemos recapitular e tentar fazer ligações para a frente.”.

Terça-feira, 22 de janeiro de 2013

Nesta manhã, abordei o último conteúdo que faltava dar na manhã que lecionei, conteúdo este denominado por potências com o Cuisenaire e algarismos móveis. Antes de trabalhar este conteúdo, falei com os alunos sobre o espetáculo musical a que assistiram, assim, como mostrei um vídeo gravado pela banda do espetáculo.

Ainda, esta manhã, ocorreram cinco apresentações, que tinham como objetivo que cada aluno, em três minutos, apresentava algo de que gostasse muito e que fosse importante para os mesmos e, ainda realizaram o tribunal das ações, que consistiam em relatar situações que ocorreram na escola. Durante este tribunal, existiam regras para argumentar, tais como, se se levantasse, o aluno queria solucionar o problema; se cruzasse os braços, o aluno queria defender e se levantasse o dedo, o aluno queria acusar.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero de extrema importância, a realização das **apresentações orais** cuja duração é de três minutos. Segundo Estanqueiro (2010, p.90) “é fundamental que o aluno aprenda a comunicar ideias, oralmente e por escrito, com correção linguística.”.

Quero, também salientar, a realização do tribunal das ações pois consiste na resolução de determinados problemas que o aluno vai tendo dentro da escola. Hohmann e Weikart (2011, p.23) afirmam que “a melhor maneira de levar as crianças a tornarem-se progressivamente melhores e mais inteligentes solucionadores de problemas é dar-lhes oportunidades de resolverem problemas que lhes interessem, ou seja, problemas que surjam das suas próprias tentativas de compreender o mundo.”.

Ao longo deste tribunal, o professor deve dar a oportunidade dos alunos tomarem as suas próprias decisões. Segundo Haigh (2010, p.98), “o professor é o árbitro final e tem de indicar quais são as escolhas, explicar as consequências e dar às crianças a oportunidade para tomarem as suas próprias decisões.”.

Sexta-feira, 25 de janeiro de 2013

Esta manhã começou com a leitura do primeiro capítulo do livro *Lisboa princesa do Tejo e do Mar* de Gilda Nunes Barata, cujo nome é *Das origens à chegada das relíquias de São Vicente*. De seguida ocorreram as apresentações de três minutos sobre algo que lhes é importante e de que gostam muito. Por fim, ocorreu o concurso de cálculo mental sobre todos os conteúdos matemáticos trabalhados até à data. Neste concurso existiam seis grupos, sendo que dois grupos continham três elementos cada um e os restantes quatro grupos continham quatro elementos cada um. O prémio deste concurso era mais cinco minutos de recreio.



Figura 33 – Grupos para o concurso de cálculo

Inferências e Fundamentação Teórica

Tal como relatado, para o concurso de cálculo mental, foi necessário criar **grupos de três a quatro crianças**. Desta forma, os alunos aprendem a trabalhar com os outros. Segundo Artz (1990, citado por Valadares, 2001, p.15) “quando os alunos trabalham juntos com o mesmo objectivo de aprendizagem e produzem um produto ou solução final comum, estão a aprender cooperativamente.”.

No âmbito da Matemática ao trabalharem em equipa, “os alunos lidam com problemas que podem estar para além das possibilidades de cada um dos alunos trabalhando individualmente. A resolução de problemas em Matemática é uma atividade interpessoal, implica falar, explicar, discutir, (...)”. (Valadares, 2001, p.16)

Neste concurso, os grupos eram grupos heterogéneos. Segundo Ponte (1995) os grupos heterogéneos são grupos onde “interagem seguramente alunos com diferentes aptidões e atitudes perante a aprendizagem e permitem uma maior probabilidade de diversificação no que respeita a experiência de vida, desenvolvimento da linguagem, hábitos de trabalho, perseverança, etc.”.

Segunda-feira, 28 de janeiro de 2013

Ao longo desta manhã assisti à aula de uma hora lecionada por uma colega no 4.ºB, em que tinha como tema principal para as três áreas distintas a União Europeia. Após as aulas assistidas realizou-se a reunião sobre as mesmas. Ainda esta manhã, tive a oportunidade de assistir a aula sobre áreas utilizando os pentaminós.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero de facto importante a **participação de um adulto nas brincadeiras das crianças**. Tal é referido por Quina (1991):

a participação do adulto nas brincadeiras é fundamental e é também uma forma de aproximação e de compreensão do seu mundo por parte do adulto. É, além, do mais uma ocasião de felicidade para a criança que não se lhe deve roubar. (p.18)

Terça-feira, 5 de fevereiro de 2013

Ao longo desta manhã realizaram-se duas aulas, cada uma com a duração de uma hora e quinze minutos. Estas duas aulas foram desafiadas pela professora cooperante como preparação para a Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional. O tema escolhido por mim, para esta aula, foi o Arco-Íris e o tema escolhido pela colega foi o Egito.

Nesta aula, foram vários os desafios propostos aos alunos, sendo que se começou por realizar a leitura, interpretação e análise gramatical do texto *O tesouro do João*. A partir do texto, abordamos a origem do Arco-Íris. Com o Cuisenaire realizaram-se diversas situações problemáticas. No final desta aula realizou-se um jogo “Cantar é connosco”.

Inferências e Fundamentação Teórica

No jogo “Cantar é connosco”, inicialmente formei duas equipas e dei a conhecer uma música. Enquanto ouviam a música, todos os alunos cantaram a mesma. Posteriormente, cada equipa, à vez, cantou a música. Por fim, cada equipa teve de identificar as cores do arco-íris referidas na música e respetivo significado.

Hohmann e Weikart (2011, 657) definem a **música** como “uma série de sons organizados através do ritmo, da melodia e da harmonia, que desencadeiam uma resposta emocional naquele que ouve.”.

CAPÍTULO 2: Planificações

Descrição do capítulo

Neste capítulo, irei abordar a temática das planificações. Começarei por realizar o enquadramento teórico, de modo a responder algumas questões centrais sobre esta temática. Ou seja, será feita uma breve explicação sobre a existência das planificações, procurando salientar o porquê e para quê planificar, assim como aprofundar o Modelo T de planificação, de Martiniano Román Pérez. Este modelo é utilizado nas escolas que aplicam o Método João de Deus.

Após o enquadramento teórico, apresentarei quatro planificações que realizei ao longo do meu Estágio Profissional. Estas planificações serão apresentadas por ordem cronológica, sendo que, após cada planificação, efetuarei uma reflexão apoiada com a devida fundamentação teórica, de forma a explicar tanto os procedimentos como estratégias escolhidas e aplicadas.

As duas primeiras planificações correspondem ao Ensino Pré-escola, sendo que a primeira corresponde à área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática (aplicada a um Grupo dos 3 anos) e a segunda é referente à área do Conhecimento do Mundo (aplicada a um Grupo dos 4 anos). As restantes duas planificações enquadram-se no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo que a primeira corresponde à área de Português (aplicada numa turma de 2.º ano) e a segunda corresponde à área de Estudo do Meio (aplicada numa turma do 1.º ano).

1. Fundamentação Teórica

Ao realizarmos as aulas que nos são propostas ao longo deste estágio profissional e, mesmo na vida futura enquanto docente, é necessário planificar as mesmas, de forma a existir um fio condutor nas aulas abordadas. Yinger (1986, citado por Zabalza (1994, p.45) afirma que “a planificação refere-se ao desenvolvimento de estruturas para conseguir a ação dirigida a metas.”. A planificação deverá ser uma previsão do que se pretende fazer, assim como é um instrumento que todos os docentes devem possuir, sendo esta uma orientação para os mesmos. Segundo Zabalza (2000, p.47), refere que planificar “trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de ação.”. As planificações devem ser adequadas ao grupo-alvo que cada docente tem, ou seja, os docentes devem perceber quais as necessidades dos seus alunos, identificando os problemas da turma e adequando as estratégias necessárias, de forma a superar com sucesso as dificuldades encontradas. De acordo com Pérez e Lopéz (2001):

a planificação integra os elementos básicos do currículo, nomeadamente as capacidades, valores, atitudes, destrezas, conteúdos e métodos/procedimentos. A planificação é facilitadora para o desempenho do professor, pois, permite-lhe

construir uma imagem mental da informação a abordar estando sempre ciente do meio cultural em que se encontra.

Para Braga et al. (2004) dizem o seguinte:

É necessário salientar que o facto de se elaborar um plano, é tão importante quanto é importante ser-se capaz de o pôr de lado. Uma aula deve “acontecer”, ser viva e dinâmica, onde a trama complexa de inter-relações humanas, a diversidade de interesses e características dos alunos não pretende ser um decalque do que está no papel.

Para o Ministério da Educação (2009):

planear o processo educativo de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança, do seu contexto familiar e social é a condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades. Planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização. (p.2)

A planificação e a avaliação estão interligadas, visto que só assim é que se pode perceber e melhorar o ensino-aprendizagem. Roldão (2009, p.62) refere que “a planificação é uma estratégia global à avaliação”.

Um dos desenhos curriculares utilizados nos Jardins-Escolas é o da planificação do modelo T, que implica a seleção de uma série de elementos, contribuindo para uma boa e adequada planificação. De acordo com Pérez (s.d., p.7), o modelo T consiste em “agrupar os objectivos fundamentais (capacidades – valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/actividades gerais (formas de fazer) numa visão global e dinâmica.”. O mesmo autor salienta ainda que o Modelo T “serve de base ao desenvolvimento de actividades como estratégias de aprendizagem.”. (p.7)

Quadro 13 – Exemplo de uma planificação baseada no modelo T

Conteúdos conceptuais		Procedimentos / Métodos	
Capacidades e Destrezas	Objetivos	Valores e atitudes	

Quando falamos em conteúdos num plano, referimo-nos ao que se pretende trabalhar com os alunos. Segundo Pérez (s.d., p.8) os conteúdos são “formas de saber”. Os métodos ou procedimentos, segundo o mesmo autor, são “uma forma de fazer” ou “um caminho para”. Para Elbaz (1983, citado por Zabalza, 1994) existem cinco áreas de conteúdos no conhecimento prático:

1. Conhecimento de si mesmo: valores, crenças, metas pessoais, etc.;
2. Conhecimento do próprio meio: classe, relação com os colegas, administração;
3. Conhecimento da matéria ou área que se lecciona como corpo organizado de conhecimentos e destrezas;
4. Conhecimento do currículo: objectivos; necessidades do aluno; propriedades, função das diversas matérias;
5. Conhecimento da instrução: métodos de ensino, teorias da aprendizagem, procedimentos da avaliação, manipulação de recursos, etc. (p.52)

Os métodos são procedimentos que vão ser trabalhados de acordo com o conteúdo em questão e as necessidades dos alunos. Na sequência desta afirmação, que se relaciona com o termo currículo, Roldão (2009) define o mesmo como um:

conjunto de aprendizagens consideradas necessárias num dado contexto e tempo e à organização e sequência adoptadas para o concretizar ou desenvolver (...) o que transforma um conjunto de aprendizagens em currículo é a sua finalização, intencionalidade, estruturação coerente e sequência organizada. (p.32)

No entanto, Pacheco et. al (s.d., p.18) consideram que “o currículo é, hoje em dia, reconhecido como uma área de saber educativo indispensável na formação de professores.”

Existem várias estratégias que se podem aplicar num determinado tema que se quer trabalhar que vão variar de acordo com o grupo de crianças que esteja sob a orientação de um docente. Pérez (s.d., p.8) define estratégia como um “conjunto de processos de passos de pensamento”. Este afirma ainda que “a estratégia (...) é o caminho para desenvolver destrezas que desenvolvem valores, através de conteúdos (formas de saber) e métodos (formas de fazer)”. Quando se refere a este conceito de estratégia, Elbaz (1983, citado por Zabalza, 1994) afirma que existem três níveis de organização, no conhecimento prático:

1. As regras práticas: são declarações breves que indicam o que há para fazer e como fazê-lo em situações didáticas habituais e concretas;
2. Os princípios práticos: possuem um carácter mais geral; expressam proposições de carácter deliberativo e consciente que transcendem a aplicação a momentos concretos ou situações específicas. Costumam configurar-se como projecção, desenvolvida conscientemente pelo professor, da teoria (ou de algum princípio teórico) à prática. Desempenham o duplo papel de guiar a acção e de justificá-la;
3. As imagens: são quadros mentais gerais que o professor gera intuitivamente e que contêm a sua perspectiva pessoal de abordagem das questões educativas. Nelas se integram sentimentos, valores, necessidades, crenças etc. costumam adoptar a forma de analogias, metáforas, modelos genéricos, etc.

Para além destes autores, existem outros como Roldão (2009), que refere que a estratégia “centra-se na concepção finalizada e organizada da acção de ensinar, operacionalizada em subestratégias, tarefas ou actividades, de entre as que várias tipologias proporcionam.”. Ou seja, para ensinarmos uma determinada matéria é necessário criar estratégias de forma que os alunos tenham uma aprendizagem significativa.

As capacidades e destrezas, tal como os valores e atitudes, de acordo com o modelo T são objetivos que se pretendem trabalhar de forma a contribuir para o desenvolvimento e crescimento dos alunos. Enquanto as capacidades e destrezas são objetivos cognitivos fundamentais e complementares, as atitudes e valores são objetivos afetivos gerais e complementares.

Quando se fala em capacidade num plano, esta traduz-se, segundo Pérez, (s.d., p.8) numa “habilidade geral, que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental é cognitivo.”. Existem vários tipos de capacidade que Pérez (s.d., p.8) classifica como “cognitivas, de comunicação, psicomotoras e de inserção social.”.

Pérez (s.d., p.8) traduz a destreza como uma “habilidade geral, que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cuja componente fundamental é cognitiva. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade.”.

Em suma, existe uma diferença entre a capacidade e a destreza: a capacidade é mais ampla que a destreza e atua sempre como um fim, ao contrário da destreza que atua como um meio de aprendizagem.

A atitude tem como componente fundamental a afetividade. Pérez (s.d., p.8) afirma que “as atitudes desenvolvem-se na aula sobretudo por intermédio de técnicas metodológicas e condutas práticas. As normas e os conteúdos podem ajudar ao desenvolvimento de atitudes, mas são subsidiários dos métodos ou formas de fazer.”.

Os valores são um conjunto de atitudes. Segundo Pérez (s.d., p.8), os valores têm as mesmas componentes que as atitudes, tais como, “cognitivos, afectivos e comportamentais, ainda que a componente fundamental seja afectivo.”.

Ao contrário da planificação em modelo T, que é feita para oito semanas e apesar de nos Jardins-Escolas se basearem no mesmo, nestes últimos são feitos planos cuja durabilidade é de 20 a 60 minutos. Tem este nome, pois este modelo tem a forma de duplo T, sendo que um dos T se debruça sobre os objetivos que complementam as capacidades e os valores, e o outro T esquematiza os meios que consistem nos conteúdos e métodos.

Em termos gerais, o modelo T reflete a procura por uma educação completa associada um desenvolvimento estável das características pessoais de personalidade do docente e que é adaptado conforme o grupo que se tem.

2. Planificações em Quadro

Tanto no Ensino Pré-Escolar como no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico serão apresentados dos planos, cada um referente a cada manhã de aulas e em diferentes bibe.

2.1. Planificações na Educação Pré-Escolar

Neste subcapítulo encontrar-se-ão duas planificações relativas às aulas que lecionei durante o meu estágio no Ensino Pré-Escolar.

2.1.1. Plano de aula: Área do Conhecimento do Mundo

Conforme se pode observar no quadro 14, há uma planificação elaborada para a aula na área do Conhecimento do Mundo, abordando como tema o Natal. Esta aula teve a duração aproximada de trinta minutos, numa turma de 3 anos (Bibe Amarelo), que a educadora titular é a RA.

Quadro 14 – Plano de Aula: Área do Conhecimento do Mundo no Bibe Amarelo A

Bibe: Amarelo A (3 anos)		Nome: Sharika Mahomed	
Educadora: R. A.		N.º: 19	
Duração: 30 minutos		Turma: MEPE+1.ºCiclo A	
Data: 28 de novembro de 2011			
Área do Conhecimento do Mundo			
Conteúdos conceptuais		Procedimentos / Métodos	
Natal: <ul style="list-style-type: none">• O que é o Natal;• Símbolos do Natal;• Receitas Natalícias.		<ul style="list-style-type: none">• Contar uma história relacionada com o Natal;• Explorar o tema Natal a partir da história contada;• Mostrar vários símbolos de Natal: árvore de natal, presépio, através de imagens;• Dar a provar um doce de natal.	
Capacidades e Destrezas		Objetivos	Valores e Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Expressão Oral: Compreender Identificar• Raciocínio Lógico: Relacionar Reconhecer		<ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade: Saber ouvir Estar atento• Respeito: Tolerar Colaborar	
Recursos: História de Natal, símbolos/imagens de símbolos e doce de Natal.			

Fundamentação Teórica

Devido à época em que se vivia na altura, foi-me proposto abordar o tema “Natal”. A área do Conhecimento do Mundo, tal como as outras áreas, fora trabalhada em sala de aula, no tapete em que as crianças estiveram sentadas em “U”. De acordo com Cury (2006, p.124) sentar as crianças em u, em círculo ou em semicírculo, abrange diversos objetivos: “desenvolver a segurança; promover a educação participativa; melhorar a concentração; diminuir conflitos em sala de aula e diminuir conversas paralelas.”. Cury (2004, p.124) afirma que as crianças “precisam de ver o rosto uns dos outros.”.

Este autor acrescenta que:

os educadores são escultores da emoção. Eduquem olhando nos olhos, eduquem com gestos: eles falam tanto quando as palavras. Sentar em forma de U ou em círculo aquietam o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima da classe fica agradável e a interação social dá um grande salto. (p.125)

Para explorar o tema referido, comecei por contar uma história *Natal no jardim zoológico*, que relata a aventura de Natal de uma menina, no jardim zoológico. Após a história contada, explorei a mesma com as crianças, chegando ao tema do Natal. A meu ver deve-se explorar os livros que abordam os mais diversos temas e que são de extrema pertinência para o desenvolvimento da criança, a todos os níveis, mais precisamente a nível cultural. Segundo McGee (citado por Mata, 2006), a leitura de histórias:

apoiar a construção do sentido por parte das crianças e enriquece a interação da criança com a literatura. Para apoiar na construção de sentido, o adulto ajusta o seu estilo de leitura, facilita a compreensão da criança, realça alguma informação pertinente, questiona, comenta, etc. (p.92)

Ao longo da exploração deste tema, abordei com as crianças o que era, o porquê de se comemorar e quando se comemora o Natal. Ao longo desta abordagem ao tema foram aproveitados todos os conhecimentos das crianças sobre o mesmo. Segundo o Ministério da Educação (2009, p.80), o educador deve “ (...) tomar como ponto de partida o que as crianças já sabem, pressupõe que esses saberes deverão ser tidos em conta e que a educação pré-escolar (...) não os poderá negar.”.

Na sequência da exploração deste tema, foram mostrados diversos símbolos que representam o mesmo, tais como a árvore de Natal e o presépio, através de imagens. Ao mostrar estes símbolos, desvendou-se o porquê destes símbolos para festejar esta época.

Para finalizar esta área, foi dado às crianças, com autorização prévia da educadora cooperante, um dos doces que se come nesta época – sonhos.

2.1.2. Plano de aula: Área de Expressão e Comunicação, Domínio da Matemática

Conforme se pode observar no quadro 15 há uma planificação elaborada para a aula da área de Expressão e Comunicação, no domínio da Matemática, abordando como tema o jogo dos comboios com o Cuisenaire. Esta aula teve a duração aproximada de quarenta minutos, numa turma de 4 anos (Bibe Encarnado), que a educadora titular é a I.J.

Quadro 15 – Plano de Aula: Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática no Bibe Encarnado A

<u>Bibe:</u> Encarnado A (4 anos)		<u>Nome:</u> Sharika Mahomed	
<u>Duração:</u> 30/40 minutos		<u>N.º:</u> 19	
<u>Educadora:</u> I.J.		<u>Turma:</u> MEPE+1.ºCiclo A	
<u>Data:</u> 23 de janeiro de 2012			
Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática			
Conteúdos conceptuais		Procedimentos / Métodos	
Jogo dos comboios com o Cuisenaire		<ul style="list-style-type: none">• Realizar Exercícios de Cálculo Mental;• Reconhecer o material;• Explorar o material:<ul style="list-style-type: none">○ Realizar a escada por ordem crescente (cuisenaire);○ Associar a cor ao valor das peças;○ Decomposição de números através do jogo do comboio.	
Capacidades e Destrezas		Objetivos	Valores e Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Expressão Oral: Compreender; Vocabulário.• Raciocínio lógico: Relacionar; Reconhecer.		<ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade: Saber ouvir; Estar atento.• Respeito: Tolerar; Respeitar o ritmo individual de cada aluno.	
Recursos: Cuisenaire.			

Fundamentação Teórica

Relativamente a esta aula, comecei por realizar exercícios de cálculo mental, visto serem de extrema importância para o desenvolvimento da criança, quanto ao seu raciocínio lógico. Serrazina (2005, citado por Caldeira, 2009, p.140) afirma que “a matemática deve ser ensinada desde o pré-escolar e de forma motivante para as crianças, para combater o insucesso. Deve-se desenvolver o cálculo mental desde o pré-escolar de uma forma que os alunos se interessem.”.

Como se pode observar no plano apresentado, após trabalhar este conteúdo, passei para o reconhecimento e exploração do material estruturado manipulável, o Cuisenaire. De acordo com o Ministério da Educação (2009, p.76), “há materiais utilizados na educação pré-escolar que permitem desenvolver noções matemáticas, relacionadas com a concretização de quantidades e de operações matemáticas”.

Quando se fala em material manipulativo Mansutti (1993, citado por Caldeira, 2009, p.223) define-o como “um recurso a ser utilizado num processo que combina aprendizagem e formação.”.

No que diz respeito a este material, Alsina (2004, citado por Caldeira, 2009) afirma que:

as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental...para introduzir e praticar as operações aritméticas.

No que toca a este assunto, o Professor Dienes (citado por Nabais, s.d., p.9) diz que “os alunos aprendem as matemáticas muito mais facilmente construindo os conceitos a partir da sua própria experiência real que por meio de manipulações simbólicas (...) as crianças aprendem a extrair a essência pessoal, e não a partir da nossa.”.

Com a exploração deste material, as crianças realizaram a escada por ordem crescente e respetiva leitura da escada, associando a cor ao valor das peças e, por fim realizaram a decomposição de números através do jogo do comboio, sendo que decompôs os números 4 e 6.

Na decomposição de números através deste material existem diversas regras fundamentais, segundo Caldeira (2009):

- Não pode haver comboios maiores que a estação.
- Não pode haver comboios menores que a estação.
- Não pode haver comboios repetidos.
- Quando não se conseguir fazer mais comboios para a estação pretendida, fecha-se a estação com uma peça igual. (p.137)

2.2. Planificações no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Neste subcapítulo encontrar-se-ão duas planificações relativas às aulas que lecionei durante o meu estágio no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

2.2.1. Plano de aula: Área de Português

O quadro 16 demonstra a planificação que elaborei para uma aula de Português na turma do 2.º ano de escolaridade (Bibe Verde). Nesta aula abordei a classificação morfossintática dos verbos. Teve a duração aproximada de sessenta minutos.

Quadro 16 – Plano de Aula de Português

Bibe: Verde A (2.ºano)		Nome: Sharika Mahomed	
Duração: 50/60 minutos		N.º: 17	
Professora: R.C.		Turma: MEPE +1.ºCiclo A	
Data: 19 de março de 2012			
Área do Português			
Conteúdos conceptuais		Procedimentos / Métodos	
Classificação Morfossintática de verbos (revisões)		<ul style="list-style-type: none">• Relembrar a noção de verbo (utilizando uma ficha informativa e placares):<ul style="list-style-type: none">○ Definição;○ Rever (Três conjugações; Modos (Infinitivo e Indicativo) e tempos (Presente, Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito e Futuro); Pronomes Pessoais.)• Distribuir cartões com formas verbais escritas, em diferentes tempos do Modo Indicativo;<ul style="list-style-type: none">○ Identificar em que tempo estão as formas verbais;○ Colocar os verbos no Modo Infinitivo.• Ouvir uma música onde se encontram verbos no Modo Infinitivo;• Preencher as lacunas na letra da música com verbos no Modo Infinitivo.	
Capacidades e Destrezas		Objetivos	Valores e Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Expressão Oral: Interpretação; Vocabulário.• Desenvolver a memória.		<ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade: Saber ouvir; Estar atento.• Respeito: Tolerar Respeitar o ritmo individual de cada aluno.	
Recursos: Cartões, Ficha informativa (revisões), proposta de trabalho e música			

Fundamentação Teórica

No âmbito do conteúdo proposto para esta área, comecei por lembrar com os alunos a noção de verbo, recorrendo a uma ficha informativa e placards, assim como as três conjugações, os modos (Infinitivo e Indicativo) e tempos (Presente, Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito e Futuro) e os pronomes pessoais. Quando se fala em verbo, Pinto (2000, p.297) afirma que este termo “exprime a acção, as qualidades ou os estados, situando-os no tempo. O verbo é o elemento fundamental do grupo verbal e a palavra mais flexionável da língua. Com efeito, pode variar em número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz.”.

A construção destes placares constitui um valioso suporte, visto que representavam esquemas que estavam interligados com a ficha informativa fornecida. De acordo com Pereira (2002, p.47) “o docente deve proporcionar às crianças actividades de classificação, implicando estas o agrupamento de situações mediante um critério ou esquema.”.

Na sequência desta revisão, distribuí cartões com formas verbais escritas, em diferentes tempos do modo indicativo, em que tinham de Identificar em que tempo estavam as formas verbais e colocar os verbos no modo infinitivo.

Por fim, ouviram uma música onde se encontram verbos no modo infinitivo e tinham, como desafio, preencher as lacunas na letra da música com verbos nesse mesmo modo. Para a audição da música fora necessário a utilização de meios informáticos. Conforme Pouts-Laujs e Riché-Magnier (1998, p.80), “qualquer disciplina ensinada pode beneficiar das tecnologias de informação e de comunicação, através da utilização de programas especificamente concebidos (...)”.

Já para as O.C.P.E.P. (2009, p.74), “as novas tecnologias são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente.”.

É de extrema importância relacionar as áreas curriculares com as expressões, sendo neste caso a expressão musical interligada numa atividade de Português. Segundo Sousa (2003, p.18) a Expressão Musical tem como objetivo a “formação como ser, como pessoa, o desenvolvimento equilibrado da sua personalidade.”.

2.2.2. Plano de aula: Área de Estudo do Meio

De seguida apresento o quadro 17 respeitante à aula de Estudo do Meio no 1.º ano de escolaridade (Bibe Castanho). Nesta aula falei sobre o Dia de África (25 de maio). Teve a duração aproximada de sessenta minutos.

Quadro 17 – Plano de Aula de Estudo do Meio

Bibe: Castanho A (1.º ano)		Nome: Sharika Mahomed	
Duração: 50 minutos		N.º: 17	
Professora: S.S.		Turma: MEPE +1.ºCiclo A	
Data: 25 de maio de 2012			
Área do Estudo do Meio			
Conteúdos conceptuais		Procedimentos / Métodos	
Dia de África (25 de maio)		<ul style="list-style-type: none"> • Mostrar o planisfério, identificando os continentes; • Explorar o continente africano: <ul style="list-style-type: none"> ○ Destacando alguns países: <ul style="list-style-type: none"> - Marrocos (religião e especiarias); - Cabo Verde (música e dança: funaná): Dançar ao som da música; - Kongo (máscaras); - Munapo (palhotas). ○ Destacando: <ul style="list-style-type: none"> - Savanas; - Deserto do Saara (camelos). • Explicar o Dia de África – 25 de maio. 	
Capacidades e Destrezas		Objetivos	Valores e Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão Oral: Compreender; Vocabulário. • Participação; • Escutar. 		<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade: Saber ouvir; Estar atento. • Respeito: Tolerar; Respeitar o ritmo individual de cada aluno. 	
Recursos: Planisfério, suporte informático: computador, data-show e colunas e mandioca.			

Fundamentação Teórica

Este tema foi-me proposto para trabalhar neste preciso dia, visto ser o dia em que se comemora o Dia de África. Ao longo desta aula foram utilizados os mais diversos materiais que ajudaram a explorar este continente; no entanto não se deixou de fazer referência a outros continentes do planeta Terra, aproveitando desta maneira este e outros conhecimentos já adquiridos anteriormente pelos alunos desta faixa etária. Para aproveitar os conhecimentos que os alunos tinham, foram sendo colocadas questões para levá-los à transmissão dos mesmos. Vasconcelos (2005, p.81) realça a importância das questões como “promoção do pensamento.”. Indo ao encontro deste autor, Martins et al. (2009, pp.12-13) defendem “a necessidade de se desenvolver a capacidade de observação das crianças e a vivência de situações que responda, a sua curiosidade e interesse pela exploração do mundo.”.

Ao explorar este continente, fiz referência a determinados países, conhecidos pelos alunos, em que abordei o mais pertinente sobre cada um deles. Esta aula foi, sem dúvida, um desafio para mim e para os alunos, pois ambas as partes colaboraram positivamente para a realização desta aula. Um dos desafios colocados aos alunos foi dançar ao ritmo de uma música. Para dançarem esta música coloquei um vídeo com a coreografia da mesma. Este desafio foi sem dúvida um dos pontos mais altos desta aula, visto que os alunos não se inibiram em dançar. Segundo Figueiredo (2004, p.30) “todas as actividades e muitas outras precisam de ser garantidas e estimuladas (...)”.

É de extrema importância dar aulas que levam os alunos a conhecer outras culturas, tornando assim uma escola multicultural. Para Souta (1997, p.140), “criar uma Escola Multicultural, na qual a diversidade étnica, linguística, de género e de classe dos seus alunos fosse respeitada e valorizada, reconhecida como factor de desenvolvimento pessoal e social e capaz de conduzir ao sucesso escolar.”. O mesmo autor salienta que este tipo de escola visa “assegurar a igualdade e a dignidade de todas as crianças e promover a sua identidade cultural.”. (p.140)

Para Banks (1991, citado por Tarré, 2001, p.22) a Educação Multicultural engloba “os programas para ajudar a melhorar os resultados académicos das comunidades étnicas e imigrantes e/ou informar os grupos de estudantes maioritários sobre as culturas e experiências dos grupos minoritários nos seus países.”.

Segundo Cabral (1998, citado por Tarré, 2001):

a Educação Multicultural nasceu da necessidade de aprofundar o conhecimento e a interpenetração de culturas, e de promover a erradicação das situações de injustiça. O caminho do medo levou, assim, a um projeto de redenção, que envolveu dominadores e dominados num processo de alargamento e de aprofundamento das praticas da democracia, da justiça e da liberdade. (...) A Escola desempenha, assim um papel crucial no desenvolvimento desses grupos e é por isso que não concebo uma educação Multicultural que não inclua estes dois aspectos principais: (1) a

educação da criança numa perspectiva Multicultural, se possível num contexto Intercultural, e (2) a construção de um mundo mais democrático, mais justo e mais livre. (pp. 24-25)

Com esta aula, pretendi levar os alunos a tomarem consciência de outras culturas. O papel tomado por mim foi de mediadora de conhecimento, pois, para além de aproveitar os conhecimentos dos alunos, alarguei esses mesmos conhecimentos transmitindo-lhes outros, complementando desta forma a sua aprendizagem.

CAPÍTULO 3: Dispositivos de Avaliação

Descrição do capítulo

O presente capítulo tem a denominação de Dispositivos de Avaliação. Ao longo do mesmo, serão apresentadas uma contextualização sobre a avaliação, a sua importância e os tipos referentes à mesma que existem na escola. Por conseguinte irão ser apresentadas quatro dispositivos de avaliações realizados na Educação Pré-escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Na Educação Pré-Escolar realizei dois dispositivos de avaliação, sendo que um deles foi implementado no bibe Azul A (5 anos) referente ao Domínio da Linguagem Oral e abordagem à escrita e o outro é referente à área do Conhecimento do Mundo, realizado pelo bibe Encarnado A (4 anos).

No Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico realizei, também, dois dispositivos de avaliação, sendo que um foi implementado no bibe Verde A (2.º ano) referente à área de Matemática e o outro é referente à área de Estudo do Meio, realizado pela turma do bibe Azul-Claro A (3.º ano).

Para cada dispositivo de avaliação realizei uma breve contextualização da atividade, bem como, realizei uma descrição dos parâmetros e critérios de avaliação. Continuamente é apresentada a grelha de avaliação com as classificações dos alunos e a descrição da mesma, por fim, serão apresentados os resultados em gráfico circular.

1. Fundamentação Teórica

A avaliação é um conceito muito discutido no sistema de ensino, pois está presente no quotidiano escolar. É necessário analisar, refletir e perceber o que compreende este conceito de avaliação. Assim pretendo explicitar algumas questões pertinentes com que nos defrontamos: o que é avaliar?; para que serve a avaliação?; porque se avalia?; o que se avalia?; as funções da avaliação e as suas modalidades.

A avaliação possibilita saber como o processo educativo contribui para o desenvolvimento e aprendizagem de cada criança, assim como, permite ir corrigindo e adequando o processo educativo à evolução da criança. Ou seja, esta é um processo regulador da aprendizagem que envolve planeamento, recolha de informação, interpretação de resultados e tomada de decisões, assim como, decorre no dia-a-dia do professor, durante o ano letivo. Tal é mencionado pela Circular n.º4/2011, de 11 de abril “a avaliação, enquanto elemento integrante e regulador da prática educativa, permite uma recolha sistemática de informação que, uma vez analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens.”.

Segundo Barlow (2006, p.8), a finalidade da avaliação “é medir a distância entre a vivência real da criança e as expectativas que formulam a seu respeito os adultos ou o

próprio interessado”. Já para Ribeiro e Ribeiro (1990, p.337), “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa discriminação que informa professores e alunos sobre os objetivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades”.

Quando avaliamos, devemos ter presente o objetivo dessa mesma avaliação, ou seja, saber aquilo que queremos avaliar e o porquê. Segundo Mager (citado por Leite e Fernandes 2002, p.36) refere que um objetivo “comunica de forma significativa...um propósito da aprendizagem”.

Para Cardinet (1993, citado por Luís 2011) o processo de avaliação recai sobre três aspetos temporais, o passado, o presente e o futuro:

avaliamos o passado, quando pretendemos avaliar se um objecto pedagógico foistingindo ou não. Avaliamos o presente, quando analisamos as necessidades actuais de um aluno para gerir, o melhor possível, a sua aprendizagem. Avaliamos o futuro, quando procuramos prever as possibilidades de sucesso dum aluno numa actividade que ainda não iniciou.

No que diz respeito à avaliação na Educação Pré-Escolar, o Ministério da Educação (2009) afirma que:

avaliar o processo e os efeitos implica tomar consciências da acção para adequar o processo educativo há necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa constituindo também uma fase de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhes estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento. (p.27)

De acordo com o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, na Educação Pré-Escolar, o educador “avalia, numa perspectiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adaptados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo”.

Portugal e Laevers (2010, p. 9) insistem, também na “importância de o educador conceber e desenvolver o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas”.

Também a Circular n.º 4/2011 vem reforçar esta ideia quando afirma que:

a avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando. (p.1)

A avaliação é da responsabilidade do educador do grupo. No entanto, o educador não é o único interveniente da avaliação, como se pode verificar na Circular n.º 4/2011:

No processo de avaliação, para além do educador, intervêm:

- a) a (s) criança (s) – a avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, que as implica na sua própria aprendizagem, fazendo-as reflectir sobre as suas dificuldades e como as superar;
- b) a equipa – a partilha com todos os elementos da equipa (outros docentes, auxiliares, outros técnicos ou agentes educativos) com responsabilidades na educação da criança permite ao educador um maior conhecimento sobre ela;
- c) os encarregados de educação – a troca de opiniões com a família permite não só um melhor conhecimento da criança e de outros contextos que influenciam a sua educação, como também, promove uma actuação concertada entre o jardim de infância e a família;
- d) o Departamento Curricular da Educação Pré-Escolar (EPE) – a partilha de informação entre os educadores do estabelecimento é promotor da qualidade da resposta educativa;
- e) Docentes de educação especial (profissionais que participaram na elaboração e implementação do PEI do aluno);
- f) os Órgãos de Gestão – os dados da avaliação realizados pelo Departamento Curricular da EPE, deverão estar na base das orientações e decisões, bem como, na mobilização e coordenação dos recursos educativos existentes. (p.4)

Afinal o que se deve avaliar na Educação Pré-Escolar? De acordo com a Circular n.º4/2011:

[...] podem considerar-se como dimensões fundamentais para avaliar o progresso das aprendizagens das crianças as seguintes:

- a) as áreas de conteúdo (OCEPE);
- b) os domínios previstos nas Metas de Aprendizagem;
- c) outras específicas estabelecidas no projecto educativo e/ou projecto curricular de grupo e no PEI. (p. 5)

A avaliação na Educação Pré-Escolar é meramente formativa e diagnóstica.

Para Ribeiro (1990, p.79), a avaliação diagnóstica procura averiguar a “posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores.”.

Segundo Perrenoud (citado por Pais e Monteiro, 1996, p.45) a avaliação formativa “coloca à disposição do professor informações mais precisas, mais qualitativas sobre os processos de aprendizagem, as atitudes e tudo o que os alunos adquirem.”.

No Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, segundo os pontos 2, 3 e 4 do artigo 12.º, o Decreto-Lei n.º 6/2011, de 18 de janeiro a avaliação é da responsabilidade de todos os professores envolvidos, dos pais e encarregados de educação, bem como dos alunos, e dos serviços especializados de apoio educativo, dos órgãos de administração e gestão da escola ou do agrupamento, assim como de outras entidades.

Neste ensino, para além das avaliações diagnóstica e formativa, também está presente a avaliação sumativa. No capítulo II – Processo de Avaliação, do Despacho Normativo n.º 30/2001, de 22 de junho, diz-se que:

a avaliação sumativa consiste na formulação de uma síntese das informações recolhidas sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas para cada área curricular e disciplina, no quadro do projecto curricular de turma respectivo, dando uma atenção especial à evolução do conjunto dessas aprendizagens e competências.

Ribeiro e Ribeiro (1990, p.342) referem que “a avaliação diagnóstica tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens”.

Segundo o Ministério da Educação (2002), a avaliação diagnóstica fornece “ao professor elementos que lhe permitirão adequar o tipo de trabalhos que vai desenvolver às características e conhecimentos dos alunos com que irá trabalhar.”. (p.39)

No Ensino Básico, a avaliação formativa deve ser contínua, sistemática, reguladora e contextualizada com as aprendizagens. O professor deve utilizar uma variedade de instrumentos de recolha de informação, adequados à diversidade das aprendizagens e aos contextos em que ocorrem. Para Abrecht (1994):

(...) a avaliação formativa deverá levar o aluno a explicitar, cada vez mais, a sua trajectória e a interiorizar os critérios que lhe permitam identificar, por si próprio, os aspectos positivos e as falhas do seu percurso ou das coisas que vai produzindo. (p. 19)

Para Allan (citado por Abrecht, 1994, p.31) entende que a avaliação formativa “tem por finalidade assegurar a regulação dos processos de formação, isto é, fornecer informações pormenorizadas sobre processos e/ou resultados de aprendizagem do aluno, a fim de permitir uma adaptação das actividades de ensino/aprendizagem”.

Como se pode verificar, a avaliação diagnóstica articula-se com a avaliação formativa, com o objetivo de colmatar falhas nos conhecimentos adquiridos das crianças e de responder ao projeto curricular.

A avaliação é essencial para todo o sistema de educação. Para Luís (2011):

Cabe aos educadores viver o poder da avaliação, descobrir as suas riquezas, como forma de ganhar algum contributo para o futuro da educação em Portugal. A avaliação não está pré-determinada, depende das opções de cada um, existe a escolha de o fazer de uma forma correta ou não. (p.66)

Para a realização da avaliação, na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, elaborei diversas fichas. Leite e Fernandes (2002, p. 21) referem que “a utilização e aplicação destes ‘testes’ de medida tem como finalidade (...) verificar se os alunos adquiriram os conhecimentos programados pelo professor para um determinado tempo escolar”. Para Ribeiro e Ribeiro (1990), os mesmos refletem “um núcleo restrito de objectivos de uma unidade de ensino, avaliando em profundidade e não em extensão.”. (p. 349)

Os presentes dispositivos de avaliação aplicados na Educação Pré-escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico utilizam uma escala, baseada na **Escala de Likert**. Esta escala, segundo Tuckman (2000, p.300) é “uma escala de cinco níveis com alguma semelhança com a escala de intervalos, que abrange subtópicos específicos, no âmbito de

um tópico mais vasto”. A escala que vou utilizar baseia-se na escala de Likert e comporta os seguintes parâmetros:

Quadro 18 – Escala de *Likert* utilizada nos dispositivos de avaliação

Fraco	de 0 a 2,9 valores
Insuficiente	de 3 a 4,9 valores
Suficiente	de 5 a 6,9 valores
Bom	de 7 a 8,9 valores
Muito Bom	de 9 a 10 valores

Como se pode verificar, o quadro 18, representa os valores quantitativos e qualitativos que se podem atribuir a um aluno, conforme as cotações atribuídas. Ou seja, nos trabalhos realizados, se a cotação for menor que 2,9 valor, o aluno, no seu desempenho terá a avaliação de Fraco. Se a cotação estiver entre os valores de 3 e 4,9 valores ser-lhe-á atribuída a nota qualitativa de Insuficiente. Se atingir uma cotação entre 5 e 6,9 valores, o aluno terá como classificação Suficiente. Se a cotação rondar entre 7 e 8,9 valores, o desempenho do aluno será de Bom. É atribuída a classificação de Muito Bom, a quem atingir entre 9 e 10 valores.

De acordo com Veríssimo (2000, p.75) as escalas de classificação possibilitam “sistematizar os juízos resultantes da observação.”. O mesmo autor considera que as escalas de classificação permitem:

- a formulação de juízos de valor sobre comportamentos e produtos de aprendizagem;
- a verificação do progresso dos alunos, quando as avaliações são registadas de forma continuada;
- o registo de informações sobre a qualidade das interações, das atitudes e do processo;
- o desenvolvimento das actividades de auto e hetero-avaliação;
- a construção de registos estruturados de aproveitamento. (p.78)

Ribeiro (citado por Pais e Monteiro, 1996, p.51) refere que a classificação “transporta uma escala de valores a informação proporcionada pela avaliação, permitindo comparar e seriar resultados e servindo de base a decisões relativas à promoção ou não dos alunos no sistema escolar.”.

2. Dispositivos de Avaliação

2.1. Avaliação da atividade no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita

2.1.1. Contextualização da atividade

A proposta de trabalho alusiva no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (presente no Anexo 1) foi realizada no dia 17 de janeiro de 2012, durante a manhã de atividades lecionada por mim.

Esta proposta tem como conteúdo programático a identificação das vogais. Para a realização desta proposta, primeiramente revi com o bibe Azul A, as vogais, para depois, procederem à execução da mesma.

As crianças realizaram a proposta sem ajuda. Apenas lhes li, em voz alta, o enunciado. Após ter sentados os alunos nos respetivos lugares, distribuí uma folha com a proposta de trabalho a cada uma das crianças

Esta proposta de trabalho foi elaborada por mim e revista pela educadora titular pois, obviamente achei por bem confirmar se os exercícios propostos estavam de acordo com a situação escolar dos alunos, neste momento do ano letivo.

Esta proposta de trabalho corresponde à primeira lição da Cartilha Maternal João de Deus. Segundo Deus (1876, citado por Ruivo, 2009) deve-se ensinar as cinco vogais de uma só vez “ (...) porque são homogéneas, todas se pronunciam com a bôca aberta, e filiam-se naturalmente na voz e na memória (...).”.

2.1.2. Parâmetros e Critérios de Avaliação

Para esta proposta de trabalho elaborei dois parâmetros, um por cada exercício.

Na primeira questão, identificação de vogais pretendia-se que a criança circulasse, a lápis, todas as vogais encontradas nas palavras apresentadas. Esta questão tem como cotação 7 valores. No total, existem trinta e cinco vogais. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Circunda 35 vogais.
- Circunda 30 vogais.
- Circunda 25 vogais.
- Circunda 20 vogais.
- Circunda 15 vogais.
- Circunda 10 vogais.
- Circunda 5 vogais.

- A cada vogal não identificada descontar 0,2 valor.
- Resposta incorreta.

Na segunda questão, para 3 valores, pretendia-se que as crianças desenhassem, a lápis de cor, a lagarta Euforia, que surge na história contada, no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Desenha a lagartinha.
- Não desenha a lagartinha.

O quadro que se segue (quadro 19) corresponde às cotações atribuídas aos critérios da presente área.

Quadro 19 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Questões	Parâmetros	Critérios de Avaliação		Cotação
1.	1. Identificação das vogais	Circunda 35 vogais.	7	7 valores
		Circunda 30 vogais.	6	
		Circunda 25 vogais.	5	
		Circunda 20 vogais.	4	
		Circunda 15 vogais.	3	
		Circunda 10 vogais.	2	
		Circunda 5 vogais.	1	
		A cada vogal não identificada descontar 0,2 valor.	-0,2	
		Resposta incorreta.	0	
2.	2. Desenho da lagarta.	Desenha a lagartinha.	3	3 valores
		Não desenha a lagartinha.	0	
Total				10 valores

2.1.3. Grelha de Avaliação da atividade no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

No quadro 20 estão apresentadas as cotações e as classificações atribuídas aos alunos em todos os parâmetros de avaliação propostos.

Quadro 20 – Grelha de Avaliação da atividade no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Questões	1	2		
Parâmetros	1	2		
Cotações	7	3	Total	Classificação
Alunos				
1	5	3	8	Bom
2	6	3	9	Muito Bom
3	5	3	8	Bom
4	6	3	9	Muito Bom
5	4	3	7	Bom
6	7	3	10	Muito Bom
7	4	3	7	Bom
8	6	3	9	Muito Bom
9	6,6	3	9,6	Muito Bom
10	6,2	3	9,2	Muito Bom
11	7	3	10	Muito Bom
12	5,6	3	8,6	Bom
13	7	3	10	Muito Bom
14	5,2	3	8,2	Bom
15	7	3	10	Muito Bom
16	4,8	3	7,8	Bom
17	7	3	10	Muito Bom
18	7	3	10	Muito Bom
19	7	3	10	Muito Bom
20	7	3	10	Muito Bom
21	7	3	10	Muito Bom
22	6	3	9	Muito Bom
Média				Muito Bom

2.1.4. Descrição da Grelha

A turma do bibe Azul A é constituída por vinte e três alunos. No entanto, a grelha foi realizada para vinte e dois alunos pois, um dos alunos faltou no dia em que se realizou esta atividade.

Relativamente ao primeiro parâmetro – Identificação das vogais – observei que a maioria dos alunos não identificou as trinta e cinco vogais. A média de resultados deste parâmetro é de aproximadamente seis valores em sete valores possíveis.

No segundo parâmetro – Desenho da lagarta – posso concluir que toda a turma desenhou a lagarta Euforia, que surge na história contada. A média de resultados deste parâmetro é de três valores.

As cotações mais baixas da presenta turma foram dos alunos 5 e 7 com 7 valores, ou seja, com a classificação de Bom, e a mais alta foi de 10 valores, conseguido por oito alunos, obtendo assim a classificação de Muito Bom. A média aritmética, no total das classificações, é de aproximadamente 9 valores em 10 valores, inserindo assim numa avaliação de Muito Bom.

2.1.5. Apresentação e Análise dos resultados em gráfico circular

Na Figura 34 estão representados, em gráfico circular, os resultados percentuais das classificações dos alunos da turma.



Figura 34 – Gráfico circular dos resultados do dispositivo de avaliação do domínio Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Através da leitura dos resultados do gráfico circular, conclui-se que sessenta e oito por cento dos alunos, o que corresponde quinze, que realizaram o dispositivo de avaliação, obtiveram a classificação de Muito Bom.

Relativamente à classificação de Bom, trinta e dois por cento dos alunos obtiveram-na, ou seja, sete crianças.

Nenhum aluno se inseriu nas classificações de Suficiente, Insuficiente e Fraco, correspondendo às restantes percentagens.

A média aritmética, no total das classificações, é de 9 valores, inserindo assim numa avaliação de Muito Bom.

Existem diversas estratégias de ensino para trabalhar a 1.^a lição da Cartilha Maternal João De Deus, tais como: recortar de revistas ou jornais as cinco vogais; praticar a escrita das vogais; a partir de cada vogal realizar um desenho; jogo caça as vogais (jogo ao ar livre (recreio): para realizar este jogo, primeiramente é necessário formar duas ou mais (consoante o número de alunos da turma). Cada equipa tem que encontrar as cinco vogais espalhadas pelo recreio. A primeira equipa que encontrar as cinco vogais ganha.).

2.2. Avaliação da atividade na área do Conhecimento do Mundo

2.2.1. Contextualização da atividade

A proposta de trabalho alusiva à área do Conhecimento do Mundo (presente no anexo 2) foi realizada no dia 3 de fevereiro de 2012, durante a manhã de aulas.

A proposta referida tem como conteúdo programático principal: lembrar a importância do pão e como este se processa. Para tal, recontei a história *A galinha vermelha*, que fala sobre o ciclo do pão. A realização da mesma teve a duração de cerca de 50 minutos.

As crianças realizaram a proposta sem ajuda. Apenas procedi à leitura da mesma, após a distribuição da ficha de trabalho.

Esta proposta foi elaborada por mim e revista pela educadora titular pois, obviamente achei por bem confirmar se os exercícios propostos estavam de acordo com a situação escolar dos alunos, neste momento do ano letivo.

Esta proposta de trabalho tem como objetivo compreender o processo do pão e para que este serve.

2.2.2. Parâmetros e Critérios de Avaliação

Para esta proposta de trabalho elaborei dois parâmetros, um por cada exercício.

Na primeira questão, para 5,5 valores, pretendia que a criança pintasse, a lápis de cor, as cinco imagens da história, que aborda o ciclo do pão, bem como picotasse as mesmas. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pinta corretamente 5 imagens.
- Pinta corretamente 4 imagens.
- Pinta corretamente 3 imagens.
- Pinta corretamente 2 imagens.
- Pinta corretamente 1 imagem.
- Resposta incorreta.
- Picota corretamente 5 imagens.
- Picota corretamente 4 imagens.
- Picota corretamente 3 imagens.
- Picota corretamente 2 imagens.
- Picota corretamente 1 imagem.
- Resposta Incorreta.

Na segunda questão, para 4,5 valores, pretendia a criança cole correta e sequencialmente as cinco imagens do processo do ciclo do pão. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Cola 5 imagens sequencialmente.
- Cola 4 imagens sequencialmente.
- Cola 3 imagens sequencialmente.
- Cola 2 imagens sequencialmente.
- Cola 1 imagem.
- Resposta incorreta.

O quadro que se segue (quadro 21) corresponde às cotações atribuídas aos critérios da presente área.

**Quadro 21 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da área do
Conhecimento do Mundo**

Questões	Parâmetros	Critérios de Avaliação		Cotação	
1.1.	1. Pintar as imagens.	Pinta corretamente 5 imagens.	2,5	2,5	5,5 valores
		Pinta corretamente 4 imagens.	2		
		Pinta corretamente 3 imagens.	1,5		
		Pinta corretamente 2 imagens.	1		
		Pinta corretamente 1 imagem.	0,5		
		Resposta incorreta.	0		
	2. Picotar as imagens.	Picota corretamente 5 imagens.	3	3	
		Picota corretamente 4 imagens.	2,4		
		Picota corretamente 3 imagens.	1,8		
		Picota corretamente 2 imagens.	1,2		
		Picota corretamente 1 imagem.	0,6		
		Resposta Incorreta.	0		
1.2.	3. Sequenciar as imagens.	Cola 5 imagens sequencialmente.	4,5	4,5 valores	
		Cola 4 imagens sequencialmente.	3,6		
		Cola 3 imagens sequencialmente.	2,7		
		Cola 2 imagens sequencialmente.	1,8		
		Cola 1 imagem.	0,9		
		Resposta incorreta.	0		
Total				10 valores	

2.2.3. Grelha de Avaliação da atividade na área do Conhecimento do Mundo

No quadro 22 estão apresentadas as cotações e as classificações atribuídas aos alunos em todos os parâmetros de avaliação propostos.

Quadro 22 – Grelha de Avaliação da atividade na área do Conhecimento do Mundo

Questões	1.1.		1.2.	Total	Classificação
	1	2	3		
Cotações	2,5	3	4,5	Total	Classificação
	5,5				
Alunos					
1	2,5	3	4,5	10	Muito Bom
2	2	3	4,5	9,5	Muito Bom
3	2,5	3	3,6	9,1	Muito Bom
4	2,5	2,4	3,6	8,5	Bom
5	2,5	3	1,8	7,3	Bom
6	2,5	3	0,9	6,4	Suficiente
7	2,5	2,4	4,5	9,4	Muito Bom
8	2,5	3	4,5	10	Muito Bom
9	2,5	3	3,6	9,1	Muito Bom
10	2	3	2,7	7,7	Bom
11	2,5	3	1,8	7,7	Bom
12	2,5	3	2,7	8,2	Bom
13	2,5	3	1,8	7,3	Bom
14	2,5	3	0,9	6,4	Suficiente
15	2,5	3	4,5	10	Muito Bom
16	2,5	3	0	5,5	Suficiente
17	2,5	3	2,7	8,2	Bom
18	2	3	1,8	6,8	Suficiente
19	2,5	3	4,5	10	Muito Bom
20	2,5	3	1,8	7,3	Bom
21	2,5	3	1,8	7,3	Bom
22	2,5	3	4,5	10	Muito Bom
23	2	3	0,9	5,9	Suficiente
24	1,5	3	3,6	8,1	Bom
25	2	2,4	2,7	7,1	Bom
Média					Bom

2.2.4. Descrição da Grelha

A turma do bibe Encarnado A é constituída por vinte e sete alunos. No entanto, a grelha foi realizada para vinte e cinco alunos pois, dois dos vinte e sete alunos faltaram no dia em que se realizou esta atividade.

Relativamente ao primeiro parâmetro – Pintar as imagens – observei que a maioria dos alunos pintaram corretamente as cinco imagens. A média de resultados deste parâmetro é de aproximadamente dois valores em dois valores e meio possíveis.

No segundo parâmetro – Picotar as imagens – verifiquei que a maioria dos alunos picotou corretamente as imagens. A média de resultados deste parâmetro é de três valores.

Quanto ao terceiro parâmetro – Sequenciar as imagens – posso concluir que a maioria dos alunos não colou sequencialmente as cinco imagens. A média de resultados deste parâmetro é aproximadamente três valores em quatro valores e meio possíveis.

As cotações mais baixas da presenta turma foi do aluno 16 com 5,5 valores, ou seja, com a classificação de Suficiente, e a mais alta foi de 10 valores, conseguida por cinco alunos, obtendo assim a classificação de Muito Bom. A média aritmética, no total das classificações, é de aproximadamente 7 valores em 8,9 valores, inserindo assim numa avaliação de Bom.

2.2.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular

Na Figura 35 estão representados, em gráfico circular, os resultados percentuais das classificações dos alunos da turma.

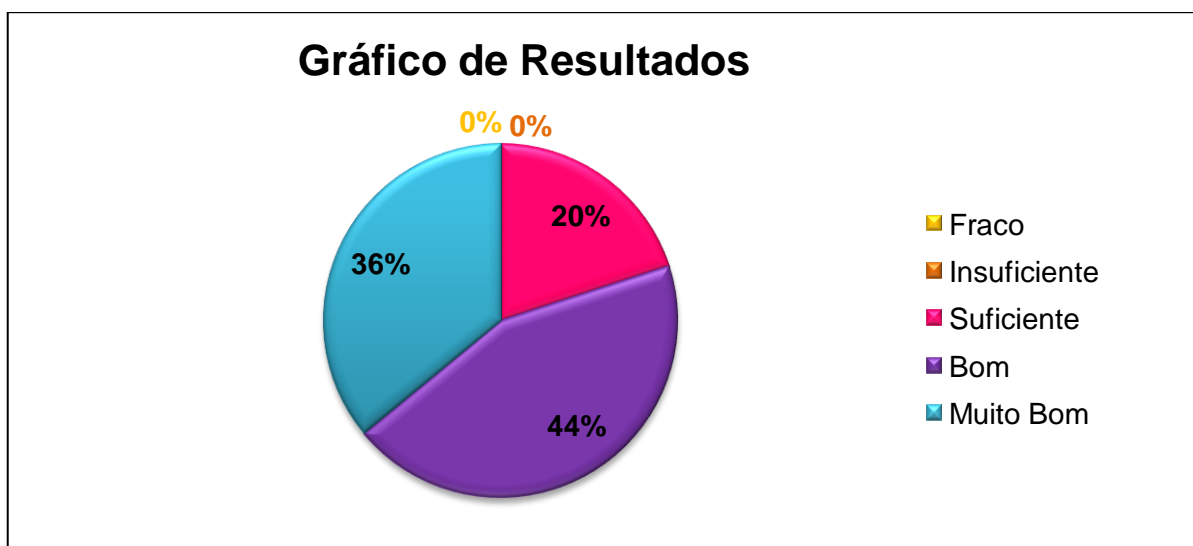


Figura 35 – Gráfico circular dos resultados do dispositivo de avaliação na área do Conhecimento do Mundo

Este gráfico de resultados demonstra que a turma obteve todas as classificações possíveis nesta atividade. Nenhum aluno obteve as classificações mais baixas: Fraco e Insuficiente. A classificação de Suficiente foi obtida por cinco alunos e a de Bom por onze alunos. 44% da turma obteve a classificação de Muito Bom.

Existem diversas estratégias de ensino para trabalhar o ciclo do pão, tais como: visitar uma padaria, na qual os alunos tenham a oportunidade confeccionar pão; criar a história do ciclo do pão através de ilustrações; dramatizar a história *A galinha Vermelha*, etc.

2.3. Avaliação da atividade na área da Matemática

2.3.1. Contextualização da atividade

A proposta de trabalho alusiva à área da Matemática (presente no anexo 3) foi realizada no dia 19 de março de 2012, durante a manhã de aulas.

A proposta referida tem como conteúdo programático principal: realizar situações problemáticas com divisões. A realização da mesma teve a duração de 50 minutos.

Os alunos realizaram a proposta sem ajuda. Como esta era constituída por cinco exercícios, optei por ler o primeiro exercício e dar tempo às crianças para que o completassem. Para os restantes exercícios, foi aplicado o mesmo procedimento.

Terminado o tempo, solicitei a um aluno que recolhesse as fichas e mas entregasse.

Esta proposta de trabalho foi elaborada por mim e revista pela educadora, pois achei por bem confirmar se os exercícios propostos estavam de acordo com a situação escolar dos alunos nesta altura do ano letivo.

Considero esta proposta de trabalho pertinente visto que no ensino, em geral, os alunos têm dificuldades em realizar a operação da divisão.

2.3.2. Parâmetros e Critérios de Avaliação

Para esta proposta de trabalho elaborei cinco parâmetros, um por cada exercício.

Para cada uma das questões pretendia-se que a criança compreendesse e aplicasse a operação aritmética da divisão através das situações problemáticas. Ou seja, é pedido à criança que indique os dados, realize a indicação e a operação e dê a resposta correta. A proposta de trabalho continha cinco questões, todas elas cotadas com 2 valores. Para estes parâmetros foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Indica os dados e realiza a indicação, a operação e dá a resposta correta.
- Indica os dados realiza a indicação e a operação corretamente mas não dá a resposta correta.

- Indica os dados e a indicação corretamente, mas não realiza a operação corretamente.
- Indica os dados mas não realiza a indicação e a operação corretamente.
- Resposta incorreta.

O quadro que se segue (quadro 23) corresponde às cotações atribuídas aos critérios da presente área.

Quadro 23 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da área da Matemática

Questões	Parâmetros	Critérios de Avaliação		Cotação
1	1.Resolução da situação problemática	Indica os dados e realiza a indicação, a operação e dá a resposta correta.	2	2 valores
		Indica os dados realiza a indicação e a operação corretamente mas não dá a resposta correta.	1,5	
		Indica os dados e a indicação corretamente, mas não realiza a operação corretamente.	1	
		Indica os dados mas não realiza a indicação e a operação corretamente.	0,5	
		Resposta incorreta.	0	
2	2.Resolução da situação problemática	Indica os dados e realiza a indicação, a operação e dá a resposta correta.	2	2 valores
		Indica os dados realiza a indicação e a operação corretamente mas não dá a resposta correta.	1,5	
		Indica os dados e a indicação corretamente, mas não realiza a operação corretamente.	1	
		Indica os dados mas não realiza a indicação e a operação corretamente.	0,5	
		Resposta incorreta.	0	
3	3.Resolução da	Indica os dados e realiza a indicação, a operação e dá a resposta correta.	2	
		Indica os dados realiza a indicação e a		

	situação problemática	operação corretamente mas não dá a resposta correta.	1,5	2 valores
		Indica os dados mas não realiza a indicação e a operação corretamente.	1	
		Indica os dados e a indicação corretamente, mas não realiza a operação corretamente.	0,5	
		Resposta incorreta.	0	
4	4.Resolução da situação problemática	Indica os dados e realiza a indicação, a operação e dá a resposta correta.	2	2 valores
		Indica os dados realiza a indicação e a operação corretamente mas não dá a resposta correta.	1,5	
		Indica os dados e a indicação corretamente, mas não realiza a operação corretamente.	1	
		Indica os dados mas não realiza a indicação e a operação corretamente.	0,5	
		Resposta incorreta.	0	
4.1.	5.Resolução da situação problemática	Indica os dados e realiza a indicação, a operação e dá a resposta correta.	2	2 valores
		Indica os dados realiza a indicação e a operação corretamente mas não dá a resposta correta.	1,5	
		Indica os dados e a indicação corretamente, mas não realiza a operação corretamente.	1	
		Indica os dados mas não realiza a indicação e a operação corretamente.	0,5	
		Resposta incorreta.	0	
Total				10 valores

2.3.3. Grelha de Avaliação da atividade na área da Matemática

No quadro 24, exponho as cotações e classificações obtidas por cada aluno em cada um dos parâmetros de avaliação estabelecidos.

Quadro 24 – Grelha de Avaliação da atividade na área da Matemática

Questões	1	2	3	4	4.1.	Total	Classificação
Parâmetros	1	2	3	4	5		
Cotações	2	2	2	2	2		
Alunos							
1	1,5	1	1	0,5	0	4	Insuficiente
2	2	2	2	2	2	10	Muito Bom
3	2	2	2	2	2	10	Muito Bom
4	2	1,5	1,5	1	1	7	Bom
5	2	1,5	1,5	1,5	1	7,5	Bom
6	2	2	1,5	1,5	1,5	8,5	Bom
7	2	1,5	1,5	1	1	7	Bom
8	2	2	2	2	2	10	Muito Bom
9	2	2	2	2	2	10	Muito Bom
10	2	2	2	2	2	10	Muito Bom
11	2	1,5	1,5	1,5	1,5	8	Bom
12	2	2	1,5	1,5	1,5	8,5	Bom
13	1	0,5	0,5	0	0	2	Fraco
14	1	1	1,5	0,5	0	4	Insuficiente
15	1,5	1,5	1	0,5	0,5	5	Suficiente
16	1,5	0,5	0,5	0,5	0	3	Insuficiente
17	2	1,5	1,5	1	1	7	Bom
18	1,5	1,5	1	1	0,5	5,5	Suficiente
19	1,5	1	1	0,5	0,5	4,5	Insuficiente
20	2	2	2	2	2	10	Muito Bom
21	1,5	1,5	1	1	0	5	Suficiente
22	1	1	0,5	0	0	2,5	Fraco
23	2	2	2	2	2	10	Muito Bom
Média							Bom

2.3.4. Descrição da Grelha

A turma do bibe Verde A é constituída por vinte e três alunos. De acordo com a grelha apresentada, todos os alunos da turma do 2.ºano A, realizaram esta atividade.

Relativamente ao primeiro parâmetro – Resolução da situação problemática – observei que a maioria dos alunos realizou corretamente a situação problemática. A média de resultados deste parâmetro é de aproximadamente um valor em dois valores possíveis.

No segundo parâmetro – Resolução da situação problemática – verifiquei que a maioria dos alunos realizou corretamente a situação problemática. A média de resultados deste parâmetro é de um valor e meio.

Quanto ao terceiro parâmetro – Resolução da situação problemática – posso afirmar que nem todos os alunos realizaram a situação problemática corretamente. A média de resultados deste parâmetro é aproximadamente um valor em dois valores possíveis.

O quarto parâmetro – Resolução da situação problemática – diz-nos que a maioria dos alunos não resolveu, na íntegra, a situação problemática proposta. A média de resultados deste parâmetro é de um valor em dois valores possíveis.

Quanto ao quinto e último parâmetro – Resolução da situação problemática – a maioria dos alunos não completou corretamente a situação problemática. A média de resultados deste parâmetro é de um valor.

As cotações mais baixas da presenta turma foi do aluno 13 com 2 valores, ou seja, com a classificação de Fraco, e a mais alta foi de 10 valores, conseguida por sete alunos, obtendo assim a classificação de Muito Bom. A média aritmética, no total das classificações, é de 6,9 valores, inserindo assim numa avaliação de Suficiente.

2.3.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular

Na Figura 36 encontra-se a representação, em gráfico circular, dos resultados percentuais das classificações obtidas pelo grupo.



Figura 36 – Gráfico circular dos resultados do dispositivo de avaliação na área da Matemática

O gráfico de figura 36 demonstra que a turma obteve todas as classificações possíveis nesta atividade. 9% da turma que, corresponde a dois alunos, obteve a classificação de Fraco. Quatro em vinte e três alunos obtiveram a classificação de Insuficiente. A classificação de Suficiente foi obtida por três alunos e a de Bom por sete alunos. 30% da turma obteve a classificação de Muito Bom.

Para a realização de situações problemáticas, em vez de aplicar uma ficha de trabalho, poder-se-á trabalhar as mesmas através de materiais manipulativos, tais como o Cuisenaire, Algarismos Móveis, etc.

2.4. Avaliação da atividade na área de Estudo do Meio

2.4.1. Contextualização da atividade

A proposta de trabalho alusiva à área do Estudo do Meio (presente no anexo 4) foi realizada no dia 14 de março de 2013, durante o período da tarde. A realização da mesma teve a duração de 50 minutos.

A proposta referida tem como conteúdo programático principal: compreender quais são as cores primárias, que por sua vez, quando se misturam, dão origem a novas cores – cores secundárias.

Os alunos realizaram a proposta sem ajuda. Depois de ter solicitado a dois alunos que distribuíssem a ficha de avaliação, procedi à leitura da mesma.

Este dia, já não se enquadra, no calendário de Estágio Profissional I, II e III. Como tal, pedi à professora titular que dispensasse algum tempo da sua programação letiva para que os alunos pudessem realizar esta atividade. Esta proposta de trabalho foi elaborada por mim e revista pela educadora, pois achei por bem confirmar se os exercícios propostos estavam de acordo com a situação escolar dos alunos nesta altura do ano letivo.

2.4.2. Parâmetros e Critérios de Avaliação

Para esta atividade elaborei quatro parâmetros de avaliação.

Na primeira questão, pretendia que as crianças identificassem as três cores primárias. Esta questão corresponde a 2,5 valores. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identifica as 3 cores primárias.
- A cada cor não identificada descontar 0,5 valor.
- Resposta completa.
- A cada erro ortográfico descontar cinco centésimas de valor (-0,05).
- Resposta incorreta

Na segunda questão, pretendia que as crianças identificassem as três cores secundárias. Esta questão corresponde a 2,5 valores. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identifica as 3 cores secundárias.
- A cada cor não identificada descontar 0,5 valor.
- Resposta completa.
- A cada erro ortográfico descontar cinco centésimas de valor (-0,05).
- Resposta incorreta.

Na terceira questão, para 1 valor, pretendia-se que as crianças escolhessem uma das três cores secundárias apresentadas. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Escolhe uma cor secundária.
- Não escolhe uma cor secundária.

Na última questão, para 4 valores, pretendia-se que as crianças representassem as duas cores primárias, que juntas, dão a cor secundária escolhida. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Representa as duas cores primárias que juntas dão a cor secundária que escolheste.
- Não representa as duas cores primárias que juntas dão a cor secundária que escolheste.

O quadro que se segue (quadro 25) corresponde às cotações atribuídas aos critérios da presente área.

**Quadro 25 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da área do
Estudo do Meio**

Questões	Parâmetros	Critérios de Avaliação		Cotação
1	1. Identifica as cores primárias.	Identifica as 3 cores primárias.	1,5	2,5 valores
		A cada cor não identificada descontar 0,5 valor.	-0,5	
		Resposta completa.	0,5	
		A cada erro ortográfico descontar cinco centésimas de valor (-0,05).	-0,05	
		Resposta incorreta.	0	
2	2. Identifica as cores secundárias.	Identifica as 3 cores secundárias.	1,5	2,5 valores
		A cada cor não identificada descontar 0,5 valor.	-0,5	
		Resposta completa.	0,5	
		A cada erro ortográfico descontar cinco centésimas de valor (-0,05).	-0,05	
		Resposta incorreta.	0	
3	3. Escolhe uma das três cores secundárias que mais gostaste.	Escolhe uma cor secundária.	1	1 valor
		Não escolhe uma cor secundária.	0	
3.1.	4. Representa a cor secundária que escolheste.	Representa as duas cores primárias que juntas dão a cor secundária que escolheste.	4	4 valores
		Não representa as duas cores primárias que juntas dão a cor secundária que escolheste.	0	
Total				10 valores

2.4.3. Grelha de Avaliação da atividade na área de Estudo do Meio

No quadro 26, exponho as cotações e classificações obtidas por cada aluno em cada um dos parâmetros de avaliação estabelecidos.

Quadro 26 – Grelha de Avaliação da atividade na área do Estudo do Meio

Questões	1	2	3	3.1.	Total	Classificação
Parâmetros	1	2	3	4		
Cotações	2,5	2,5	1	4		
Alunos						
1	2,4	2,4	1	4	9,8	Muito Bom
2	2,5	2,45	1	4	9,95	Muito Bom
3	2,35	2,5	1	4	9,85	Muito Bom
4	2,45	2,45	1	4	9,9	Muito Bom
5	2,45	0	1	4	7,45	Bom
6	2,5	2,45	1	4	9,95	Muito Bom
7	2,45	2,4	1	4	9,85	Muito Bom
8	2,45	2,45	1	4	9,9	Muito Bom
9	1,5	2,5	1	4	9	Muito Bom
10	2,4	2,5	1	4	9,9	Muito Bom
11	1,5	2,5	1	4	9	Muito Bom
12	2,5	2,5	1	4	10	Muito Bom
13	2,35	0	1	4	7,35	Bom
14	2,4	2,5	1	4	9,9	Muito Bom
15	2,4	2,4	1	4	9,8	Muito Bom
16	1,25	1,25	1	4	7,5	Bom
17	2,5	0,5	1	4	8	Bom
18	1	0	1	4	6	Suficiente
19	2,5	2,4	1	4	9,9	Muito Bom
20	2,45	2,4	0	0	4,85	Fraco
21	2,5	2,45	1	4	9,95	Muito Bom
Média						Bom

2.4.4. Descrição da Grelha

A turma do bibe Azul Claro A é constituída por vinte e dois alunos. De acordo com a grelha apresentada, apenas um não participou desta atividade pois, não se encontrava na escola.

Relativamente ao primeiro parâmetro – Identifica das cores primárias – observei que a maioria dos alunos identificou corretamente as três cores primárias. A média de resultados deste parâmetro é de aproximadamente dois valores em dois valores e meio possíveis.

No segundo parâmetro – Identifica das cores secundárias – verifiquei que nem todos os alunos identificaram corretamente as cores secundárias. A média de resultados deste parâmetro é de um valor e meio.

Quanto ao terceiro parâmetro – Escolhe uma das três cores secundárias que mais gostaste – posso afirmar que à exceção de um aluno, todos os alunos escolheram uma cor secundária. A média de resultados deste parâmetro é aproximadamente um valor.

Tal como acontece no terceiro parâmetro, o quarto parâmetro – Representa a cor secundária que escolheste – diz-nos que à exceção de um aluno, todos os alunos escolheram uma cor secundária. A média de resultados deste parâmetro é de quatro valores.

As cotações mais baixas da presenta turma foi do aluno 20 com 4,85 valores, ou seja, com a classificação de Fraco, e a mais alta foi de 10 valores, conseguida por quinze alunos, obtendo assim a classificação de Muito Bom. A média aritmética, no total das classificações, é de 8,9 valores, inserindo assim numa avaliação de Bom.

2.4.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular

Na Figura 37 estão representados, em gráfico circular, os resultados percentuais das classificações dos alunos da turma.



Figura 37 – Gráfico circular dos resultados do dispositivo de avaliação na área de Estudo do Meio

Do gráfico acima apresentado posso concluir que a turma obteve todas as classificações possíveis nesta atividade. 5% da turma que, corresponde a um aluno, obteve a classificação de Fraco. Os outros 5%, que, também, corresponde a um aluno, obtiveram a classificação de Suficiente. Nenhum aluno obteve a classificação de Insuficiente. Quatro em vinte e vinte alunos obtiveram a classificação de Bom. A classificação de Suficiente foi obtida por quinze alunos.

Para além desta atividade, poder-se-á criar diversas cores através de tintas (guaches, aguarelas, etc.).

Reflexão Final

Considerações Finais

O Estágio Profissional, no qual se baseou este relatório, decorreu ao longo de três semestres, inseridos nos anos letivos de 2011/2012 e 2012/2013. Como já referi anteriormente, este estágio teve início no dia 26 de setembro de 2011 e terminou no dia 25 de janeiro de 2013.

Terminado este estágio profissional considero pertinente refletir sobre todos os momentos que vivenciei ao longo deste período, referindo os aspetos que considero positivos e as limitações que surgiram. Para mim, o Estágio Profissional foi essencial pois, fiz aprendizagens que, no futuro, me possibilitarão aplicar as melhores estratégias pedagógicas. Procurei sempre trazer para as crianças atividades interessantes, motivantes e apropriadas às faixas etárias a fim de tornar as suas aprendizagens enriquecedoras. Lengrand (1970, citado por Severino, 2007) afirma que:

(...) serem duas as responsabilidades maiores da educação: favorecer o estabelecimento de estruturas e métodos que ajudem o ser humano, ao longo da sua existência, a prosseguir a aprendizagem e a formação e equipar o indivíduo para que ele se torne, o mais possível, o agente e o instrumento do seu próprio desenvolvimento. (p.41)

Com a Prática Pedagógica ganha-se experiência pois tudo é feito para proporcionar ao futuro docente o máximo de contacto com realidades existentes no ensino. Para o meu Estágio Profissional, o acompanhamento quer das Professoras Supervisoras de Prática Pedagógica, quer das educadoras e professoras titulares de grupos da Educação Pré-Escolar e de turmas do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, foi crucial para a minha formação como futura educadora ou professora. Formosinho (2001, citado por Severino, 2007, pp.39-40) define prática pedagógica “como a componente curricular da formação cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável”.

Atualmente educação tem um papel muito importante e marcante na vida de um de nós. Alarcão (1996, p.55) alerta-nos que para a educação, “interessa fundamentalmente o pensar real, interessa criar atitudes que desenvolvam nos seres humanos um pensamento efectivo, uma postura mental de questionar, problematizar, sugerir e construir a partir daí um conhecimento alicerçado em bases sólidas”. A prática pedagógica é o reflexo da forma como pensamos e agimos. Para Zeichner (1993) um professor reflexivo:

(...) reconhece a riqueza da experiência que reside na prática dos bons professores. Na perspectiva de cada professor, significa que o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência e que tipo de saber inteiramente tirado da experiência dos outros (...) é, no melhor dos casos, pobre e, no pior, uma ilusão. (p.17)

Durante o estágio profissional assisti a múltiplas formas de lecionar em diversas áreas, ou seja, pude observar pessoas diferentes, com formas diferentes de cativar os

alunos para as competências que querem trabalhar e desenvolver. Considero o educador ou professor como um verdadeiro jardineiro. Marinha (1989) refere que o jardineiro:

(...) que, com extremos de carinho, prepara o meio ambiente em que irão desenvolver-se as suas flores. Ele sabe adequar o terreno, a temperatura, a humidade, porque conhece as necessidades das plantas; protege-lhes o crescimento, libertando-as de tudo o que possa opor-se a ele – ervas daninhas, pragas, parasitas – valendo para que o meio contenha sempre aquilo de que necessitam à medida que se forem desenvolvendo, e assiste ao desabrochar das flores encantadas com essa maravilha da natureza (p.15).

Tal como o amor, o carinho e atenção que o jardineiro aplica às suas flores, o educador ou professor, deve aplicá-los no grupo de crianças que acompanha. Isto é, pretende-se que o educador ou professor conheça a criança e as suas necessidades. Para as Orientações Curriculares em Educação Pré-Escolar (2009, p.34), é necessário “conhecer teorias, possuir conhecimento, mas o mais importante é conhecer individualmente cada criança e facultar-lhe um ambiente seguro onde se sinta valorizada.”.

Para Estanqueiro (2010), os bons professores são aqueles que:

(...) sabem, que a sua competência científica e pedagógica é um factor científico para a qualidade da educação nas nossas escolas. Por isso, investem na formação contínua. Reflectem, de forma crítica e sistemática, sobre as suas práticas. Partilham saberes e experiências. E mostram abertura à inovação e à mudança. Os bons professores dedicam-se ao ensino com entusiasmo. Acreditam na importância da profissão docente para a construção de uma sociedade melhor, alicerçada em conhecimentos e valores. Apesar das dificuldades, sentem orgulho na sua missão de formar pessoas, despertar vocações e construir futuros.

Na verdade, os bons professores são aqueles que marcam positivamente os alunos. Eu quero ser um deles.

A elaboração do presente Relatório de Estágio Profissional permitiu-me alargar os meus conhecimentos acerca da Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, em que foi necessário realizar uma pesquisa ampla, ligados aos dois níveis de ensino. Termina com uma citação de Antoine Saint Exupery:

**“O verdadeiro amor nunca se esgota. Quanto mais se dá,
mais se tem.”**

Limitações

No decorrer deste Relatório de Estágio Profissional deparei-me com algumas adversidades e limitações, como tal é, importante identificá-las para as podermos ultrapassar.

A primeira limitação refere-se à falta de tempo para a realização do presente relatório. Este facto deve-se, ao simples facto de ter dado prioridade aos conhecimentos teóricos fornecidos nas diferentes unidades curriculares, como também à preparação das aulas programadas para o Estágio Profissional. Como tal, a elaboração do Relatório de Estágio Profissional foi sendo adiada.

A segunda limitação prende-se com a fundamentação teórica necessária para a elaboração do relatório. Mediante, a inexistência de alguns livros, pelas mais variadas razões, na biblioteca da Escola Superior de Educação João de Deus. Procurei assim, outros lugares para realizar a minha pesquisa. Ainda relativamente à fundamentação teórica, tive alguma dificuldade em encontrar aquilo que necessitava para sustentar alguma ideia que considerava relevante.

Por último, refiro que seria benéfico se Estágio Profissional decorresse durante um dia inteiro e não somente nas manhãs. Consequentemente determinadas áreas curriculares, não puderam ser observadas.

Novas Pesquisas

Durante o período de Estágio Profissional, adquiri aprendizagens significativas para a minha formação e também para o meu futuro profissional. No entanto, não nos devemos esquecer que o mundo está em constante mudança, e que há sempre mais a aprender. Como nos lembram Alarcão e Tavares (1987):

a formação de um professor não termina, porém, no momento da sua profissionalização; pelo contrário, ela deve prosseguir na formação contínua. Se é certo que a figura do supervisor pode desaparecer e muitas vezes desaparece, a realidade [da] supervisão não deve desaparecer, embora assuma novas formas. (p.131)

Relativamente a este ponto, Estrela e Estrela (1977), referem que:

A formação permanente é hoje uma necessidade geral das sociedades modernas. O ritmo de desenvolvimento das ciências e das técnicas, originando uma rápida mutação das condições socioeconómicas, exige ao homem do nosso tempo uma constante actualização do saber e do saber-fazer, além de uma atitude de disponibilidade e de adaptação às situações novas. (p.69)

O facto de estar, agora, a terminar uma fase profissional da minha vida, não quer dizer que termina a minha formação. Futuramente gostaria de aprofundar os conhecimentos em duas áreas que me fascinam: Mestrado em Educação pela Arte e o Mestrado de Promoção e Mediação da Leitura. Ambas as áreas despertam em mim um grande fascínio e me suscitam a vontade de continuar a investigar nestas direções.

Referências Bibliográficas

- Abrecht, R. (1994). *A Avaliação Formativa*. Rio Tinto: ASA.
- Aguera, I. (2008). *Brincar e Aprender na primeira infância – Atividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-letras.
- Aires, L. M. (2010). *Disciplina na sala de aulas. Um guia de boas práticas para professores do 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Alarcão, I. e Tavares, J. (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma Perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alexandre, F. e Diogo, J. (1990). *Didáctica da Geografia. Contributos para uma Educação no Ambiente*. Coleção Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de Estudo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alonso, L. e Roldão, M. C. (ed.). (2005). *Ser professor do 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra, Portugal: Edições Almedina.
- Alves, M. P. C. (2002). *A avaliação e o desenvolvimento profissional do professor*. In Monteiro, A. F. B. e Macedo, E. F. (org.). *O currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto Editores.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos. Para as crianças dos 6 aos 12 anos*. Porto: Porto Editora.
- Amado, J. S. (2001). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: Edições Asa.
- Amaral, M. J., Moreira, M. A. & Ribeiro, D. (1996). *O papel do supervisor no desenvolvimento do professor reflexivo: Estratégias de supervisão*. In I. Alarcão
- Antão, J. A. S. (1997). *Elogio da leitura*. Porto: Edições Asa.
- Antunes, C. (2003). *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.
- Baptista, M. J. A. A. (2005). *Análise e interpretação do erro ortográfico. Um estudo com alunos do 4ºano de escolaridade*. Sim-Sim, I. (or.). Lisboa: Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da educação.
- Baptista, M. I. M. (2006). *Educação Alimentar em Meio Escolar – Referencial para uma Oferta Alimentar Saudável*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Barlow, M. (2006). *Avaliação Escolar – Mitos e Realidades*. Porto Alegre: Artmed.
- Bartolomeis, F. (1976). *A Nova Escola Infantil: As Crianças dos 3 aos 6*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e Orientação: objetivos, instrumentos e métodos*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Bastos, B. (1999). *A leitura e os livros para crianças e jovens*. In *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bettelheim, B. (1984). *Psicanálise do Contos de Fadas*. Amadora: Livraria Bertrand.
- Boavida, A. M. R., Paiva, A. L., Cebola, G., Vale, I. e Pimentel, T. (2008). *A Experiência Matemática no Ensino Básico. Programa de Formação Contínua em Matemática para Professores dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. Boavida, A. M. R. (cor.). Lisboa: Ministério da Educação: Departamento-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Braga, F., Vila-Boas, F. M. Alves, M. E., Freitas, M. J. e Leite, C. (2004). *Planificações novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.
- Branco, M., P., P., D., C., P. (2013). *A Comunicação Organizacional como Estratégia de Gestão*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Brazelton, T. (1995). *O Grande Livro da Criança. O desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. (1.ªed). Lisboa: Editorial Presença.
- Caldeira, M. F. T. H. S. (2009). *Aprender a Matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M. F. T. H. S. (2009). *A Importância dos Materiais para uma Aprendizagem Significativa da Matemática*. Universidade de Málaga: Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura.
- Cachapuz, A., Praia, J, e Jorge, M. (2002). *Ciência, Educação em Ciência e Ensino das Ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Cardoso, M. T. P. , Fernandes, J. A. S., Fonseca, L. M. D., Gomes, M. A. O., Hirst, K. E., Portela, J. H. C., Ralha, M. E. R. M., Vale, M. I. P. Coord. Palhares, P. (2004). *Elementos de Matemática para Professores do Ensino Básico*. Lisboa: LIDEL – edições técnicas lda.
- Castro, J. P. e Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Catita, E. M. (2007). *Estratégias metodológicas para o ensino do Meio Físico e Social*. Porto: Areal Editores.
- Condemarin, M. e Chadwick, M. (1986). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre (Brasil): Editora Artes Médicas.
- Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança – Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A esfera dos livros.
- Cordeiro, M. (2012). *O livro da criança. Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Correia, M. C. (1993). *Blocos lógicos. Jogos de Matemática*. Lisboa: Edições Asa.
- Costa, I. A. E Baganha (1989). *O Fantoche Que Ajuda A Crescer*. Colecção Práticas Pedagógicas. Porto: Edições Asa.

- Costa, P. F. (2012). *O Clube de Ciências*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Cunha, N. H.S. e Nascimento, S. K. (2005). *Brincando. Aprendendo e desenvolvendo o pensamento matemático*. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.
- Curto, L., Morrilo, M. e Teixidó, M. (2000). *Escrever e ler. Volume 1. Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-los a escrever e a ler*. São Paulo: Artmed Editora.
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes. Como formar jovens leitores e inteligentes*. Cascais: Pergaminho.
- Cury, A. (2006). *Pais brilhantes, Professores Fascinantes*. Cascais: Pergaminho.
- Damas, E., Oliveira, V. e Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da Matemática – Guia Prático Para Professores e Educadores*. Lisboa: Arial Editores.
- Deus, M. L. (1997). *Guia prático da cartilha Maternal*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Diniz, M. A. S. (1993). *As fadas não foram à escola: a literatura de expressão oral em manuais escolares do ensino primário*. Porto: Edições Asa.
- Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário (s.d.). *Guia de actividades curriculares para a educação pré-escolar*. Algueirão: Ministério da Educação.
- Domingos, M. L. G. F. (2011) *O impacto das actividades lúdico-pedagógicas na socialização das crianças na ludoteca*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Dorance, S. (2004). *Actividades criativas na pré-escola*. Lisboa: Papa-Letras.
- Duarte, A. E Gonçalves, L. G. (1996). *Os clubes na escola – Guia para Professores, Educadores e Monitores de Tempos Livres*. Lisboa: Texto Editora.
- Durão, R. L. S. (2010). *Acolhimento aos Alunos Estagiários da Formação Inicial. Uma Proposta de Acolhimento e Integração*. Almeida, J. M. (or.). Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação - O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estrela, M. T. & Estrela, A. (1977). *Perspetivas actuais sobre a formação de professores*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Ferreira, M. & Santos, M. (1994). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: Edições Afrontamento.
- Figueiredo, M. A. R. (2004). *Projeto curricular no jardim de infância*. Lisboa: Bola de Neve.
- Flores, M. A. & Simão, A. M. (2009). (Org.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perpectivas*. Mangualde: Edições Pedagogo.

- Formosinho, J. (2001). *A Supervisão Pedagógica da Formação Inicial de Professores no Âmbito de uma Comunidade de Prática*. In *Infância e Educação – Investigação e Práticas*. Revista do GEDEI n.º4. Porto: GEDEI.
- Formosinho, J. (2005). *Educação pré-escolar. A construção social da moralidade*. Lisboa: Texto Editores.
- Gueifão, S. F. C. (2007). *O lúdico no pré-escolar. Estudo exploratório sobre as representações dos educadores de infância*. Amado, J. (or.). Lisboa: Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Gonçalves, H. G., (2012). *O Desenvolvimento da Criatividade em Contexto de Sala de Aula*. Odivelas: Instituto Superior de Ciências Educativas.
- Gottmn, J. & DeClaire, J. (1999). *A Inteligência Emocional na Educação*. Cascais: Editora Pergaminho.
- Grosso, C. e Ruas, B. M. (2002). *Números e Operações Aritméticas*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Grosso, C. (2004). *Grandeza e Medida, Áreas e Volumes*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar*. Lisboa: Academia do Livro.
- Hohmann, M. e Weikart. D. P. (2001). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M. e Weikart, D. (2003). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jacinto, M. (2003). *Formação Inicial de Professores. Concepções e Práticas de Orientação*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.
- Jean, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens – um guia para pais educadores*. Lisboa: ASA Editores II, S.A.
- Laranjeiro, M. I. C. (2011). *Educação pré-escolar e primeiro ano do primeiro ciclo do ensino básico: que relações pedagógicas e vínculos didáticos?*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Leite, C e Fernandes, P. (2002). *Avaliação das aprendizagens dos alunos. Novos contextos, novas práticas*. Porto: ASA Editores.
- Leriche, A. M. (1975). *Os medos da criança*. Mem-Martins (Lisboa): Publicações Europa-América.
- Lopes, V. A., Bernardes, A., Loureiro, C., Varandas, J. M., Oliveira, M. J. C., Salgado, M. J., Bastod, R. e Graça T. (1999). *Actividades Matemáticas na sala de aula*. Lisboa: Texto Editora.

- Lopes, J. A. (2006). *Desenvolvimento de Competências Linguísticas em Jardim-de-Infância*. Porto: Edições Asa
- Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: Porto editora.
- Luís, H. & Calheiros, M. J. (2009). “ *Empenhamento adulto*” – *uma estratégia de supervisão?*. Lisboa: DGIDC.
- Luís, A. C. N. (2011). Almeida, J. (orien.). *Avaliação na Educação Pré-Escolar: Contributos para o processo de ensino-aprendizagem*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ludke, M. e André, M. (1986). *Pesquisa em educação – Abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Magalhães, V. F. (2008). A promoção da leitura literária: um mundo de verdura a não perder. In O. Sousa & A. Cardoso. (Eds.). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa; pp. 55-72.
- Maluf, A., C., M. (2009). *Brincar: prazer e aprendizado*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Marinha, M., I., S. (1989). *A família na educação da criança*. Lisboa: Livros Horizonte
- Marques, R. (1988). *Ensinar a ler, Aprender Texto a ler. Guia para pais e educadores*. Coleção Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Marques, R. (2000) *Dicionário Breve de Pedagogia*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martins, M. I. (Coord.) (2009). *Despertar para a Ciência*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Marujo, H. A., Neto, L. M. & Perloiro, M. F. (1998). *A Família e o Sucesso Escolar – Guia para Pais e outros Educadores*. Lisboa: Presença.
- Mata, L. (2006). *Literatura familiar – ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto: Texto Editora.
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação - Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Matos, M. G. (2010). *Educação para saúde*. In Revista Noesis n.º81 abril/junho. Lisboa: Ministério da Educação.
- Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mendes, M. F. & Delgado, C. C. (2008). *Geometria – Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação - Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Mendonça, M. (1997). *A educadora de infância: traço de união entre a teoria e a prática*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1996). *O sistema educativo português*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica.

- Ministério da Educação. (1998). *A história na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2001). *Ensino do Inglês – 1.º ciclo do ensino básico, Orientações Programáticas 1º e 2º anos*. Lisboa: Editorial Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2001). *Dos 3 aos 5 anos – no jardim de infância*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2002). *Reorganização curricular do ensino básico: avaliação das aprendizagens: das concepções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2006). *Organização curricular e programas do ensino básico – 1.º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2007). *Programa da Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2009). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2012). *Metas Curriculares de Português. Ensino Básico 1.º, 2.º e 3.º Ciclos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Moreia, V. (1999). *A criança dos 2 aos 6 anos*. Porto: Ambar.
- Moreira, D. e Oliveira, I. (2003). *Iniciação à Matemática no jardim-de-infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nabais, J. A. (s.d.). *À descoberta da matemática com os cubos – barras de cor (cores Cuisenaire*. Coleção "Constrói a tua Matemática". Rio do Mouro, Portugal: Educa – material didático.
- Nabais, J. A. (s.d.). *O ensino da matemática*. In *Cadernos de Psicologia e de Pedagogia, Revista de Ciências da Educação*. Lisboa: Edição do Centro de Psicologia aplicada à educação.
- National Council of Teachers of Mathematics (2008). *Princípios e normas para a matemática escolar*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- Neto, A. C. S. T. (2010). *A Supervisão Pedagógica e o Desenvolvimento de Reflexividade de Professores em Formação Inicial*. Esteves, M. M. F. (or.). Lisboa: Universidade de Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Neves, J. L. (1996). *Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades*. Mestrando do curso de pós-graduação em administração de empresas FEA-USP, São Paulo, volume 1, n.º3.
- Pacheco, J. A., Alves, M. P., Flores, M. A., Paraskeva, J. M., Morgado, J. C., Silva, A. M. e Viana, I. C. (s.d.) *Componentes do processo de desenvolvimento do currículo*. Minho, Portugal: Minhouniversitária: Livraria Minho.

- Pais, A. e Monteiro, M. (1996). *Avaliação – Uma Prática Diária*. Lisboa: Editorial Presença.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. e Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da criança*. Amadora, Portugal: McGraw-Hill de Portugal.
- Pato, M., H. (1995). *Trabalho de Grupo no Ensino Básico. Guia Prático para professores*. Lisboa: Texto Editora.
- Pérez, M. e López, E. (2001). *Diseños curriculares de aula. Un modelo de planificación como apredizaje – enseñanza*. Buenos Aires: Ediciones Novedades Educativas.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Estratégias de aprendizagem na aula: desenho e avaliação: seminário internacional II*. Madrid: Universidad Complutense.
- Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Peterson, P. D. (2003). *O professor do ensino básico: perfil e formação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Pieterse, M. (2006). *Aprender a ir à escola. Actividades práticas para o desenvolvimento mental e físico das crianças*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pinto, N. M. (1996). *Ritmos*. Lisboa: Portugalmundo.
- Pinto, J. M. C. (2000). *Novo prontuário ortográfico*. Lisboa: Plátano Editora, S. A.
- Pombo, O., Guimarães, H. M. e Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade – reflexão e experiência*. Coleção Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Portugal, G. & Laevers, F. (2010). *Avaliação em educação pré-escolar: Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.
- Ponte, J. P. (1997). *As Novas Tecnologias e a Educação*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1.º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pouts-Laujs, S. e Riché-Magnier, M. (1998). *A escola na era da internet. Os desafios multimédia na educação*. Lisboa: Instituição Piaget.
- Quina, I. P. (1991). *A criança dos 3 aos 5 anos*. Lisboa: Direcção-Geral da família
- Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A Relação entre Pais e Professores: Uma Construção de Proximidade para uma Escola de Sucesso*. Tese de doutoramento inédita. Universidade de Málaga, Departamento de Investigação e Intervenção Psicopedagógica.
- Ribeiro, L. C. (1990). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L.C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Roldão, M. C. (2009) *Estratégias de ensino. O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia, Portugal: Fundação Manuel Leão.

- Ruas, B. M. e Grosso, C. (2000). *Estatística, Combinatória e Probabilidades*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ruas, B. M. e Grosso, C. (2002). *Números e Operações Aritméticas*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um olhar novo sobre o método de leitura João de Deus. Apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Tese de Doutoramento Inédita, Universidade de Málaga, Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura.
- Russo, D. (2010). *Saberes e contextos na aquisição da leitura: o sucesso da utilização do método multissensorial em crianças disléxicas*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Rutherford, R. e Lopes, J. (1993). *Problemas de comportamento em sala de aula: identificação, avaliação e modificação*. Porto: Porto Editora.
- Salema, M. H. (1997). *Ensinar e Aprender a Pensar*. Lisboa: Texto Editora.
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e Estratégias de Actuação na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- Sequeira, L., Freitas, P. J. e Nápoles, S. (2009). *Números e Operações. Programa de Formação Contínua em Matemática para Professores dos 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação: Departamento-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Serrazina, L. (2002). *A formação para o ensino da matemática na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora.
- Severino, M. A. F. (2007). *Supervisão em Educação de Infância: Supervisores e Estilos de Supervisão*. Penafiel: Editorial Novembro.
- Sim-Sim, I., Silva, A. C. e Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: A compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Sherwood, E. A., Williams, R. A. e Rockwell, R. E. (1997). *Mais Ciência para Crianças*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Spodek, B. e Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Brasil: Artmed.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Souta, L. (1997). *Multiculturalidade & Educação*. Porto: Profedições.
- Steiner, C. e Perry, P. (2000). *Educação Emocional. Literacia emocional ou a arte de ler emoções*. Cascais (Portugal): Editora Pergaminho.

- Tarré, M. A. (2001). *Ser educado na multiculturalidade – Um estudo de caso*. Correia, J. M. (or.). Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Tavares, R. (2008). “*Com olhos de ver. A Banda Desenhada.*”. In Revista Noesis n.º 73 abril/junho. Lisboa: Ministério da Educação.
- Trindade, R. (2002). *Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem. Novas Práticas Pedagógicas*. Porto: Edições Asa.
- Tuckman, B.W. (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcelos, T. (2005). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores.
- Valadares, C., A., V., S. (2001). *O Trabalho de Grupo no Ensino da Matemática*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Veloso, R. M. & Riscado, L. (2002). *Literatura Infantil, Brinquedo e Segredo*. Malasartes n.º 10 (pp. 26-29).
- Veríssimo, A. (2000). *Registo de observação na avaliação de rendimento escolar dos alunos*. Porto: Areal Editores.
- Vieira, H. (2005). *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Presença.
- Whitfield, P. e Stoddart, M. (1994). *Os sentidos. Os caminhos da percepção*. Amadora, Portugal: Ediclube.
- Zabalza, M. A. (1994). *Diários de aula. Conteúdo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto: Porto Editora.
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em educação infantil*. São Paulo: Artmed.
- Zabalza, M. A. (1998). *Didática da educação infantil*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular da escola*. Porto: Edições Asa.
- Zeichner, K. M. (1993). *A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Educa.

Legislação:

- Diário da República (1993). Despacho N.º178/1993
- Diário da República (197). Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, Lei n.º5/97, de 10 de fevereiro
- Diário da República (2001). Decreto de Lei 6/2001, de 18 de janeiro.
- Diário da República (2001). Despacho Normativo n.º 30/2001, de 19 de julho.
- Diário da República (2006). Despacho N.º 12.045/2006 (2.ª série), de 7 de junho.
- Diário da República (2006). Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto.

- Diário da República (2006). Despacho Normativo n.º 50/2005, de 9 de novembro.
- Diário da República (2006). Decreto Legislativo Regional n.º 15/2006/A.
- Ministério da Educação. (2011). Circular n.º 4 de 11 de abril. *Avaliação na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, Ministério da Educação.

Webgrafia:

- Barros, J. (s.d.). *Festas na escola*. Recuperado em 2013, julho 15, de <http://educador.brasilecola.com/orientacoes/festas-na-escola.htm>
- Carvalho, J, Assunção, L. e Pinheiro, V. (2009). *A importância do treino das capacidades coordenativas na infância*. Recuperado em 2013, junho 25, de <http://www.efdeportes.com/efd132/treino-das-capacidades-coordenativas.htm>.
- Costa, C. (2011). *Reunião de Pais*. Recuperado em 2013, julho 1, de <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/importancia-reuniao-pais-mestres-427311.shtml>.
- Direitos da criança. Recuperado em 2013, abril 10 de, <http://www.unicef.pt/artigo.php?mid=18101111&m=2>.
- Donne, J. Recuperado em 2012, abril 5, de <http://pensador.uol.com.br/frase/MTI4Njg/>.
- Fátima, C. L. (2000). *Projecto educativo de escola, projecto curricular de escola, projecto curricular de turma. O que têm em comum? O que os distingue?*. Recuperado em 2012, junho 16, de <http://www.netprof.pt/PDF/projectocurricular.pdf>.
- Fisher, E. (s.d.). *O que é a arte?*. Recuperado em 2012, junho 16 de, <http://umolharsobrearte.blogs.sapo.pt/462.html>.
- Raisi, M. (2013). *Aulas de culinária na Educação Infantil*. Recuperado em 2013, maio 7, de, <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/aulas-culinaria-educacao-infantil-635178.shtml>.
- Savi, L. (2011). Alunos que têm medo de errar. Recuperado em 2013, julho 15, de <http://ometzonline.com/pt/noticia/alunos-que-tem-medo-de-errar>
- Silva, F. S. (2013). *Ter medo na infância*. Recuperado em 2013, abril 8 de, <http://www.coisasdecrianca.com/artigos/detalhe.php?idArtigo=156>.

Anexos

Anexo 1:

**Dispositivo de Avaliação do
domínio da Linguagem Oral e
Abordagem à Escrita**



Caça às Vogais

1. Circunda nas palavras abaixo as letras vogais.

lagartinha

letra

bom

depois

vou

viva

aqui

cores

curta

tenhas

amiga

euforia

elefante

2. Desenha a lagartinha euforia.

Nome: _____ Data: __/__/__

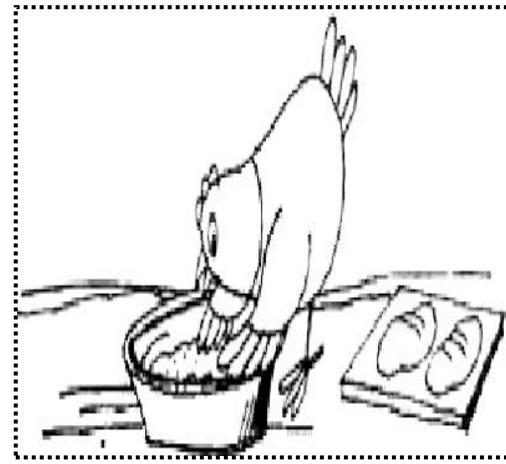
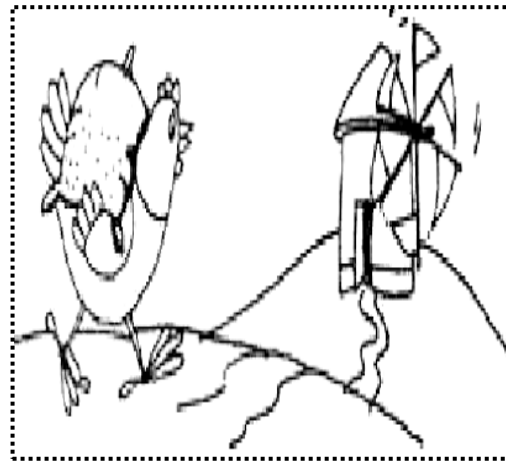
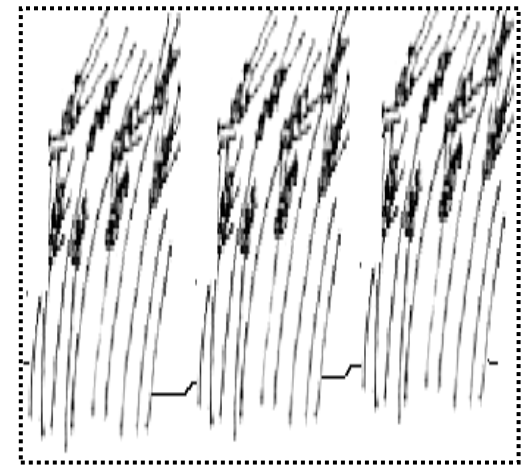
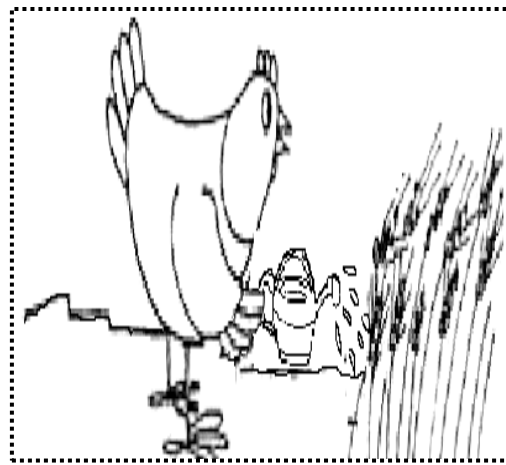
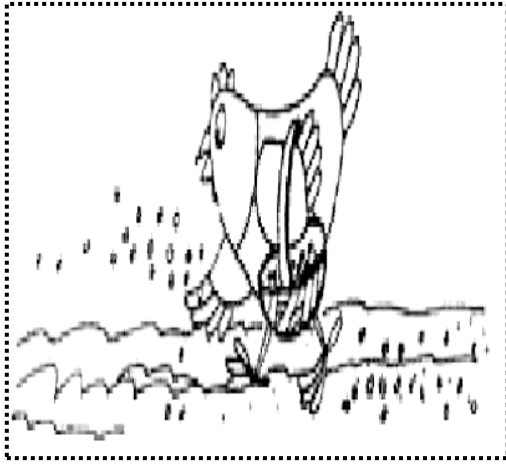
Anexo 2:
Dispositivo de Avaliação da área
do Conhecimento do Mundo



Agora que já ouviste a história:

- 1.1. Pinta as imagens e picota-as.
- 1.2. Depois de observares as imagens, cola as imagens pela sequência lógica (semear, regar, crescer o trigo, moer e fazer o pão).

Nome: _____ Data: __/__/____



Anexo 3:
Dispositivo de Avaliação da área
da Matemática

Nome: _____

Data: __/__/__

Situações Problemáticas

1. O Tiago tem 450 caricas distribuídas por 5 sacos. Quantas caricas tem cada saco?

Dados

Indicação

Operação

R: _____

2. Num passeio escolar alugaram-se 5 autocarros. Sabendo que nesse passeio foram 240 alunos, quantos alunos foram em cada autocarro?

Dados

Indicação

Operação

R: _____

3. O João tinha uma caixa com duas dúzias de bombons. Comeu 4 e distribuiu o restante por 4 amigos. O João terá comido mais que os amigos? Dá a tua opinião.

Dados

Indicação

Operação

R: _____

4. Na quinta da D. Maria existem 80 macieiras, 30 bananeiras, 50 morangueiros e 37 laranjeiras. Quantas árvores de frutos existem ao todo na quinta?

Dados

Indicação

Operação

R: _____

4.1. A D. Maria tem 3 sobrinhos a quem ofereceu as 197 árvores. Com quantas árvores ficou cada sobrinho?

Dados

Indicação

Operação

R: _____

Anexo 4

Dispositivo de Avaliação da área de Estudo do Meio

Nome: _____ Data: __/__/__

As cores

Na junção de duas cores conseguimos obter uma nova cor. Às cores que juntas dão uma nova cor chamamos de cores primárias. A cor que se obtém na mistura de duas cores primárias chamamos de cores secundárias.

1. Quais são as cores primárias?

2. Existem três cores secundárias. Enumera-as.

3. Escolhe uma das três cores secundárias que mais gostaste.

3.1. Representa as duas cores primárias que juntas dão a cor secundária que escolheste.